ANNO XXV —— N.º 45
Rio, 24 de Outubro de 1931
—— PREÇO: 1$000 ——

... Insubstituivel

ASSIM como não se substitue a personalidade, assim tambem, pela pureza do seu fabrico, pela sua rapida e absuluta efficacia e por ser de todo inoffensiva, a

CAFIASPIRINA

é unica e insubstituivel.

Por isso é ella, no mundo inteiro, considerada

o producto de confiança

Allivia e cura promptamente todas as dôres, de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., produzindo um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, enveloppes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

MÃE THEREZA — De Carlos Madeira

FOI Oswaldo quem m'a apresentou:

— Minha mãe!

E voltando-se para mim:

— Meu amigo Madeira!

— Muito prazer! — disse-lhe, curvando-me respeitosamente.

Ella sorriu, um sorriso leve como um vôo.

— Meu filho! — falou-me, maternal, com caricias na voz.

E pediu-me que me assentasse ao seu lado, que assistissemos, juntos, áquella festa. Era a entrega dos diplomas aos doutorandos da minha turma, da turma que já não era a minha, pois eu a abandonára em meio do successo...

Ella falou-me, longamente, de suas tristezas, e da compensação desses minutos em que via ser coroado tanto sacrificio. Sobre um tablado cheio de rosas, de polychromia festiva, enfileiravam-se os novos doutores. Lá estava o Oswaldo, vermelho, emocionado, dentro duma fatiota que o empacotava distinctamente.

Solenne e apparatoso esse momento... Eu recordava. Longe ficavam as minhas travessuras e o Padre Simplicio a reprehender-me, gravemente; esfumado pelo tempo, num embaralhamento de traços, numa confusão de idéas, o olhar, o doce olhar de Frei Francisco; e aquella voz de desconforto do sceptico vigilante a chamar-me de dentro do sonho para a realidade funesta da vida...

Uma salva de palmas trouxe-me para a realidade festiva da vida... A victoria de Oswaldo!

Era uma senhora duns cincoenta annos, de cabellos prateados, olhos de quem olha para o outro lado da vida: chamava-se Thereza. Lembrei-me della, apenas uma semana após aquella festa: quando me mandou chamar por Oswaldo. Fui. Recebeu-me num contentamento que me surprehendeu. Disse-me que notára qualquer coisa de mais grave em meu semblante, quando do nosso primeiro encontro. Pediu-me que voltasse á escola e que me formasse; ella morreria feliz vendo seu filho assistido, sempre, por mim; eu (tão bom, dissera ella) devia espalhar toda a brandura dos meus gestos no cuidado aos infelizes, nos hospitaes, minorando-lhes as dôres da carne ulcerada, dando-lhes alento, alimentando suas almas com o fogo da minha voz, emquanto lhes salvasse o corpo. Quando assim falava, seus olhos ficavam fixados em mim, numa persistencia que me desageitava. Suas mãos tremiam. Eram um contraste sua voz e seus cabellos brancos...

Das vezes que lá voltei, tive a mesma recepção acalorada. Sabendo que eu gostava de musica, ella sentava-se ao piano, e no teclado seus dedos tremulos conseguiam agilidade e harmonia. Tocava sempre valsas. Tinha predilecção pela "Abysmo de rosas". E integrava-se tão bem no sentido da musica, interpretando-a com tanta emotividade, que nessas occasiões eu me despertava pensando que artista não vivera nessa mulher de alma sensibilissima, mais vibrante ainda, por certo, na adolescencia quando a vida é estrada suave cheia de mil encantos e flores mil...

Numa tarde, á minha sahida, descobri-lhe uma lagrima nos olhos tristes — lagrima intromettida, que teimava em descer pela face, no sulco das rugas. Apertou-me a mão com uma força que eu desconhecia nella...

Depois, passei a receber, continuamente, cartas de mãe Thereza; acostumei-me a chamal-a assim... E lembrava-me do sorriso e da solicitude com que ella me attendia: caricias mornas, cuidado maternal...

Aquella mulher de cincoenta annos não estaria amando em mim uma visão do passado? Seria eu um sósia do pae de Oswaldo?! Estaria ou assoprando as brazas adormecidas do coração de mãe Thereza? E das cinzas estaria eu fazendo resurgir um grande amor de mulher?!

Eu ficava ahi, nessas conjecturas.

Um telegramma pedia-me que voltasse. Era de mãe Thereza. Entanto, preoccupações tolheram-me todas as possibilidades de attender áquelle seu pedido simples, laconico, mas, que se me afigurava uma supplica:

"Venha. — Thereza."

Uma semana depois, era Oswaldo quem reclamava minha presença lá:

"Necessito você aqui. — Curti."

Com presentimentos funestos, embarquei: receiava acontecimentos tragicos, algo de anormal...

Mãe Thereza vinha do fundo da minha saudade infiltrá-la, com suas mãos brancas alijando os meus cabellos negros, contrastando; com aquelle sorriso — flôr emmurchecida sob o inverno dos seus cabellos brancos...

Mãe Thereza...

Subi de quatro em quatro os degráos da imponente escadaria. Passei entre jasmins... Flores pendiam dos jarros apocalypticos. Trepadeiras galgavam paredes de rusticos propositaes. Esse ambiente colorido e calmo era um sarcasmo á minha ansiedade nervosa.

Não tive tempo de comprimir o botão da campainha electrica. A grande porta de ébano arrastou-se vagarosa, suave, suavemente... compellida pelas mãos tremulas... De quem?

Era mãe Thereza. Estava transformada, mas, era ella. Roçou, imperceptivelmente, numa caricia medrosa, sua mão branca pela minha dextra. Senti seus labios frios, tremendo, em minha testa em febre. Ahi, abracei-a, commovido; apertei-a em meus braços, mas, não senti seu contacto, á pressão contra meu busto. Fiz mais força, nervoso. Mãe Thereza estremeceu, ao tempo que um baque estranho e impressionante denotava o deslocamento de suas vertebras, a um ruido de ossos que se partiam... Soltei-a, a um gemido. Ella permaneceu deante dos meus olhos atormentados, estatica. Mãe Thereza não falou, não disse nada. Chorava. Seus olhos desappareciam na corôa roxa das olheiras. Seus cabellos estavam em desalinho. Suas vestes pareciam nuvens esgarçando-se... Eu não via seus pés. Ella oscillava. Parecia estar no vacuo, sem ponto de apoio. Mãos fluidicas, gestos rythmicos...

Ficava no ar um cheiro de incenso e de rosas murchas. Aos meus ouvidos chegavam notas vagas... Eu percebia na musica mutilada todo um presagio estranho, tudo tão singular, que me fugia á comprehensão. Mãe Thereza surgia-me vaporosa, dentro de suas attitudes mansas, com a sua affectuosidade immensa. Mas, dessa vez, não me falava. Eu ouvia um sussurro de reza e um som metallico de sinos, e musica languida de harmonio, e religiosa serenidade em tudo fluctuando...

Foi um alvoroço de alegria momentanea, a chegada de Oswaldo á sala. Vinha todo de preto, hombros curvados, uma infinita tristeza no olhar.

E contou-me a mim estarrecido, de como, dolorosamente, pedindo que me chamassem, dizendo alto meu nome, ansiando por mim... morreu mãe Thereza.

O salão entornava luzes pelas janellas ensombradas de cortinas. Nossos olhares passeiavam pelas paredes vestidas de paizagens bizarras e extranhas — unico recreio para nossa impaciência.

Porque nada mais insipido que aguardar o inicio de uma festa, máximé quando ella é de arte e tardam os recitalistas...

Pois era esse o ambiente de expectativa, naquella noite. Expectativa ansiosa, que se fazia neurasthenizante... Portanto, nossos olhares subiam as paredes, admirando quadros, contornavam as estatuetas lindas que ornavam o salão onde teria logar o concerto. E os olhares se cruzavam e obrigavam os outros a se fixarem em tal jarra trabalhada cuidadosamente ou em um quadro a óleo interessante.

Era evidente o bom gosto daquella familia que tão fidalga e generosamente nos acolhia, cumulando-nos de gentilezas.

Vinha de fóra um perfume de rosas — grandes rosas Fausto Cardoso — que salpicavam de tons vários os canteiros de fundo esmeralda.

A impaciência parecia querer dominar-me. Os que fumavam, licenciados pelo dono da casa, fizeram uso dos cigarros, divertindo-se com olhar as espiraes da fumaça subindo para o tecto.

A mim — que não fumava — só restava uma sahida: ir para a janella, fingir mais impaciência, procurando divisar nos que chegavam algum collega artista... Ergui-me. Encaminhei-me para a janlla mais proxima. Puz a cabeça fóra. Uma brisa leve acariciou-me o rosto; vinha impregnada de um perfume penetrante de rosas...

Em breve enfastiei-me daquella posição alli. Voltei a occupar a poltrona confortavel que me fôra designada ao chegar. Fiquei mergulhado em scismas, afagando pela sêda macia de uma almofada que augmentava a delicia do movel. Quanto tempo fiquei alli, não me lembro. Sei que fui despertado por um rumor confuso de vozes, á porta do "hall".

Um sorriso mascarou meu semblante. Adivinhei que chegava os recitalistas que se faziam esperar. Commigo pensavam todos os presentes, pois os olhares convergiram para o ponto de onde vinham as vozes confusas.

Mas qual não foi nossa surpresa quando vimos entrar uma pessôa estranha as aspirações nossas! Vinha muito solicita, ao lado, a Julinha — uma loura interessante, filha do dono da casa.

Olhamos o conviva introduzido. Sabia-a eu que a joven era quasi inimiga da Julinha — anthi-

— Quando eu fôr homem, usarei uma barba como a deste senhor?

— Para que?

— Quero ter, na cara, menos espaço para lavar...

TRECHO DE ROMANCE

O "13"

QUERERÁS este cartão?

Desde que Leonardo da Vinci pintou o quadro da Santa Ceia, com os treze á mesa e o saleiro entornado na frente de Judas — surgiu no mundo o prestigio fatal e invencivel desse numero, ao lado das innumeraveis phobias e superstições mais antigas.

E quem não terá sua superstiçãozinha, mesmo reconhecendo-a absurda?

Só quem não tivesse tido avós, quem não tivesse no sangue o plasma hereditario do troglodyta, do selvagem, das civilizações extinctas e dos seculos medievos...

Nem se diga que as crendices são apanagio exclusivo dos ignorantes. Nada disto! Pertenceram tambem aos espiritos cultos de todas as idades: Plinio acreditava no poder mirifico de certas pedras e plan-

De Paula Chaves

pathia oriunda de umas intrigas rasteiras, cuja fonte fôra essa morena que chegára.

Ruth amava um amigo do namorado de Julinha. E, como fosse elle mais rico do que o outro, vivia a elogiál-o, emprestando-lhe attributos que nunca o seu amado sonhára possuir... Dahi a ogeriza que Julinha sentia pela Ruth, que entrava triumphalmente, sorrindo um sorriso sangrento de "rouge"...

Após os cumprimentos de estylo, collocou a filha do dono da casa uma confortavel poltrona de couro, indicando-a para a recem-vinda: "Faça o obséquio de sentar-se! A casa é sua!"

Não me escapou a ironia do gesto; a amargura com que ella disse essas palavras; o volver de olhos desconfiados sobre todos...

Receiava, com certeza, que alguem de nós photographasse sua contrariedade. Fingi que não percebêra as contracções músculo-faciaes que foram o complemento do seu gesto, ao apresentar a poltrona á falsa amiga. E isso me fez lembrar um artigo de amigo meu sobre as convenções sociaes.

. . . .

A Julinha sobravam carradas de razão. Ruth andára mal, falando contra Mario. Si lhe faltava dinheiro sobrava-lhe talento. O outro — seu namorado — é que não seria capaz de manter uma palestra animada com pessôas cultas, em um salão. Que valor possúe o dinheiro para emprestar importancia a pessôas, em torneios de intelligencia?

Dahi a indisposição de Julia relativamente á amiga. Só Mario — o seu bem amado — não tinha o direito de entrar naquella casa! Indispuzeram-se com suas mamãs. Estranhos, musicos, poetas, cantores, todos podiam livremente usufruir todas as delicias daquella noite que promettia ser agradabilissima! E Mario, talvez sonhasse estar alli, ao seu lado, mas estava longe, impedido de ser participe com os demais!

Tive pena da tortura que lhe roia a alma. Confesso que estive a ponto de me acercar de Julinha e falar sobre isso, procurando dar-lhe lenitivo para o soffrimento. Mas deteve-me o receio de, embora bem intencionado, ainda mais avivar a chaga accesa do seu coração.

A Ruth é que seria impossivel perceber por que era tão bem tratada; por que recebia tantas homenagens que jamais merecêra... Era tão pobre de espirito...

---

tes; Augusto trazia uma pelle de phoca, para se livrar do raio e todos — absolutamente todos — os doutos da Idade Media criam no prestigio dos demonios, das formulas e dos feitiços.

Os tempos modernos não estão mais livres do sortilegio. Espiritos de invulgar cultura, filiados a correntes espiritualistas, explicam nos jornaes a influencia dos symbolos e instrumentos dos *camdoblés* sobre os espiritos que attrahem...

Irei mais longe, dizendo que todos os humanos são supersticiosos e são theistas.

Tomem o atheu mais negador e incrédulo. Façam-no amar ou soffrer intensamente e verão si elle — ao menos por minutos — não acreditará na Providencia, não terá mêdo de um chinello virado ou deixará de respeitar uma ferradura pregada atraz da porta...

ALMEIDA COUSIN

(De — *Cartões a Lúlace* — inedito)

— Papae, o senhor gosta de moscas?
— Que queres dizer com isto?
— Pergunto, porque, ainda ha pouco, havia uma na saladeira, e, agora, já não está...

O SACRIFICIO

Vou contar-vos uma historia, da qual são protagonistas Ella e Elle.

Ella: Nelly. Trinta annos, mais moça do que elle, o que equivale a dizer que elle a sustenta. Meúda, graciosa, bonita.

Elle: Gontrán Faivier. Cincoenta annos. Cabello tingido. Elegante.

Ella gasta. Elle paga.

Elle é feliz. Ella... está tão acostumada.

E' dia de aborrecimento e violencia. Varios copos que Nelly deixou cahir no chão motivou os commentarios da criadagem.

Causa da briga: um abrigo de 10.000 francos, que Nelly deseja ardentemente e que Gontrán se nega a comprar.

— Não has de querer fazer-me crer que não tens os 10.000 francos — diz ella.

Procura elle fazer-lhe comprehender que, effectivamente, tem no Banco mais de 10.000 francos e que, no emtanto, não póde **gastar** essa somma em um abrigo.

Nelly não o comprehende, embora o argumento seja muito simples. Gontrán **mantém** duas casas: a sua e a de Nelly. E, embora desfructe de uma renda solida, seus gastos não podem estar á mercê dos caprichos de sua amiga.

Continúa discussão, e, por fim, Gontrán sae, dominado por **sombrios** pensamentos. Não encontra seu automovel na porta e resolve ir a pé.

Um homem assim preoccupado não repara em nada. Não é, pois, estranho, que, ao atravessar a rua, **Gontrán** fosse atropelado por um automovel. Da multidão sahem uns gritos, e a victima perde os sentidos.

Permanece nesse estado até o dia seguinte, passando uma noite de ininterrupto delirio. Verifica, então, que se machucou bastante, e sorri com alegria. Porque Gontrán está apaixonado, e de seu accidente, de seus ferimentos e de seus soffrimentos deduz que vae poder comprar o abrigo de Nelly.

Não comprehendeis?

Ora... um accidente se paga. A classica indemnização. O atropelado cobra por seus ferimentos de accordo com uma tabella, e calcula em 20.000 francos, pelo menos, a importancia a receber.

Feita essa deducção, perfeitamente lógica e razoavel, Gontrán mandou chamar Nelly, immediatamente.

E quando ella já se acha ao seu lado, mimosa e terna, em uma notavel interpretação de dôr, elle lhe diz:

— Toma, querida. Ahi tens o dinheiro do abrigo.

E entrega-lhe um cheque pela somma que já conhecemos.

Nelly vibra de alegria. Brilham-lhe os olhos. Ella se transforma e prorompe, agradecida:

— Oh! Como és bom! Minha vida! Vou comprar sem demora o abrigo. E esta noite o exhibirei no theatro, para que mais de uma se rale de inveja.

E ia sahindo.

— Não me dás um beijo? — reclama elle.

— Tinha receio de magoar-te.

Transcorreram dois ou tres dias, communs, abor-

LAS PALMAS

A Cathedral foi, como, aliás, é meu costume, todas as vezes que chego em terra estranha, o primeiro logar que visitei em Las Palmas.

Confesso que me surprehenderia em ter encontrado, naquella cidade esquecida quasi no progresso, um templo tão sumptuoso e bello si não soubesse tradicional o espirito religioso em toda a Hespanha. Porque o primeiro templo dessa cidade é, na verdade, grandioso. Vasto com suas largas columnas de marmore elevando-se até o tecto. Os altares riquissimos em sua vetustez. Aquelle côro central, onde resoavam as sonancias vocaes de sacerdotes celebres nos magnificos hymnos da christandade. Que formoso conjuncto de religião e esthetica!

Essa cathedral possúe, em seu centro, uma grande torre a que nos conduz um primitivo elevador de madeira, que o sacristão faz subir comnosco, por meio de uma corda... e de uma "peseta..."

De lá, divisámos o attrahente e bello panorama de Las Palmas.

Após demorada visita, encantados, deixámos o lindo templo.

Pelas ruas, agora, caminhavam, á hora da missa, *señoritas* e señoras, trajando de negro e á cabeça o classico chale "assorti"...

De quando em vez, aqui, acolá, surgia um torrador de café ambulante.

Seguimos pelos trechos centraes, onde o commercio é interessante e bastante desenvolvido. O que mais me seduziu, no emtanto, foram, dentre os moveis, pequenas mesas de primoroso lavor em varios estylos... Que ricas, que bellas!

Las Palmas, como toda a cidade que se préza, possúe o seu museu, onde existem collecções interessantissimas.

Dahi rumámos pelas estradas. Emquanto o automovel ia pelos caminhos, por entre uma nuvem de poeira, pittorescos flagrantes iam se desenvolvendo a nossos olhos. Como era bonito tudo aquillo! As mulheres do povo, camponezas lindas e coradas, os campônios de cachimbo á bocca, a puxarem os jericos, as pequenas tropas de camello... *Joli comme tout!* Como me encantavam aquelles aspectos rusticos!

Pela mesma estrada, um riacho junto a um paradão e as formosas lavadeiras cuidando de seu mistér. Dentre ellas, uma havia que se distinguia das demais com seus negros olhos, cabellos ondulados e negros tambem, téz de alabastro. apesar do sol impiedoso, o rosto

De André Birabeau

recidos, iguaes, cinzentos. E quando Gontrán recobra a lucidez, vê sobre a mesa de cabeceira uma carta de Nelly. Estira um braço e se apodera da missiva. Abre-a e lê:

"Nene querido. — Já me conheces e sabes que sou muito franca. Por isso, sem hypocrisias nem rodeios, vou dizer-te a verdade. Quando sahires e vieres visitar-me, terás que fazêl-o apenas como um cavalheiro amigo. Nada mais. Eu te quiz e to demonstrei. Mas acabo de encontrar outro homem, por quem me apaixonei, e que é bem differente de ti... Comprehendes? Não esquecerei que esta felicidade, eu ta devo a ti. Fazia já algum tempo que eu gostava desse homem, mas elle não me dava importancia até a noite em que me viu no theatro, tão elegante com aquelle rico abrigo que tu me deste. E olhou-me, então, e falou-me, e..."

De modo que elle havia entregue 10.000 francos, ganhos dolorosamente, para que ella gostasse de outro? Dez mil francos! A mettade do que razoavelmente poderia esperar de seu atropelador... E...

— Entre! ...

Era Antonio, seu chauffeur, que entrava no aposento do enfermo.

— Que ha, Antonio?

— Venho saber noticias do senhor. Não vim antes, porque não lhe podia falar. O senhor esteve bem mal... Perdôa-me?

— Que?

— O senhor deve comprehender. São coisas de homens. A criadinha do terceiro andar e eu nos gostamos ha tempo. Quiz dar-lhe uma alegria, e como esperava que o senhor demoraria bastante em sahir da casa da senhorita Nelly, levei minha noiva a dar umas voltas pelo Bois de Boulogne. E o que são as coincidências: quando voltavamos, atropelámos o senhor...

— Que?! Que estás dizendo?!... Mas, eras tu?!...

— Quasi se póde dizer que foi o senhor quem se metteu sob as rodas do carro...

— De modo que foi meu carro... foi meu carro que me atropelou?...

Sim. Era elle quem teria que pagar a si mesmo a indemnização que pudesse reclamar... E, emquanto o patrão avocava, aturdido, o abrigo que comprára para Nelly, Antonio acrescenta:

— Devo dizer ao senhor que o carro ficou inutilizado, e que só um carro novo poderá substituil-o.

— Mas, então, além de não poder cobrar nada a ninguém, tenho que comprar um carro novo?

— Infelizmente, é assim, patrão. Só ficaram inteiros o volante e uma das rodas...

— Bonito negocio o meu!

— E' que, ás vezes, as coisas não sabem como a gente espera...

Então, Gontrán endireitou-se na cama e, com voz estentorea...

Mas é meia noite quando escrevo esta historia. Quero deitar-me cêdo. E o que Gontrán disse, com voz estentorea, os leitores adivinharão facilmente, sem meu auxilio...

(de "Impressões de viagem")

oval, apresentava um typo digno do amôr de um rei. Por que não? Mme. Sans-Gênè tambem um dia brincou com agua e anil e, fazendo bolhas de sabão, fez o seu destino tambem... As lavadeiras, sorrindo, foram ficando atraz, gravadas em meus olhos como uma téla esquisita...

Passámos pelo principal hotel. Uma residencia americana. Bungalow e jardim florido. Fomos parar em um deserto de areia. Quizemos obter um pouco della como recordação daquelle "croquis" do Sahára. Um grupo de homens, tal qual os arabes, surgiu em protesto. Era a sua terra, que não lh'a tocássemos. Assim fizemos e íamos "bater em retirada", quando, arrependidos, gentis, os bons hespanhóes nos pediram desculpas e trouxeram para a "chica" em um improvisado sacco de papel, a areia desejada. Espantei-me. Para mim?!... sómente depois é que comprehendi... O feminismo ainda não chegára lá...

Cabe-me, aqui, um pequeno reparo. Que gente aquella de inflammados melindres patrioticos! Ao passarmos por uma estrada de alfarrobeiras, papae, que quando via planta parecia mulher bonita quando via joia, quiz apanhar alguns exemplares dessas arvores para o seu herbário. Pois não é que umas camponezas, que falavam pelas tripas de Judas, protestaram tambem? Surprehendi-me! Meu Deus, a honra de Las Palmas não estava nos galhinhos das alfarrobeiras! Além disso, que sentimento melhor, o de um estrangeiro, animado da lembrança que aquellas folhas marcariam?

E as mulheres falavam, discutiam, discutiam furiosas. Caramba! Mas soubemos — o fructo das alfarrobeiras é muito dôce, (juro que o não provei): era por causa dos fructos, estava visto... "Dos fructos que, — disse-nos um hespanhol, — fazem as mulheres que os comem falar sete annos sem parar... Por isso é que as hespanholas falam tanto"... Estava ali a maior prova...

Deixámos Las Palmas e, seguindo sempre novo rumo, aproximavamo-nos da gloriosa França. Fugia o encantamento das montanhas de Hespanha, que ali do littoral, envolta na gaza da neblina, beijadas pelo sol, apresentavam um scenario ora roseo, ora azul, como um colorido de Watteau, que ficasse no deslumbramento de meus olhos...

Dilke de Barbosa Rodrigues

OPTIMISMO

Estava eu numa pequena cidade do nosso "hinterland", quando conheci Gilberto, ainda estreante na advocacia. Era tempo da eleição dos vereadores e S. José da Cruz do Rio das Almas aproveitava o ensejo para transformar a sua pasmaceira habitual numa fogueira de "convicções politicas". Estas se distribuiam em duas correntes: Uma, cujo chefe, o coronel Guillermando de Mattos, fugia decerto á suggestão do nome, sendo um velhinho manso, tatibitante, "incapaz de matar uma mosca", e o mais forte urdidor de intrigas que até hoje vi. A outra, encabeçada por um quebra-tenazes qualquer, alcumhado o "Dynamite", offerecia feroz resistencia á primeira, creando assim uma situação nauseante, onde tudo era insidia. Indemnes do mal politico, estavam sómente eu e Gilberto. Eu, pelo cuidado de não ouvir, de não falar e não commentar. Elle, por disposição innata, pois possuia um optimismo ingenuo, infantil mesmo, que o isolava do paul das ambições infrenes. Era um emotivo, mas de alma simples, sem exotismos nem ambiguidades espirituaes. Um dia, me disse:

— Parece-me que, emfim, realizei o meu ideal feminino. Uma mulher singela e doce...

— Meu caro, as mulheres capazes de dulcificar a existencia de um homem intelligente são frutos das civilizações trepidantes. A provincia nos offerece ozonio para os pulmões, e scenarios anacreonticos que deleitam a vista. Nunca, porém, uma "mulher-bromerio" para a nossa sensibilidade...

— Paradoxo... A mulher de velludo na voz e rendas na alma só póde florescer na paz do campo.

— Não. E' filha da nevrose que impéra nas grandes cidades.

— Emfim, minha existencia é árida, vazia...

— Espero, ao menos, que não se chame Segismunda...

— Chama-se Yvonne, é filha da viuva X. Tu a verás, á tarde, quando passarmos pela sua casa. Móra na rua da Onça.

Ah! Nunca esquecerei aquelle candido perfil, enquadrado numa janella com cortinado de "tulle"! Dois olhos azues e duas tranças: uma figurinha de folhinha. O joven e futuroso advogado passava, e sorria. A moça sorria, anemicamente. A mãe, (retrato da filha, deformado pelos annos), assomava o corpanzil, careteava um sorriso, (que eloquente o sorriso das mães de filhas casadoiras!) e abanava a cabeça, com orgulho. Esta scena se reproduziu durante quasi um mez, indicando serem firmes as intenções, de lado a lado. Quando, por acaso, não se viam, trocavam bilhetes assucarados, fazendo de correio o moleque Cunegundes. Este Cunegundes, que assim entra na historia, era um cabra alto, espadaúdo, prestigioso eleitor de Guillermando. Uma tarde, por séde de sangue, armou um rolo no largo da Matriz. E já ia se escapando, impune como costumava, quando quatro capangas do "Dynamite", que ha muito aguardavam a occasião, o prenderam, entregando-o á policia. O coronel, então, poz as mãos na cabeça:

— Nossa Senhora! Justamente na horinha das eleições me trancafiam com o rapaz! E' preciso salvar o Cunegundes!

E abalou á procura de Gilberto. Este se deixou enleiar pela argumentação capciosa do velho, que torcia os acontecimentos a seu belprazer. Dias após, no jury, desenvolveu caudaes de eloquencia, tendentes a provar ser tudo uma vingança politica. Conseguiu a absolvição, mas os animos se exaltaram. A facção opposta, accêsa em odio, tramou ferozmente uma vingança. E, uma noite, as ameaças se concretizaram na resolução odiosa de matar Gilberto e incendiar-lhe a casa, para que ficasse bem vivo o exemplo. Felizmente, Cunegundes, já solto e de sobreaviso, pescou a trama no ar e correu a dar-lhe noticia. Gilberto, no primeiro instante, tonto de somno, ficou inerme pelo imprevisto. Mas o tempo urgia. Num apice, Cunegundes fez-lhe as valises, arreiou-lhe o cavallo. E dinheiro? Gilberto tinha algum, em casa, porém, o "grosso", guardava-o no banco. Então, do seio tenebroso dos acontecimentos resurgiu o inveterado romantico... Desvairado, galopou pelas ruas desertas, parou á porta de Yvonne e bateu, desabaladamente. Pediu penna e papel. A's pressas, foi rabiscada uma procuração, para que Yvonne recebesse o seu dinheiro e, ás pressas, se despediu:

— Yvonne, meu amor, fujo para Tres Pedras. Amanhã a espero. Sim, lá mesmo nos casaremos. Adeus, adeus...

Beijou, com ansia, a meiga, a doce, a angelica Yvonne. E, veloz, partiu, estrada a fóra. No dia seguinte, tambem eu, chamado por negocios urgentes, deixava S. José, a caminho do Rio.

Tres annos depois, passeiando pela Avenida, esbarrei com Gilberto, de quem nunca mais tinha tido noticias:

— Oh, homem, que surpresa, tu! Venha de lá um abraço!

— Pois, sim, — exclamou elle, numa dobadoira — um abraço e um "chopp", para commemorar o encontro!

E nos sentamos a uma mesinha externa de um "bar". A Avenida enfiava pelos olhos uma deslumbrante visão polychromica e nós remexiamos, como era natural, o inconsciente, em busca do passado.

— Estou encantada com teu pae. Que bello porte tem elle! E como lhe assenta, admiravelmente, o cabello grisalho!

— Devéras? Pois o cabello grisalho, elle o deve a mim.

de Eurico Nogueira França

— E Yvonne? — indaguei.

Gilberto amarellou o sorriso:

— Bella bisca, hein? Deixou-me todo um mez, á espera, naquelle ermo de Três-Pedras!...

— Não appareceu?...

— Evaporou-se! Nunca mais a vi!...

— E a mãe?

— Nada!...

— E o dinheiro?

— Nada, tambem, está visto. Evaporou-se com ella...

Eu engasguei com o "chopp":

— Mas isto é incrivel, homem, é phantasmagorico! E que cataclysma para a tua sensibilidade! Romantico e sonhador como és, soffrer um golpe desses!

— Qual! Logo me refiz. E, no fim das contas, acho que até foi bom.

— Bom? — Estranhei.

— Sinão optimo. Que diabo! Eu não passava de um lyrico imbecil, naquelle tempo. Meus nervos vibravam, desafinadamente, sob o influxo de causas tolas, que um erroneo senso esthetico e uma falta de gosto sublimizavam. E tudo isto accrescido de uma doença perigosa: a bôa fé. O cataclysma, como dizes, beneficiou-me em extremo.

— Tornou-te um sceptico.

— Não. Os scepticos só crêm no mal. Da mesma fórma eu, antigamente, só enxergava o bem. Hoje percebo que, para usufrui-lo, é necessario não darmos aos outros opportunidade de nos molestarem. Uma attitude logica de defesa, em face da aggressividade ironica da vida...

— E em face da perfidia das mulheres. Especialmente, quando são tolas, como as que enfloram a Avenida...

— E que lindo pé, o daquella loura!...

— És fetichista?

— Sou fabricante de calçados. Abandonei a advocacia pela industria.

— Rende?

— Bastante. Por signal vou augmentar o negocio e procuro um sócio.

— Que dizes? Um sócio? E que capital precisas?

Gilberto disse a cifra: o negocio parecia vantajoso. Logo entrámos em minucias e, horas depois, quando nos despedimos, tinha resolvido associar-me a elle.

Durante dois annos mourejamos juntos. No ultimo dezembro, já nos sorria a prosperidade, tendo o nosso escriptorio, por essa occasião, um aspecto de verdadeiro cháos. Gilberto examinava um masso de facturas, que excediam a mesa e se alastravam pelo chão. Eu cumpria, junto ao cofre forte, a embriagante tarefa de contar dinheiro. E eis que, perturbando a nossa paz interior, surge inopinadamente, Yvonne. Surgiu dulcissima, mas fez o effeito de uma bomba... E que lastima! Faces encovadas, olhar sem brilho, o corpo dançando dentro dum vestido que se adivinhava ainda da provincia! Ante o nosso espanto, falou, com voz sumida:

— Venho devolver o teu dinheiro, Gilberto.

E pousou, sobre a mesa, um cheque de vinte contos.

— Mas, como se explica?... — regougou o meu amigo.

— Elles me sequestraram, os bandidos!... Depois, quando te procurei, já havias partido... Mamãe morreu, de desgosto. E eu, louca por te encontrar, cinco annos a fio, sem saber onde estavas!...

— Meu amor!... — fez Gilberto, num impeto.

E beijou-lhe as mãos de cêra. Entretanto, logo se contrafez. A situação apparecia-lhe bem clara, com o caminho do dever traçado nitido. Não podia receber os vinte contos e deixá-la partir. Tinha que acolhê-la, acarinhá-la, casar-se com ella!... Esta ultima idéa alarmou-o, intensamente. Murmurou uma desculpa confusa, fez-me signal para que o seguisse e se dirigiu para o aposento contiguo.

— Em que funduras me metti! — disse, medindo o quarto, ás pernadas.

— Queres um alvitre? — propuz.

— Alvitre, homem, alvitre!

— Dá-lhe o dinheiro e a recambia para S. José...

Gilberto estacou:

— Ella se mata!

— Convence-a de que és casado!

— Ella se suicida, está-se vendo pela cara. E pensas que é brincadeira?... Cinco annos á minha procura! Cinco annos de provações e sacrificios e sem tocar no dinheiro! Qual, não existe solução! O meu dever é casar!

Eu concordei, em silencio. Gilberto caminhou até a porta, como uma rez para o matadouro. Mas, na sala, ninguem! Ninguem, igualmente, no corredor da entrada.

— Yvonne! — gritámos, em unisono.

Nada. Apenas, o cofre, que eu deixára cerrado, estava ás escancaras e — e de um salto me certifiquei — limpo, vazio, sem nem um ceitil dentro.

— Ladra! rugi, furioso.

Gilberto parecia atacado de catalepsia:

— Mas, este cheque!... — Exclamou.

— E' falso, sem fundos. O fim della era aproveitar a primeira opportunidade e carregar com tudo...

Porém, Gilberto já se desmanchava num sorriso:

— Ah! Meu Deus, que felicidade! Foi melhor assim! Isto é mil vezes preferivel ao casamento!

Eu, entretanto, não partilho, em absoluto, a opinião do meu amigo. Pois o vultuoso desfalque, em época de crise, nos levou, posteriormente, á fallencia. E é por isso que hoje eu vivo escrevendo historias...

O Job moderno — Interpretação symbolica da divina qualidade da paciencia...

Pequenas historias internacionaes

SIR Frederick Bridge achava-se na Russia com seu amigo o novellista James L. Player.

Acabavam de visitar Moscou e iam partir para Leningrado.

Seduzidos pelas maravilhas architectonicas da cidade, não perceberam os dois amigos que o tempo voava, e quando mister Player consultou seu relogio, só lhe restavam trinta minutos para alcançar o trem.

— Depressa, um automovel!

Encontrado este, se lhes apresentava uma nova difficuldade. Como explicar ao *chauffeur* que desejavam ir á estação? O homem não conhecia patavina de inglez, nem elles sabiam russo.

— Escuta! — propoz o novellista. — Tu farás a locomotiva. Emquanto moves teus braços como para dar impulso á machina, dirás: "Pschufff! pschufff! pschufff!..." Ao mesmo tempo, eu farei o gesto de puxar de uma corda de escapamento e assobiarei. E que o diabo nos leve si este typo não comprehende!

Quando o barbudo moscovita contemplou um momento os viajantes, que se desfaziam em sua ridicula mimica, riu gostosamente. E, fazendo-os subir a seu carro, poz este em movimento, com certa velocidade.

— Que sorte! — exclamou Frederick Bridge, satisfeito. — Graças á tua intelligencia, estamos salvos!

— Psch! Era tão simples! — respondeu, com modestia, seu companheiro.

Dez minutos depois, o intelligente chauffeur os deixava... na porta do manicomio!

* * *

A senhora Lia Rondolotti Fergano, que dedica sua intelligente actividade á revista *Studio Editorial*, recebeu, certo dia, na ausencia do director, seu esposo, a visita de um poeta de longa cabelleira, com seu respectivo manuscripto.

— Quanto me alegro de encontrál-a só, minha senhora! — exclamou. — As mulheres comprehendem melhor a poesia... Leia meu manuscripto, e saberá como cantam os grillos junto ao carinhoso lar..., como coaxam as rãs nas noites claras de prateada lua..., como as aves entoam seus ternos cantos de amor..., como os insectos gritam suas alegrias no prado...

Uma chamada do telephone interrompeu seu lyrismo. Era Camillo Rondolotti, o director, que perguntou a sua esposa:

— Alguma novidade?

— Sim. Está aqui um senhor que quer publicar um manual de zoologia em verso.

* * *

SAMUEL era um fervoroso judeu que, num momento de distracção, matou um christão para roubar-lhe dinheiro, e foi condemnado á morte.

Desde que conheceu a sentença, Samuel ficou inquieto. Não comia nem dormia.

Dois dias antes de ser executado, pediu que lhe concedessem falar a um sacerdote.

— Um rabbino? — perguntaram-lhe.

— Não! Um sacerdote da igreja catholica! Quero converter-me!

A noticia circulou rapidamente em toda a cidade, e os jornaes catholicos a publicaram com titulos pomposos.

Os anti-clericaes mordiam os cotovellos de raiva, e o mundo israelita se havia alvoroçado.

Emquanto isso, Samuel se baptizára, confessára e commungára, aguardando, sereno, a hora de subir ao patibulo.

E essa hora terrivel, fatalmente chegou.

Quando o réo se encaminhava para o cadafalso, o alcaide do bairro, catholico fanatico, se aproximou delle e lhe disse:

— Escuta, Samuel... Sê franco! Que foi que te induziu a converter-te na ultima hora?

E Samuel, cheio de orgulho, respondeu:

— E' que sempre é preferivel que morra no patibulo um mal christão do que um excellente judeu...

H. R. Flyn.

OBSTINAÇÃO DE CRENTE

(EPINICIO DE UM CRUZADO DO IDEAL)

Cavalleiro de esplêndida cruzada,
Em rosas e astros fiz abrir-se a treva,
Golpeada em pranto, em extase inflammada
A alma, na rubra evocação medieval!

Tombei goivado da amargura; e nada
A elação me abateu: radiosa e seva,
Minha idéa pompeou, na derrocada
De azas nefandas que a loucura eleva...

Prestes o desespêro, a conjurál-o,
Consonancia immortal de amor compuz,
Que inda do exhausto peito agora exhalo!

Tive a fé por fanal, que inda reluz;
E do meu proprio canto ao doce embalo,
Tremi, vibrei, feliz, pregado á Cruz!

OTHONIEL BEZERRA.

— Não comprehendo como é que este menino não sente frio. O thermometro marca dez gráos abaixo de zero.

— E como é que a senhora quer que crianças desta idade entendam de thermometros?

Viajar

Quando viajar a Cavallo, em Vapor, Automovel e Estrada de Ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar Sol ou Chuva, toda a vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma Colher de Chá de *Regulador Gesteira* e logo em cima Meio Copo de Agua!

Quando fizer alguma viagem, leve sempre em sua mala alguns Vidros de ***Regulador Gesteira.***

Com os abalos do vapor ou da Estrada de Ferro, com o sol ou a chuva, molhando os pés, tomando-se banhos muito demorados, levando-se um grande susto ou tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte o Utero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser principio de uma Molestia Grave!

Por isso é de enorme prudencia e muito util tomar uma colher de chá de ***Regulador Gesteira.***

Qualquer perturbação do Utero pode dar começo a Molestias perigosas e Males terriveis!

Dançar

Depois de dançar, quando voltar das Festas e dos Bailes ou dos Teatros, depois que passear de Automovel, ao chegar em casa tome sempre uma colher de chá de ***Regulador Gesteira***

O TIO DOS RELOGIOS

A primeira preoccupação de Paulo Palaviso, quando sua joven mulher lhe deu um filho, foi participar a Constante Malibou a existencia do garoto.

Quinquagenario, solteiro e riquissimo, Constante Malibou desempenhava, na vida, o ingrato papel de tio rico. Não é que os Palaviso fossem pobres. Nada disso. Mas, sem sêl-o, tambem não eram millionarios. E isto explica o fervor com que tratavam Malibou.

Pois bem: este saudou de maneira bem rara a chegada de Frederico Constantino. E mandou ao recemnascido um relogio de parede.

A senhora Palaviso, fraca ainda, teve uma crise. Seu marido... piedoso silencio! Quanto ao destinatario, sonhava ainda com os anjinhos. Os pequeninos olhos, ainda semi-cerrados não brilharam, siquer, quando o papá lhes mostrou o presente.

— Que pensa esse velho idiota? — gemeu a mãe. — Inculcar a nação do tempo a meu bebé?

— E' possivel. O tio Malibou foi sempre a pontualidade em pessôa. Para mim, é filho natural do meridiano de Greewich.

— Não me faças rir! Esse meridiano me dá somno!

— Não te aborreças, querida. No proximo anno o tio se lembrará de coisa melhor. Esperemos.

O casal Palaviso esperou, e, ao chegar o primeiro anniversario do pequeno, Malibou manifestou novamente a sua generosidade enviando para o menino um segundo relogio de parede.

Tremendo de raiva, Alice Palaviso o pendurou na sala de jantar.

— Vamos bem! O anno passado, um relogio Luiz XIV para o salão. Agora teremos que comer sob a protecção deste horror!

— E' um relogio de estylo imperio.

— Será. Desagrada-me. Representa a extravagancia de um maniaco. Que presente para uma criança!

O garoto, que estava com os dentes nascendo, não deu ao caso mais importancia do que por occasião do primeiro presente.

E permaneceu indifferente, quando um terceiro presente lhe saudou os dois annos.

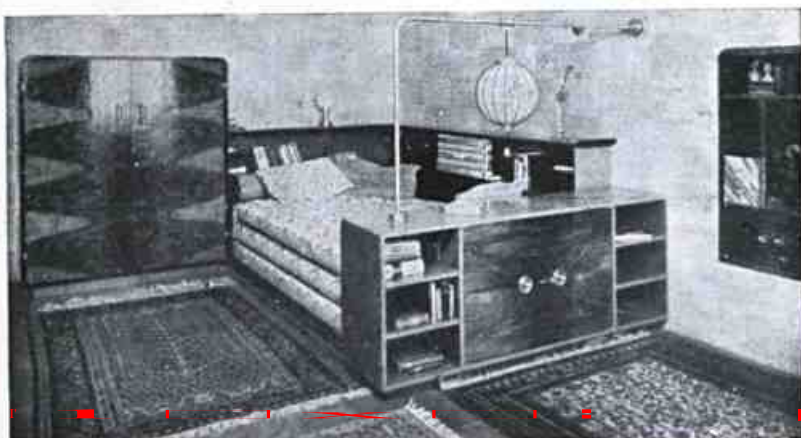
Dessa vez o tio déra margem a seu gosto e imaginação. O objecto em questão representava uma mulher, que offerecia, como particularidade anatomica, um quadrante á guisa de estomago.

Alice Palaviso teve um ataque de nervos, durante o qual seu marido metteu a mulher-relogio no guarda-roupa.

No anno seguinte, o tio, que parecia decidido a provar de relogios todos os compartimentos da casa de Palaviso, enviou um com um grupo esculptorico, que representava o assassinio do duque de Guise, e que se destinou ao quarto dos hospedes.

Depois, o aposento distinguido foi a alcova do casal, que se embellezou com uma especie de tumba macedonica.

Foi então que a senhora Palaviso teve uma idéa.

— Frederico — disse ella a seu filhinho — tens já seis annos, meu anjo. Sabe Deus que não desejo diminuir em nada o respeito que deves sentir por teu tio e padrinho. Mas, has de ter notado que elle não tem imaginação. Sa-

De Germaine Beaumont

bes escrever. Escreve-lhe, pois. Eu te vou ditar uma carta.

Docilmente, Frederico escreveu o seguinte:

"Meu querido tio e padrinho. — Agradeço-te todos os relogios que me offereceste até agora — relogios admiraveis, que maravilham a todos os nossos amigos e graças aos quaes cheguei a ser, como tu, um modelo de pontualidade. Mas, poderias ter a bondade de mandar antes soldadinhos, no proximo anno?"

Chegou o seguinte anniversario, chegou uma enorme caixa, e quando a senhora Palaviso desembrulhou o volume, lançou um grito de angustia.

No fundo da caixa, brilhava um novo relogio. Mas o tio havia respeitado os desejos de Frederico. O ornamento representava um quadro da guarda napoleonica em Waterloo. E era bem difficil imaginar soldados mais soldados que aquelles.

— A proxima vez lhe pedirás uma bicycleta — aconselhou Palaviso. — Não chores, meu filho. Não ha relogio com bicycleta.

Mas existia. Onde a obteve o tio Malibou é um enigma que faria empallidecer o homem de mascara de ferro. O facto é que o prodigio chegou em sua opportunidade e desencadeou uma luta feroz entre o engenho de Malibou e a imaginação dos Palaviso.

Inspirado por seus paes, Frederico pediu, successivamente, um crocodilo, uma antena de radio, um submarino, a torre Eiffel, um jogo de crickt, uma rainha hindú, a Lua...

Tudo isso obteve. E obteve tambem: o valle de Jericó, as palavras academicas, uma lampreia e um uniforme de artilheiro.

A casa dos Palaviso se transformára em um museu infernal, que rimava as horas, tangia, soava, batia, vibrava e tocava campainha. A senhora Palaviso cahira na mais negra neurasthenia, Frederico exigira que o internassem em um collegio e Palaviso dormia em qualquer logar, só para não entrar em casa. Uma commum esperança ainda os consolava, fazendo-os de algum modo resignados. Era a herança de Malibou. Este não haveria de ser eterno, e no dia de sua morte todos os relogios seriam vendidos.

Malibou morreu, arrancando-lhes um grito de alegria. Os Palaviso correram, immediatamente, á casa do tabellião.

E o notario leu-lhes o seguinte:

"Desejoso de fazer de meu sobrinho Frederico Palaviso um homem pontual e cumpridor de seus deveres, digno da fortuna que pretendia deixar-lhe algum dia, resolvi offerecer-lhe, pouco a pouco, uma collecção de relogios. Deste modo lhe fui mandando um em cada anniversario. Mas o pequeno imbecil, inspirado por paes de quem perpetua a imbecilidade e a falta de gosto, tornou ridicula minha generosidade e me fez, cada anno, os pedidos mais extravagantes. Para que isso lhe servisse de castigo, accedi a seus desejos. *Gastei toda a minha fortuna.* Um exercito de ourives de todos os paizes do mundo me arruinou. Tudo para satisfazer aos caprichos insensatos do pequeno idiota. Deixo-lhe, pois, como herança, esses exemplares, todos unicos em seu genero, e a expressão de meu mais absoluto desprezo por elle e por seus progenitores. — *Constante Malibou.*"

MODERNO CYRANO

O capitulo de madame Ferraz déra aos seus salões, já magnificos, uma deslumbrante ornamentação. Docemente dominados por essa "féerie", os convidados moviam-se satisfeitos, de optimo humor, palestrando aqui e acolá na agradavel espectativa de um novo "fox-trot" do electrizante "jazz". Havia uma verdadeira parada de silhuetas, de "toilettes", de sorrisos, de bellezas que desfilavam lentamente com as mais maravilhosas "nuances" da moda: aqui um vestido azul pallido, infantil e meigo; ali um "gris" aristocratico, ondulante; no outro canto, um "grenat" cereja, pretencioso, perfeitamente harmonizado com o petulante arco dos labios maliciosos e sanguineos de quem o vestia; mais além, um verde indefinivel como as aguas frias de um rio quebrando-se surdamente contra os pilares de uma ponte... Perder-se-ia a cabeça na nomenclatura e psychologia das côres ou na selecção dos mais vaporosos trajes, dos mais cheios de "it". Por certo não faltava, de longe em longe, a decoração bizarra de algum vestido de velha mal compenetrada de sua idade, mas isto não quebrava a belleza do conjuncto; realçava-a. Mme. Ferraz estava justamente orgulhosa de sua "soirée": a alegria reinante, a cordialidade existente estavam synthetizadas na satisfação que se lhe espalhava na agradavel physionomia.

Verdadeiramente "entrincheirado" estava Henrique a um canto observando esse movimento esplendido do baile e pela centesima vez perguntava a si proprio por que acquiescêra em vir, por que não soubera evitar essa festa. Ao sahir de casa, Roberto lhe pedira que sorrisse e elle respondêra simplesmente:

— Não posso estar alegre, Roberto. Tenho receio do prazer que vou ter.

— Não comprehendo — replicára francamente o amigo.

— Melhor. Tambem não quero explicar.

— Bem, não farei perguntas indiscretas, mas isso tem geito de amôr, sr. advogado.

Evidentemente, Henrique lutava por enganar-se, mas reconhecia que amava; amava estupidamente, com o ardor de um adolescente embriagado de illusões e de sentimentalismo do primeiro romance; amava com tal constancia e firmeza, que tinha uma falsa vergonha de confessar seus sentimentos ao seu melhor amigo; tinha acanhamento e receio de revelar que nesse baile ia ver, sentir, falar, ouvir a creatura de seus sonhos, a mulher por quem o seu coração se agitava,

De Isa de Hugomar

mas, desgraçadamente, a mulher que estava fóra, longe da realidade desses sonhos. Henrique não era, modernamente falando, uma figura synchronizada: era intelligente e feio. Por uma estranha manifestação dos sentimentos humanos, a fealdade é depreciada, olhada, commentada com um mixto de compaixão e desdem, como um fraco olhado por um forte. Isso Henrique via em exemplos varios, tristemente patenteado. Como comprehenderiam o seu amôr?!! Elle era feio... Julgal-o-iam petulante. Ri-lhe-iam na cara logo ás primeiras palavras; talvez lhe tivessem compaixão, pronunciando a "sota-voce": "Coitado! Pobre rapaz!" Não. Não supportaria essas affrontas ao seu amôr proprio; mudo, silencioso levaria sem risos, sem escarneos, sem commiseração, o pensamento que havia muito o assaltára e que, dia a dia, como as aguas de um rio engrossado por grandes enxurradas, se avolumára até tornar-se o grande motivo de sua vida.

Estava profundamente dominado por um tumulto de idéas, ora timidas, ora arrojadas, ora tristes, quando Roberto lhe pousou firmemente a mão no hombro.

— Por favor, amigo — diz, sorridente, Roberto, — apaga essa ruga que tens na fronte e vê si conheces aquella deliciosa creatura que conversa com o tenente Gonzaga.

— Aquella de vestido lilás? — indagou, seccamente, Henrique.

— Sim. Aquella mesma — confirma o rapaz, sem notar que a fronte do advogado ganhava mais uma ruga e seus olhos uma côr sombria, uma expressão feroz — Conheces?

— E' minha prima.

Henrique sentiu-se levado, pela mão nervosa de Roberto, por entre as figuras elegantes que se espalhavam pelo salão com o final da valsa. Foi um instante. Fez-se a apresentação; seguiram-se as danças; augmentaram os galanteios; começou o namoro. Henrique sentia suffocar-se; um mal estar desconhecido subia-lhe á cabeça, causando-lhe atordoamento. Sua vista turvava-se e nas visões confusas só via Roberto e Dorinha; por fim, retirou-se, não podendo mais contemplar o par que elle reunira, e que ria satisfeito das luzes, das musicas, do ambiente... satisfeito delles proprios...

O esquecido e feio primo não murmurou uma queixa; sua physionomia continuou impenetravel, mas o seu intimo era uma revolta contra tudo, contra a natureza que o fizera feio. Que lhe valia o talento, si o seu physico não lhe permittia conquistar a priminha adorada, a irrequieta Dorinha, que agora se apoiava, com uma infantilidade "coquette", ao braço de seu melhor amigo?! Muitas vezes levára horas e horas a encorajar-

(Continúa na pagina seguinte)

(continuação) MODERNO CYRANO

se, e um só segundo deante do espelho bastava para fazêl-o recuar abatido, miseravel, arrastando o seu ideal em farrapos. Intelligente e feio! Dolorosa anomalia! Lembrou-se, então, na grande solidão que o abraçava, de outro infeliz no amôr que declamava:

...Já vês: eu tenho tristes horas...
Ah! sentir-me tão feio e tão sozi-
[nho!

* * *

Escoaram-se os dias. Dorinha partiu para Petropolis. Animado pela gentileza e sympathia que lhe demonstrára a moça, Roberto atirou-se vehemente á correspondencia. Sua primeira carta, entretanto, foi inutilmente recomeçada, cinco, dez, vinte vezes e, por fim, entregue á penna brilhante do infortunado Henrique. Os louvores chegados sobre o talento inconfundivel de Roberto obrigaram o primo a tomar posse effectiva do cargo de secretario amoroso e assim, por um capricho do destino, surgia no scenario da Vida uma figura analoga á que Rostand fez surgir no scenario dos theatros — um novo Cirano.

Caminhas; e a teu lado eu vou na
[sombra escura.
Serei teu genio e tu ser-me-ás a
[formosura.

Neste capricho, entretanto, Henrique concentrava a sua vingança; delle havia de tirar uma triumphal "revanche". Sorria e consolava vagamente o amigo, quando este se inquietava pelo ardil que involuntariamente armára; não obstante, uma tarde, Roberto decidiu-se, — não sem grande receio pela humilhante confissão — a esclarecer á moça o caso das cartas e pedil-a em casamento.

Desde a sahida de Roberto, Henrique sentiu-se tomado por uma esperança que lhe communicava uma impaciencia irreprimivel. Devorava-o o desejo de ver o amigo voltar cabisbaixo, desilludido; parecia já escutar-lhe os passos ar-

---

HOMENS DE NEGOCIOS

QUANDO o senhor Thoireau, sua mulher e sua filha acabavam de almoçar, o criado annunciou a visita do conde de Ravinel.

O senhor Thoireau levantou-se para recebêl-o, e sua mulher replicou:

— Sobretudo, não te alteres.

— Tranquilliza-te. Sei o que tenho a dizer-lhe.

E, acariciando os cabellos loiros de sua filha, lhe disse:

— E tu tambem, minha filha. Tudo se arranjará.

No salão, o conde o esperava.

— Bôa tarde, Thoireau — disse o visitante.

— Bôa tarde, senhor conde.

— Vejo que está bem de saúde — proseguiu o conde.

— Nunca estive melhor.

— Já o sei. Tréjal mo disse.

— O senhor sub-director teve a bondade de vir saber de meu estado de saúde, e eu me apressei a communicar-lhe que estava passando bem.

— No Banco, nós suppunhamos que estivesse enfermo.

— Não é estranho. Escrevi dizendo que ficava em casa. Julguei correcto dar alguma explicação de minha ausencia.

— Ausencia definitiva?

— Sim, senhor conde.

— E' preciso arranjar isto, Thoireau.

— Não é facil, senhor conde.

— Tréjal não lhe disse que você voltasse ao Banco, e tudo seria esquecido?

— Estou resolvido a não voltar ao Banco.

— Vamos ver, Thoireau. Não posso crer que tal coisa tenha podido acontecer. Quero admittir que se trata de um erro ou de uma negligencia, e que esse dois milhões cuja falta descobrimos ao examinar seus livros...

— Não se trata de um erro, nem de uma negligencia. Os dois milhões desappareceram e fui eu quem os levou, aproveitando-me de meu cargo de empregado.

— Então, torno a re-

MODERNO CYRANO (conclusão)

rastados e lentos, como si trouxesse o peso de sua infelicidade; julgava ouvir a voz quente e exaltada de Dorinha exprobando o rapaz por tel-a enganado tanto tempo... Dorinha não o perdoaria, tinha certeza.

Subito, elle acordava desse egoismo, condoia-se de Roberto si fosse mal succedido, afugentava a visão onde o distinguia miseravel, desgraçado pela vida em fóra...

Era tão fraco o Roberto! Sempre o aconselhara como a um irmão mais moço; como se comprehendia agora com pensamentos tão baixos, tão repugnantes?! Porém, a paixão afogava a amizade, a paixão anesthesiava-lhe a razão, a paixão vencia os seus escrupulos, e elle se deixava de novo arrastar na utopica alegria de ver Dorinha expulsando o amigo. Lembrando-se do primo que lhe escrevêra tantas vezes... com tanto ardor... ella dignar-se-ia a dar-lhe mais attenção talvez... e... quiçá, elle se declararia... Queimava-o a febre da incerteza. Suas temporas escaldavam, a agitação empolgava-o e sua cabeça, seus olhos moviam-se em orbitas de fogo. Ha quanto tempo estava assim? Não sabia; sentia-se incapaz de raciocinar.

Um ruido veiu dar-lhe uma calma apparente. Era Roberto que entrava. Eterno minuto de espectativa! Feliz ou infeliz?

Mas a voz de Roberto, encarando o amigo, não era a de um abatido.

— Que tens, Henrique?

— Um pouco de nostalgia... febre, talvez...

— Pois eu tenho febre de alegria. Estou noivo, meu grande amigo, meu futuro primo!

Henrique deixou-se abraçar pelo outro e, com violento esforço, gaguejou, surdamente:

— E... a revelação...

— ... das cartas? Foi o principal motivo a meu favor. Acharam que eu sabia aproveitar bem as opportunidades e que serei um optimo negociante. Sou socio do pae de Dorinha.

De Adrien Vely

Pedir-lhe que é preciso arranjar isto. Devolver esses dois milhões, volte ao Banco, e não se falará mais sobre esse assumpto.

— Não é possivel, senhor conde. Reflecti. Necessito desses dois milhões para viver honestamente sem trabalhar, e não serei tão idiota e tão candido para devolvêl-os agora, que são meus.

— Seus?!... Seus?!...

— Tenho tudo preparado, senhor conde. No peor caso, cinco annos de cadeia. Cumpril-os-ei e, ao deixar a prisão, serei millionario.

— Você sabe muito bem que não será denunciado. Não convém ao nosso Banco que se saiba que lhe...

— Póde dizer a palavra, senhor conde. Não me assusta: que lhe roubaram dois milhões. Não é isso?... Dos mesmos processos se utilizou, um dia, um tal Ravinel para chegar a ser conde. Faço-me comprehender?

— Você é muito espirituoso, Thoireau. Mas deixemos os detalhes. Eu não agirei contra você. Mas, por outras razões, por motivos sentimentaes. Meu filho está apaixonado por sua filha e, embora eu me opponha a esse casamento, meu filho não me perdoaria o facto de eu humilhar publicamente o pae daquella que é dona de seu coração. De maneira que você póde ficar inteiramente tranquillo. Vê, pois, que sou leal. Seja-o você tambem. Offereça alguma coisa.

— Nem um centimo, senhor conde.

— E si eu lhe pedisse a mão de sua filha?

— Senhor conde! Semelhante...!

— Não se trata disso. Que dote daria você a sua filha?

— Quinhentos mil francos.

— Perfeitamente. Eu pensava nisso quando lhe dizia que esperava alguma coisa de sua parte. E' necessario garantir a felicidade dessas duas creaturas.

— Mas reconheça, senhor conde que meu dinheiro me custou ganhar...

SAMARITANA (Rio Grande do Sul) — Aqui está a cartinha de uma gaucha que me parece interessante. Uma consulta sobre o amor. Ainda bem! Sempre é uma pausa no meio da mediocridade versejadora, que accorre a esta pagina, quando os poetastros não preferem ir directamente ao secretario que, por sua vez, as recambia para a minha banca. Quer dizer: mesmo quando esses artistas da nullidade literaria não se dirigem a mim, — acontece que não fico livre delles: da mesa do secretario elles são transportados para a minha. Que horror!

De sorte que a cartinha da gaucha foi um allivio para o encarregado deste consultorio. Uff!

Vejamos o que diz Samaritana:

"Caro Yves.

Sou uma leitora assidua da secção "Saibam Todos" e portanto uma das tuas admiradoras.

Yves, venho, por meio da minha insignificante missiva, fazer-te uma consulta.

"Achas que se pode amar mais de uma vez?"

Eu julgo que não, mas ha "uma pessoa" que me contraria e eu quero provar-lhe que o amor nasce uma só vez no coração.

Si me déres razão, ficarei mais convencida do que estou. E em caso contrario "aquella pessoa" ganhará e eu não perderei.

Compreendeste?

Agradecendo-te, espera anciosa tua resposta a — Samaritana."

Quem esclareceu muito bem a questão foi o notavel Remy de Gourmont, quando disse: Il faut tuer beaucoup d'amours pour arriver á l'amour".

Sim. Só ha um grande e verdadeiro amor. E' aquelle que se positiva de tal modo dentro de nossa alma, que nenhuma duvida é possivel sobre a sua existencia. Mas para se chegar a esse amor inabalavel, é mister cada um de nós passar pela escola de outros amores preliminares. Estes se compõem de pequenas illusões passageiras, caprichos tolos, ciumes pueris, etc. Mas tarde, então, quando conhecemos a grande dor de amar — porque esse amor constitue toda a razão de ser da nossa vida, é que pudemos dizer: — eu amo!

E' esse amor que, segundo Wilde, exige, no homem, que elle seja o primeiro na vida de uma mulher, e, na desta, o derradeiro; é esse amor que, uma vez rompido, não produz apenas uma separação — mas "uma laceração de almas", como quer o romancista de "Cocaina".

Entretanto, penso eu, que não se ama uma só vez na vida: ama-se tantas vezes quantas pudermos beber na fonte do amor. E por falar em fonte, lembro agora a definição de uma rapariga linda que Michelet encontrou, certa vez, numa praia. "O amor — disse ella — é como o mar onde todos podem beber sem esgotal-o". E assim é. Não é o amor que acaba em nosso coração: somos nós que perdemos as energias para amar — no sentido pleno da palavra.

Assim, não ha um só amor em nossa vida: ha muitos, varios, repetidos, principalmente si se trata de Evas... ou das Samaritanas que nos dão de beber, num cantaro... vasio...

ARY LINO (?) — De quando em quando, a onda dos maus poetas recúa. Então, eu me considero feliz. Para substituil-os, vem a onda risonha e colorida das leitoras bonitas. Por uma a duas semanas, esta pagina vibra contente, bonita e alegre, porque toda ella é novidade e perfume.

De repente, chega, inesperadamente, nova onda de poetastros desinteressantes. E o que acontece? O "Saibam todos" se torna uma secção banal, insipida, cheirando a tolice mal rimada.

Agora, entro na phase má. Na phase em que a correspondencia feminina, perfumada e elegante, é suffocada pela abundancia de maus poetas.

O sr. é um delles. E' verdade que me endereça uma carta gentilissima, na qual exalta a minha pessôa, etc, etc. Mas tambem o que me proponho provar não é que o sr. seja má pessôa. Ao contrario. Penso que é uma creatura amavel e sympathica. O que acho e desejo tornar patente, é que é um poeta intragavel. O que tem o sr. de excellente cavalheiro, perde com ser um fazedor de versos de uma mediocridade espantosa.

Vejamos primeiro a sua carta gentil. Isto é, tratemos com o cavalheiro:

"Presado Yves. Sempre tive receio da critica injusta; eis porque nunca confiei a ninguem minhas modestas composições que sepultei silenciosamente no meu caderno "Horas vagas".

Lendo, porém, as justas e ponderadas apreciações que faz da

collaboração destinada ás paginas de "Fon-Fon", da qual é muito digno censor, encorajei-me enviando-lhe o soneto "Alma e natura" para honrar-se ao seu julgamento.

Conforta-me a certeza de que é justo; acatarei, portanto, com prazer sua critica de mestre, seja ella favoravel ou não.

Si o merecer, muito grato ficar-lhe-ei vendo "alma e natura" publicado em "Fon-Fon."

Agradecendo-lhe ainda qualquer attenção que queira me dispensar, subscrevo-me, amo. agrdo.

(Pseudonimo).

Ary Lino"

Excellente rapaz!

Vejamos agora o mau poeta:

ALMA E NATURA...

Cai o sol no horizonte lentamente
Pincelando de purpura o poentes
Graves sinos em largos sons tangendo
Despedem-se do dia que vai morrendo...

Nessa hora melancolica da tarde
Em cada coração amante, arde
Tambem o sol cinzento da saudade
De alguem que é toda sua felicidade.

Surge a primeira estrella rutilante
No manto azul do céu; e nesse instante
Vibra a alma transida de emoção;

E parece, na estrella pequenina,
Vêr-se a visão do bem que nos fascina
No extasi sublime da illusão...

E' claro que prefiro mil vezes o primeiro. Acho que este deve prohibir que o "outro" — o poetastro — continúe a namorar as Musas, pois a verdade e que, com ellas, nada arranjará.

Pelo menos, no seculo actual!...

PLAGIO — O poeta Joaquim Thomaz, autor de varios livros interessantes, envia-me a seguinte carta:

"Meu caro Bastos Portela — Saude e libras — Deixo-lhe ahi um recórte do jornal "Arauto do Sul", de Varginha, onde encontrei uma poesia sua, plagiada por uma sra. Carolina Vallim. E' pseudonymo seu? Si não é, é plagio dessa "cavalheira".

Fica ahi para o seu conhecimento. Um abraço do seu velho — Joaquim Thomaz."

Os versos a que o poeta se refere estão no "O Suave enlevo", e intitulam-se: "Mimo".

Enchi minhas mãos nervosas
de rosas e beijos vãos.
Foram-se os beijos. As rosas
desfolho-as nas tuas mãos.

Desfolho-as tal como quem
deita no fundo de um cofre
coisas inuteis — porém
preciosas para quem soffre.

Ao menos — despetaladas —
rosas mortas! Sempre são
lembranças de horas passadas,
pedaços de um sonho vão.

Ao poeta Joaquim Thomaz agradeço a denuncia.

P. X. B. Q. (Goyaz) — Esta secção não é la grande coisa. Mas, de quando em quando, a gente se diverte. E' que, si eu não sei dizer coisas engraçadas, ha os maus poetas que as dizem por mim. Outras vezes, não sou eu, nem são elles que as dizem: são "ellas"... isto é, as leitoras.

Agora, por exemplo, quem nos vae fazer rir, pelo menos — sorrir, que é a fórma da alegria intellectual, — é a senhora "P. X. B. Q.".

Leiamol-a:

"Oh! Yves mao!... Você conhece uma anedota assim?:

"Num exame de historia sagrada o professor pergunta ao aluno: — Quantos sãos os profetas?

O menino, levanta-se, entusiasmado e responde:

— Os quatro profetas, são tres, Jacob e Ezaú."

Bem: sem ser profeta, certifico-lhe que somos seis, menos tres, vezes tres, noves fóra — 0 — que sou eu, nadando em felicidades de te querer muito... um tantão assim!... Sabe?...

P. X. B. Q."

Entenderam-na? Pois tambem não entendi nada. Mas a moça diverte. Já é um merito...

J. M. FONTES (Sergipe) — O seu soneto *Diferença* será publicado.

EDEN COSTA (S. Paulo) — O livro de Olavo Bilac tem o titulo de "Poesias completas". Encontral-o-á á venda na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, nesta capital.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 24 - 10 - 931

Data da consulta ....
Nome da consulta ....
....

O QUE SE DEVE SABER...

O EMPORIO DO SUICIDIO

Indo de auto para Monte Carlo, pelo caminho de Nice, vê o viajante, á sua direita, a linha ferrea e, á esquerda, o cemiterio da cidade, mais ou menos semelhante a centenas de outros existentes no continente. Por traz desse Campo Santo ha um trecho de terra núa, sem tumulos, sem cruzes, sem flores. Este é o famoso "campo dos suicidas", o ultimo logar de repouso e de paz de milhares de creaturas, victima da sua paixão pelo jogo. Se o suicida é pessoa sem importancia dispensam-se as habituaes formalidades; logo que se faz escuro colloca-se o corpo numa maca e conduzem para o campo onde o atiram numa cova rasa.

Esse arido pedaço de terra occulta historias dolorosas e horriveis, dramas sombrios que desafiam os que possam inventar os novellistas mais excentricos e engenhosos.

São de uma deprimente monotonia, quasi sempre, essas historias. Algumas, porem, tornaram-se notaveis pela sensação que despertaram. A de Miss Jane Armstrong, por exemplo: esta joven americana, antes de pôr fim á sua vida, com um revolver, havia perdido ao jogo um milhão e quinhentos mil francos. Outro caso emocionante foi o de um moço official servio que passou em Monte Carlo por occasião de uma excursão educativa de que fazia parte. Tendo ganho uns 5.000 francos, quiz retirar-se e regressar para a sua patria, onde o esperava, saudosa, a avó que o creara. Mas, uma das "sereias" profissionaes, a serviço do Casino, para attrahir e reter os visitantes, tanto fez que conseguiu demovê-lo do proposito de retirar-se. Dentro de poucos semanas já havia perdido para mais de 800.000 francos de que, grande parte, teve que cobrir com declarações firmadas com a garantia de acções pertencentes á sua avó. Preferiu por isso matar-se, no dia do vencimento, a confessar sua falta á pobre anciã.

Outro incidente, que differe dos anteriores pelo seu aspecto mysterioso, foi o do desapparecimento de um joven hungaro que residia com sua familia no Riviera Palace Hotel. Ao contrario de tantas victimas de Monte Carlo não se arruinara nas bancas de jogo. Era um rapaz elegante, bem novo ainda, carinhosissimo com os seus, são de corpo e de espirito: não existia motivo concebivel que pudesse arrastá-lo ao suicidio. Alguns amigos viram-no, ás tres horas de uma tarde, numa barbearia. Depois, porem, não se encontrou mais o menor indicio do moço, apesar de sua familia ter offerecido 50.000 francos por qualquer noticia que lhe déssem a seu respeito.

Diz-se que se seccassem as aguas do golfo de Monaco, os cadaveres que ahi se encontrariam seriam ainda mais numerosos que os existentes no "Campo dos suicidas".

End. Telegr.
SALIC-RIO-JANEIRO

"SUL AMERICA"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

RUA OUVIDOR ESQ. QUITANDA
RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio
011

Rio de Janeiro, 10/11/31

Illmo. Snr.

CIDADE.

Prezado Snr.

Junto enviamos-lhe o cheque No. 0022 na importancia de Rs. 5:000$000 (cinco contos de réis), valor relativo ao primeiro premio do Concurso da Sul America, do qual V. S. sahiu vencedor.

Uma carta assim redigida será brevemente enviada a alguem.

Porque não ha de ser a V. S.?

Eis os premios offerecidos

1.º premio	5:000$000
2.º „	2:000$000
3.º „	1:000$000
e mais 20 de	100$000

As condições do Concurso

Todas as cartas deverão ser enviadas em enveloppe fechado e marcado "CONCURSO", endereçadas á Sul America, Companhia Nacional de Seguros de Vida, Caixa 1916, Rio de Janeiro, de fôrma que cheguem á séde até 31 de Outubro.

Terminado o concurso, a Companhia poderá publicar "fac-similes" das composições submettidas e premiadas (que passarão a ser de sua propriedade).

Nenhum auxiliar da Companhia Sul America nem seus agentes poderão participar do concurso.

Os nomes e endereços de cada concorrente deverão figurar claramente nas provas submettidas.

A decisão dos juizes é definitiva.
A Companhia não manterá correspondencia sobre o concurso.

TODOS nós sabemos argumentar. Todos temos as nossas idéas, as nossas opiniões. As suas poderão trazer-lhe um dos valiosos premios do Concurso Sul America; são 23 ao todo e o maior é de 5:000$000!

Envie-nos um simples artigo, com o maximo de 250 palavras, desenvolvendo o thema: "O que o seguro de vida representa para mim". Nisto se resume o Concurso da Sul America.

Além de premiados, os melhores trabalhos serão publicados. Não perca tão bôa opportunidade para si!

Remetta-nos este coupon e enviar-lhe-emos um folheto que o auxiliará a ganhar o premio almejado.

A' SUL AMERICA — CONCURSO
Caixa Postal 1916
Rio de Janeiro

Nome ____________________
Endereço ____________________
Cidade ____________________
Estado ____________________

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

MAMÃE VEM VINDO!

A *mamãe* vae sahir e o petiz põe-se a choramingar até que ella lhe prometta trazer da cidade *uma cousa gostosa.*

Ás vezes é um problema sério saber o que levar para o petiz!

Doces com crême... bonbons de chocolate... Não! O petiz lambusará o rostinho, a roupa nova e irá manchar com as mãosinhas sujas os moveis da sala de jantar. Alem disso podem fazer mal...

Antes levar uma lata dos biscoitos Aymoré *ALPHABETO*, de que o petiz gosta tanto. São biscoitinhos especiaes que entretêm o espirito e o paladar infantis.

Os biscoitos Alphabeto *são educativos. Todas as letras do alphabeto e os numeros de 1 a 9.*

BISCOITOS AYMORÉ

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 43

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Outubro de 1931

EL HOMBRE...

COSMAS Indico-pleustas, negociante de Alexandria e depois monge, que percorreu a Etiopia e a India até Ceilão, no seculo VI, conta na sua "Topografia Cristã" esta interessante anedota:

Um negociante latino chamado Sopater abordara outrora a Tapobrana, no mesmo dia em que ali chegava uma embarcação vinda da Persia. O capitão do porto e os prepostos da alfandega local vieram ao encontro dos estrangeiros e, segundo o costume do país, os levaram ao rei de Ceilão. Este recebeu-os afavelmente, fe-los sentar e indagou de onde vinham.

Após ter ouvido suas respostas, perguntou mais:

— Qual dos vossos soberanos é o maior e o mais poderoso?

O persa ergueu-se e enfaticamente falou:

— O meu rei é o mais forte e o mais rico do mundo. E' o Rei dos Reis e governa a terra toda a seu bel prazer.

Sopater guardou silencio e o soberano lhe dirigiu a palavra:

— E tu, ó romano, nada respondes?

— Que hei de dizer, senhor si podeis ter em vossa presença já ambos os reis e compara-los vós mesmo, afim de saberdes qual o mais poderoso?

— Explica-te.

— Sim, tendes a moeda de um e a moeda do outro, a numisma de Cesar e o dracma do Shá. Compara-os e sabereis o que devei pensar de seu poder e riqueza.

O oriental agradou-se da resposta e mandou buscar as duas moedas. A numisma era brilhante, reluzente, bem cunhada e de boa liga de ouro. O dracma era de prata e tosco. O rei examinou detidamente as duas placas, cara e cunho. Por fim, dando ordens para que Sopater fôsse cumulado de honrarias e presentes, concluiu que o soberano mais importante era aquele que tinha o seu perfil na moeda melhor.

Esta anedota, que já tem quinze centenarios de idade, póde e deve ser confrontada com outra que li ha tempos num jornal inglês. Dava este o caso como ocorrido em Berlim, num restaurante da moda. Alguns estrangeiros tinham ali jantado e pediram suas contas. Trazidas estas, o norte-americano pôs sobre a mesa duas rodelinhas de ouro e recebeu um grande troco; o inglês entregou um cheque; o francês puxou algumas notas; o italiano depôs na bandeja um grande rolo de sedulas; o alemão chamou um criado que o acompanhava com uma maleta e esvaziou seu conteudo de marcos papel sobre a mesa; o austriaco foi até a porta e disse ao gerente do estabelecimento que já havia chegado o caminhão com os milhões de corôas necessarios ao pagamento; e o russo, tirando do bolso um pequeno embrulho, deu-o, dizendo:

— Eis aqui a matriz official da casa da moeda de Moscou. Imprima os rublos que quizer...

"Mutatis mutandis", o espirito da pilheria moderna é o mesmo da velha anedota do viajante alexandrino, que conta mil e quinhentos anos. Ambas encerram uma lição de finanças muito mais proveitosa do que quantos discursos foram pronunciados em quarenta anos nas comissões do nosso defunto Congresso.

Cometo um ato de audacia reproduzindo-as. Ellas demonstram que somente vale neste mundo quem tem dinheiro e dinheiro bom. O nosso, si, felizmente, não é igual á corôa austriaca e ao rublo papel moscovita, parece que está abaixo daquele dracma persa que o romano Sopater comparou á numisma dos Cesares. Para melhora-lo, temos feito dolorosas experiencias e andado, com uma lanterna de Diogenes, atrás dum homem. Os homens, todavia, são raros, tão raros que a rainha Isabel de Castela anunciava á côrte com estas singelas, celebres e expressivas palavras a morte de D. João II de Portugal:

— "El hombre se murió!"

GUSTAVO BARROSO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

Saudade primaveril

A primavéra veiu avivar o perfume da saudade do nosso amor. Trouxe dias que augmentaram a angustia com que a espero, inutilmente, ó minha suave e distante primavéra de carne!... Trouxe recordações que torturam ainda mais a pobre illusão da minha vida. A illusão de que ainda volte, um dia, o consolo antigo e resurja, pelo menos, aquella inquieta felicidade espiritual do nosso amargo destino amoroso. Durante tanto tempo nós vivemos assim: soffrendo o supplicio do impossivel, mas tendo a ventura da esperança. Eu acreditava nos seus olhos, que, de tanto prometter, ficaram verdes... A côr macia dessa linda miragem do deserto do sentimento... Você tinha confiança na minha sensibilidade, que tambem ficou verde, de tanto sentir a luz dos seus olhos... Esperança...

Estou melancolico neste começo de primavéra. Soffro vendo as rosas florirem nos canteiros, e vendo o sol derramar-se, opulentamente, sobre a cidade, envolvendo-a nesse oiro que me lembra uns lindos cabellos scintillantes... Soffro ouvindo a orchestra dos pardaes tocando para o meu silencio interior... Tocando, talvez, a "Marcha Funebre" do nosso mallogrado amor.

A primavéra veiu dizer-me, com o seu sorriso e as galas do seu deslumbramento estival, — veiu dizer-me que você já esqueceu o principe desthronado do seu coração... O principe que já foi rei... da sua descrença feminina... E eu devo acreditar na primavéra, que tambem é mulher?... Desminta essa feiticeira do tempo, e reconstrúa as illusões que já illuminaram a nossa vida! Jure que ainda se lembra daquelle que, uma noite, romanticamente, lhe confiou o seu grande e doloroso segredo. Aquelle a quem você prometteu não esquecer... Fale ao meu coração desolado! Venha enfrentar a primavéra e apagar as desconfianças com que ella me acena, falando-me de você.

Traga de novo aquelle consolo epistolar que você me deu ha poucos mezes, quando ainda o inverno, somnolento e patriarchal, estendia as suas azas brancas sobre o meu triste desalento. E quando a primavéra ainda dormia no seu palacio de flores, traçando o plano sinistro da sua vingança de agora...

Venha depressa, meu doce amor! Venha antes que a primavéra fuja!

MAURO DE ALENCAR

P. W.

O que penso sobre o divorcio

UMA leitora me dirige esta pergunta difficil: "Que pensa o sr. sobre o divorcio?"

A resposta não é facil. E não o é, pela simples razão de que o assumpto tem sido já largamente ventilado e, no emtanto, nos offerece, cada dia, um novo aspecto a ser apreciado.

De resto, não gosto de tratar de coisas graves.

Prefiro as bôas piadas, a *blague* sadia, a nota de espirito humoristico.

Exemplo: o amor.

Contestará a minha curiosa leitora: "Mas, o divorcio é uma consequencia do casamento e, logicamente, do amor".

Sim. Do amor fracassado. Porque, onde ha, verdadeiramente, — amor, o divorcio não póde penetrar. São inimigos irreconciliaveis. Quando um está para chegar, é signal de que o outro vae abandonar a casa onde reinou.

O divorcio, a meu vêr, seria, entre nós, um magnifico remedio, a que só recorreriam aquelles que delle tivessem necessidade.

E' claro que, si estou de perfeita saude, não irei a uma pharmacia procurar uma dróga que, afinal, para mim, não teria a menor utilidade.

E' possivel que essa opinião seja apenas a repetição exhaustiva daquillo que, divorcistas notaveis, campeões da fibra de aço de um Heitor Lima, têm dito e redito sobre a momentosa questão.

Si assim é, não faz mal que ella seja divulgada mais uma vez. A obra do sr. Heitor Lima, e de outros conscienciosos apologistas da idéa, é grandiosa e humana.

Um sociologo illustre, A. Garfield Hays, pondéra, judiciosamente, a esse respeito: "A hypothese de que as leis liberaes sôbre o divorcio provocariam um effeito catastrophico, relativamente ao matrimonio, implica a idéa de que as pessôas só vivem juntas quando são obrigadas a isso."

Felizmente, não é o que acontece. Os que são felizes, conjugalmente falando, não estão á espera de que se lhes abra a porta do divorcio, para se evadirem do casamento.

Acredito, mesmo, que esses — venturosos no lar — tornarão a fechar a porta, mansamente, e, bras dessus, bras dessous, proseguirão a venturosa jornada, ao longo da alameda dos sonhos, fazendo das delicias do amor e da vida um bello motivo de poesia e de arte.

Yves

UMA PINTORA BRASILEIRA

A illustre pintora Sarah Villela de Figueiredo inaugurou ha tres dias, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace-Hotel, uma exposição de trabalhos fixados pelo seu grande pincel delicado. Retratos, estudos e uma serie de aguarellas executadas recentemente em Recife figuram nessa primorosa mostra de arte que está concentrando as attenções dos legitimos esthetas e veiu augmentar as glorias do nome da pintora brasileira. Sarah Villela de Figueiredo é, aliás, uma artista de grande prestigio em nossos circulos intellectuaes e sociaes, e essa circumstancia, alliada ao reconhecido valor, concorrerá, de certo, para ampliar o successo da sua exposição presente.

A Exposição Colonial de Paris

QUERENDO mostrar ao mundo o que vale o seu esforço civilizador nas colonias que possue em quatro partes da terra, a França realiza em Paris uma maravilhosa exposição colonial, á qual compareceram outros paizes, sendo muito de notar a cooperação da Italia e de Portugal. Encarregado da organização desse certamen notável, o marechal Lyautey, que já se cobrira de gloria em Marrocos, deu mostras duma competencia e duma actividade sem limites. E os melhores resultados coroaram os esforços desse veneravel ancião.

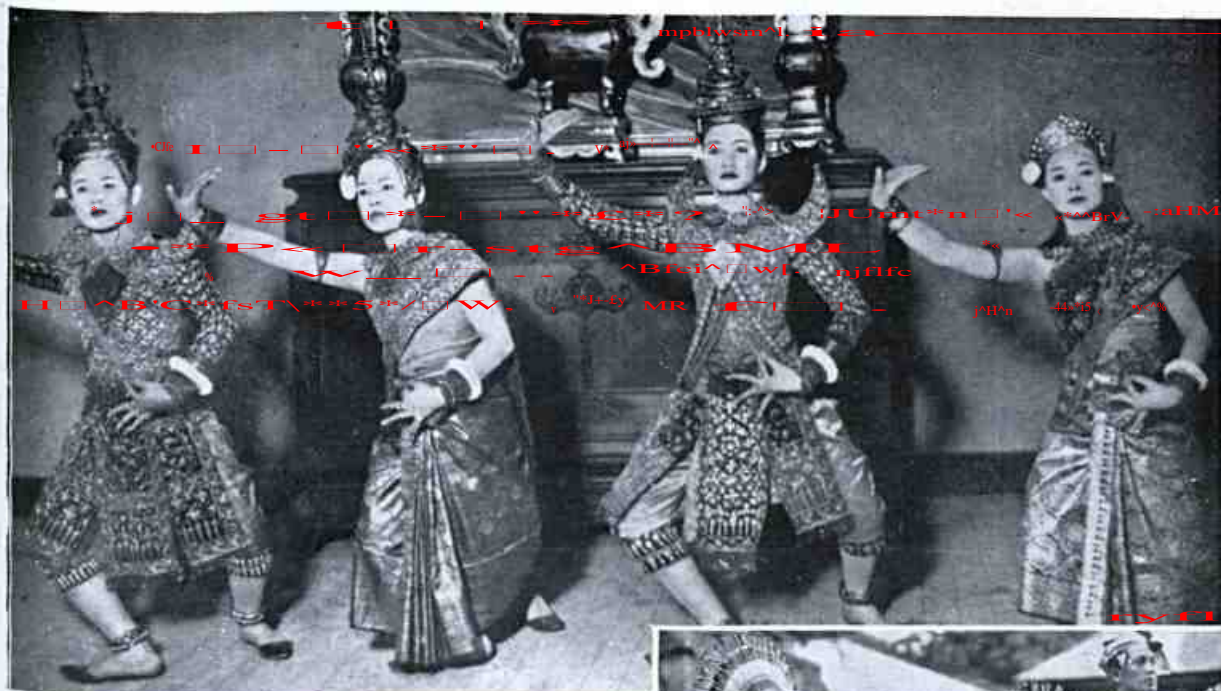
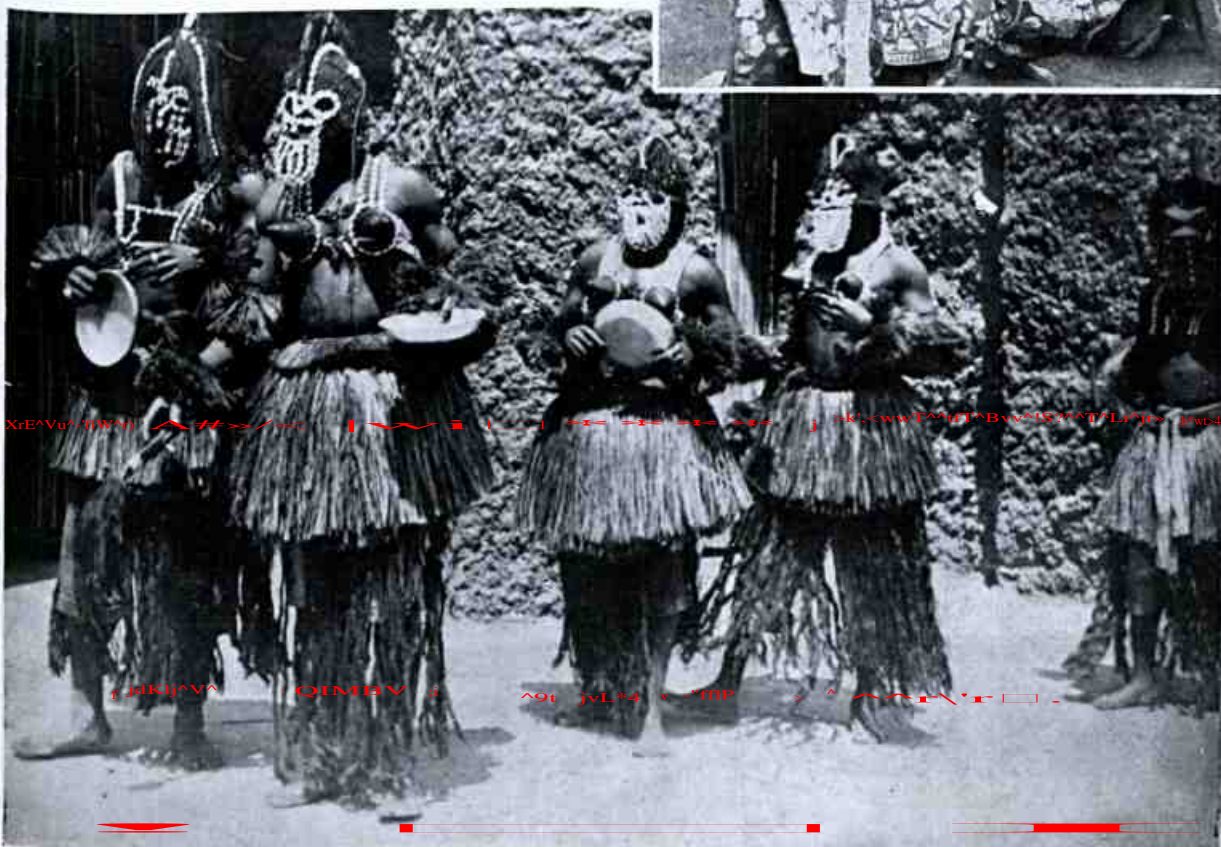
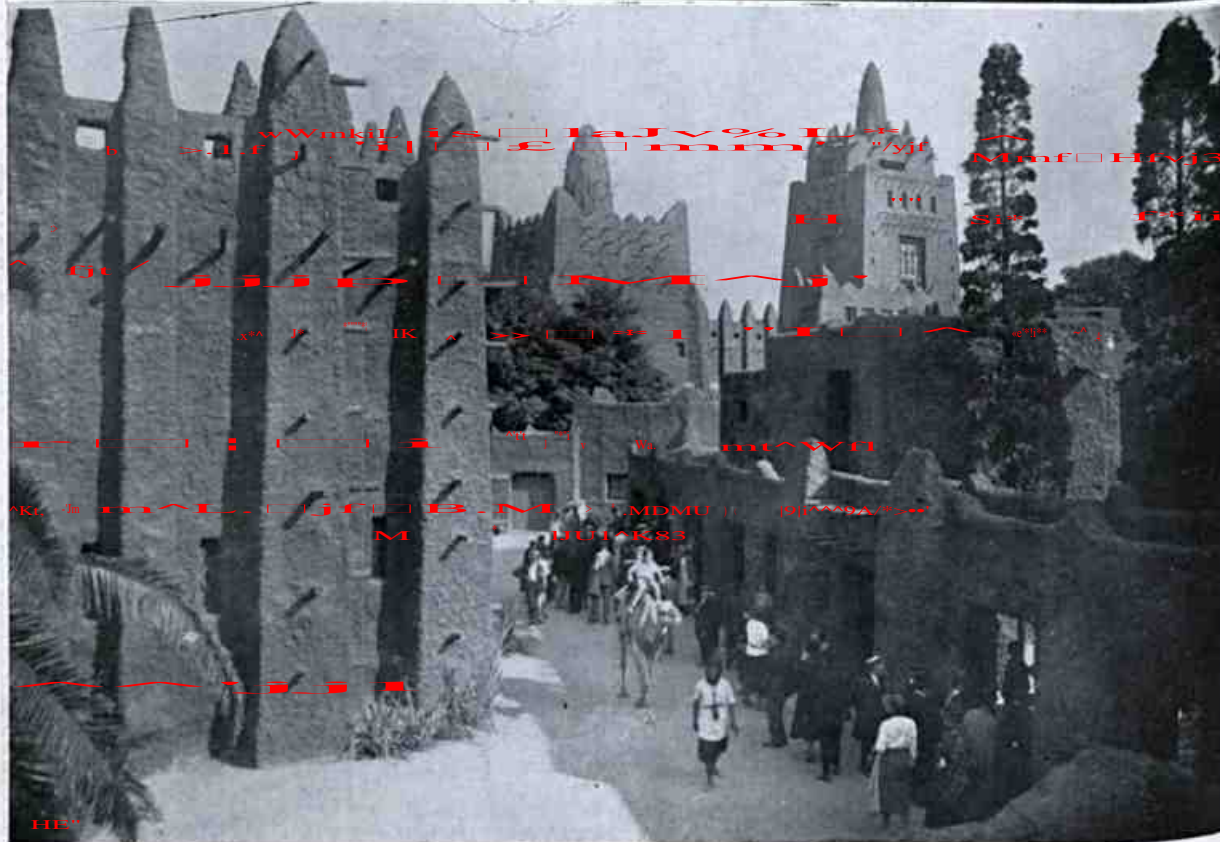
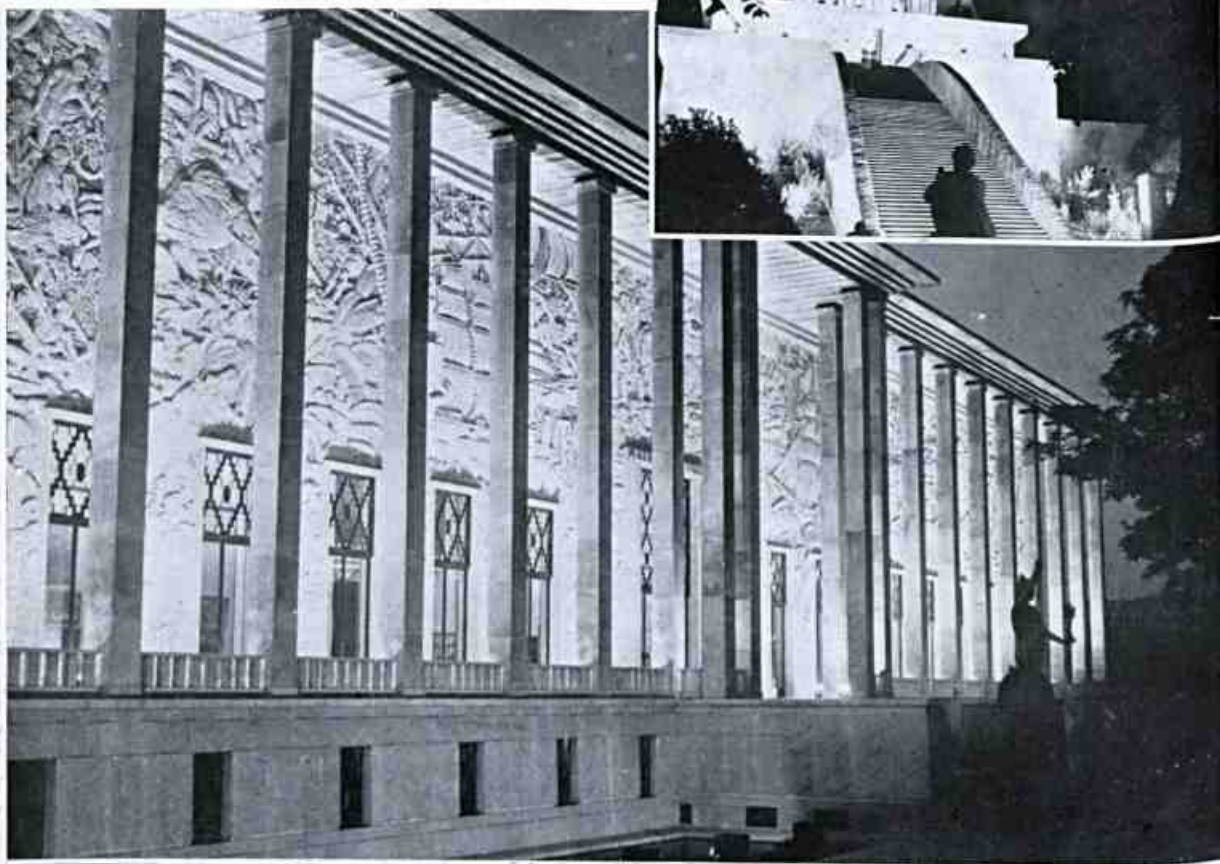
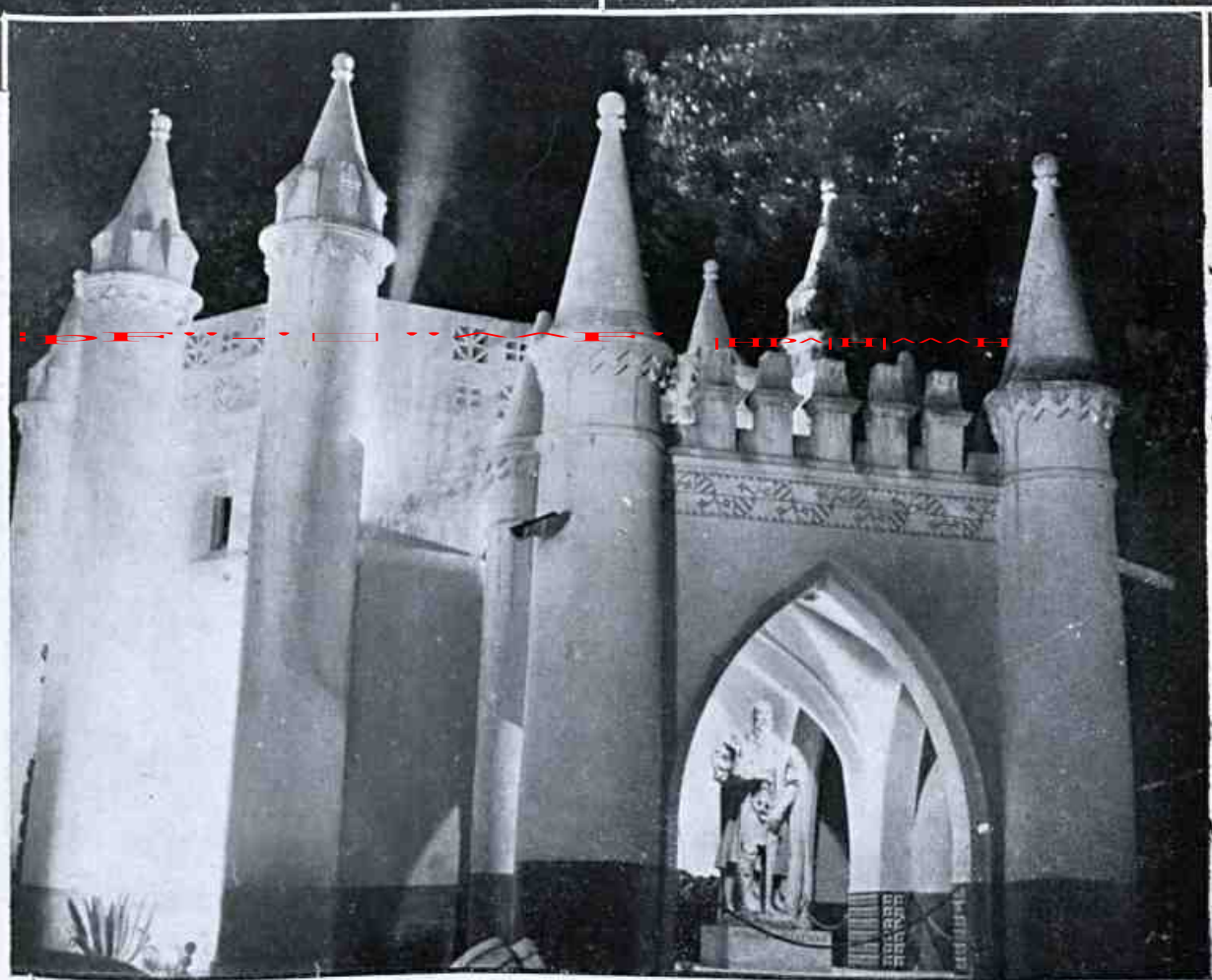
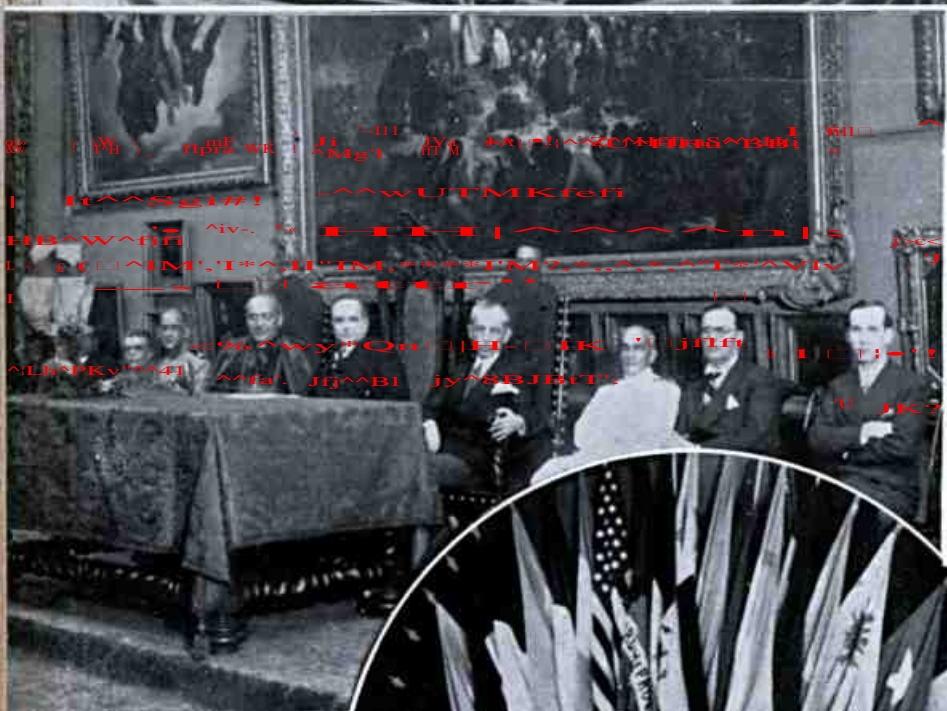
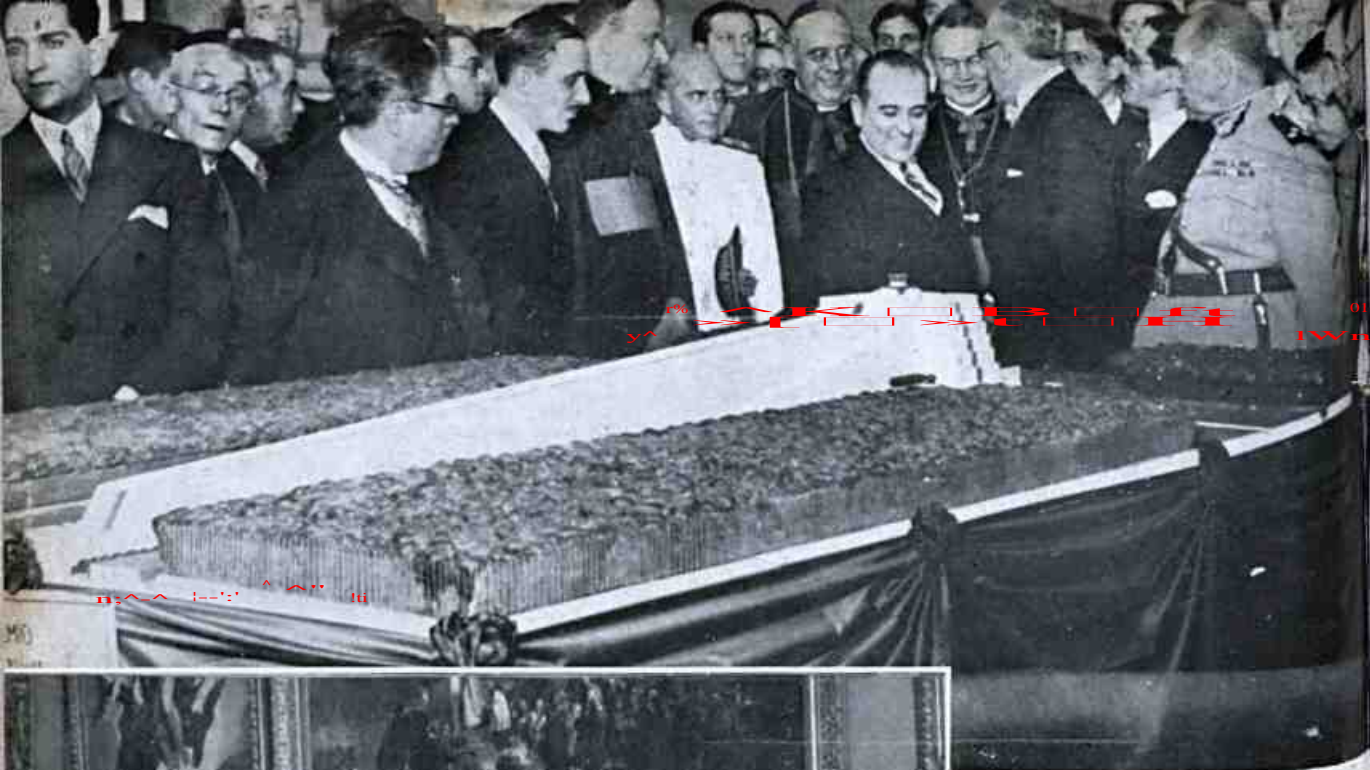
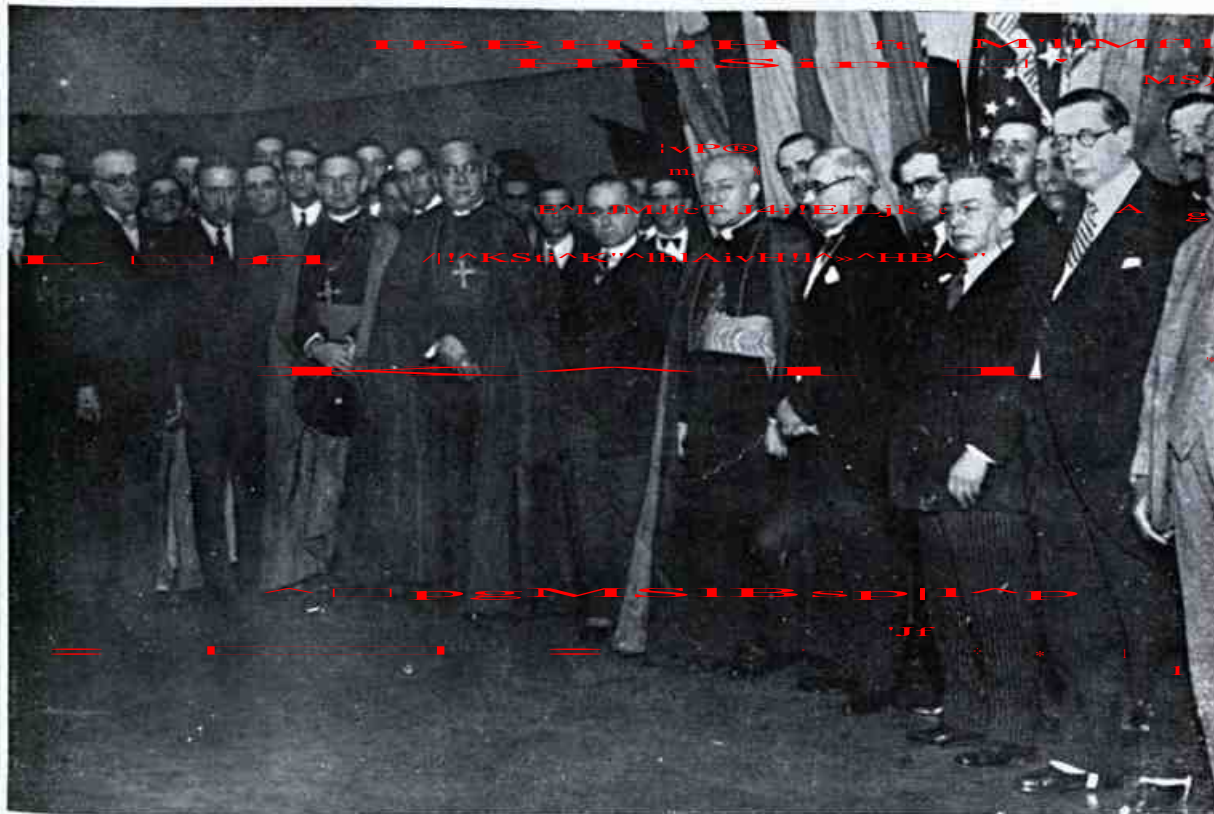
A Exposição teve formidável exito. Milhões de estrangeiros e de provincianos francezes acorreram a Paris, curiosos para verem os inconfundiveis aspectos das colonias distantes. Por toda a grande extensão do bosque que viceja á borda do lago Daumesnil, da Porte Dorée a Vincennes e Saint Mandé, se erguem os pavilhões coloniaes, com as architecturas bizarras da Africa e do Oriente, reproduzindo as cubatas dos negros, os templos da Indo-China e as palhoças da Oceania, com os bazares barbarescos e as ruas cobertas de Tunis, com uma multidão variegada e original, em que se misturam berberes e senegalezes, marroquinos e maoris, malgaches e annamitas.

A' noite, as illuminações coloridas, moveis, féericas, fazem do recinto da Exposição e sobretudo do lago Daumesnil, que reflecte os jorros de luz, um deslumbramento. Tem-se a impressão de palacios aladinescos brotados por magia do recesso do bosque. E ao visitante extasiado se amostram todas as riquezas dos paizes longinquos e exoticos. E' como si elle viajasse pelas terras do além, aquellas terras onde nunca se vae e cujo mysterio persegue a nossa curiosidade.

Infelizmente, o Brasil não póde comparecer a essa magnifica exposição e a unica propaganda do nosso paiz é feita pela gentileza dos representantes de Portugal, que distribuem publicações em francez sobre o nosso paiz.

Não podia a França encontrar melhor propaganda de sua grande acção colonizadora do que essa e nem outra figura maior tinha ella para pôr á frente da sua organização e direcção do que o glorioso marechal Lyautey.

Marechal Lyautey, a maior figura colonizadora da França, organizador da Exposição Colonial Internacional de Paris.

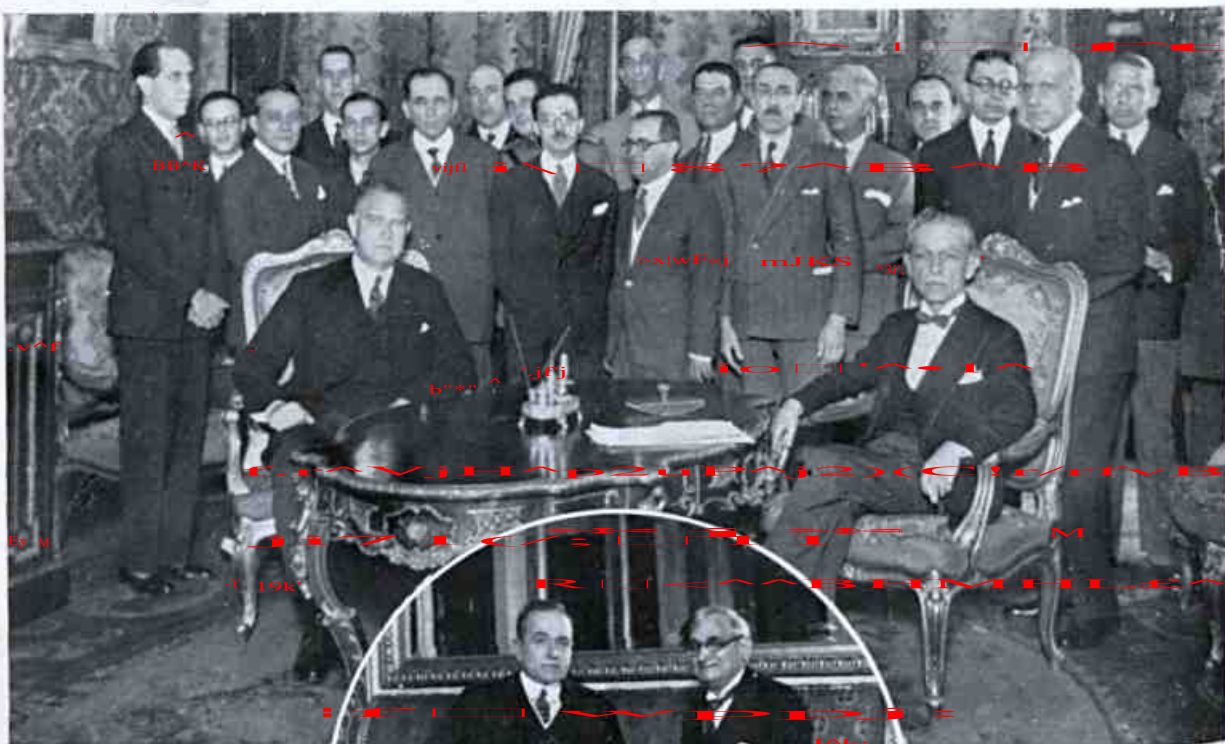
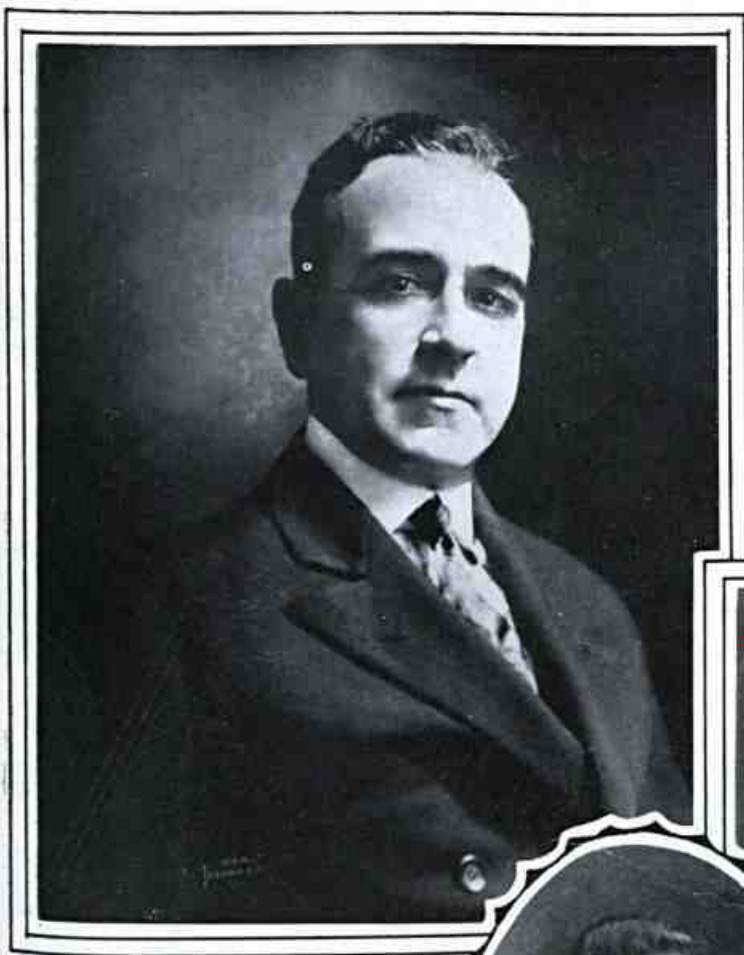
O pavilhão da Indo-China na Exposição de Paris.

Danças indigenas e orientaes executadas na Exposição de Paris por dançarinas sagradas do Cambodge (ao alto), bailarinas da ilha de Bali, possessão hollandeza (ao centro), e indigenas da Africa Occidental Franceza em trajes caracteristicos (em baixo).

Tres aspectos originaes da Exposição de Paris: o Pavilhão de Madagascar, o Museu das Colonias e uma rua da Africa Occidental Franceza.

A Exposição de Paris á noite. Em cima: á esquerda, o Pavilhão da Africa Occidental Franceza; á direita, o Pavilhão da Tunisia. Em baixo, o Pavilhão Historico de Portugal.

A 2.ª phase do notavel certamen de architectura, que foi o Concurso Internacional do Pharol de Colombo, cuja abertura se verificou em Madrid, ha dois annos, encerrou-se sabbado ultimo, nesta capital, com o julgamento final dos trabalhos classificados e inauguração da exposição dos diversos projectos. Escolhida a metropole brasileira para nella se verificar o memoravel acontecimento artistico, que tanto interesse despertou em todo o mundo culto, a solennidade do seu julgamento definitivo, que se realizou, sabbado ultimo, no salão nobre da Escola Nacional de Bellas Artes, revestiu-se de excepcional brilhantismo. Presidiu-a o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, tendo comparecido á mesma os srs. ministros de Estado, o cardeal d. Sebastião Leme, o nuncio apostolico, diplomatas, artistas e outras pessôas gradas. O jury conferiu o titulo da victoria ao projecto apresentado pelo joven architecto inglez, J. L. Gleave, cujo notavel trabalho é, realmente, no seu conjuncto, uma obra genial.

O chefe do governo provisorio ladeado por sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme e pelo nuncio apostolico, d. Aloisi Masella, e entre outras altas personalidades que compareceram á grande cerimonia de sabbado ultimo, na Escola Nacional de Bellas Artes, onde se realizou o solemne julgamento dos projectos do Concurso Internacional do Pharol de Colombo.

Filigranas

Na manhã ténue, no ar lavado e fresco, caminho pelas ruas ainda pouco movimentadas da Paulicéa. A avenida de S. João despenha-se aos meus olhos ao pé do arranha-céo martinelliano e sobe alem perdendo-se na neblina. Um grillo a cavallo passa lentamente pelo asphalto humido. Os grandes rumores da cidade ainda não estão de todo despertos. Ha longos momentos de silencio, por vezes. Caminho alegre, leve, ligeiro, cruzando aqui e alli um ou outro automovel fechado, as mãos nos bolsos, a gola do sobretudo levantada até as orelhas...

E no ar ténue, na manhã lavada e fresca, o carrilhão de S. Bento começa a semear, ás mancheias, a gamma crystalina dos seus sons...

Os architectos estrangeiros que constituiram o jury do concurso do Pharol de Colombo foram, nas vesperas do grande acontecimento artistico internacional da Escola de Bellas Artes, homenageados pelos seus collegas brasileiros, os quaes, por iniciativa do Instituto Central de Architectos, offereceram um almoço aos nossos illustres hospedes. Presidiu ao ágape, que se realizou no Palace Hotel, o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco.

Raphael Pinheiro, o jornalista e tribuno tão conhecido e admirado em todo o Rio, pelas suas qualidades de espirito e coração, recebeu, ha dias, uma expressiva e carinhosa homenagem dos seus collegas de imprensa, que, por iniciativa de seu grande amigo Annibal Bomfim, lhe offereceram um cordeal almoço, no salão do Automovel Club do Brasil, onde se reuniram, para festejar a recondução daquelle confrade ao cargo de director da Bibliotheca Municipal, mais de cincoenta jornalistas, representando a «élite» da imprensa carioca e dando uma demonstração de apreço digna da intelligencia e do prestigio do homenageado. Fez o discurso official de saudação a Raphael Pinheiro o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, a cujas eloquentes palavras respondeu, commovido, o jornalista festejado.

A photographia do centro fixa um aspecto da solennidade da assignatura do accôrdo commercial entre o Brasil e a Suecia, realizada sexta-feira á tarde, no palacio do Itamaraty, com a assistencia do chanceller brasileiro, dr. Afranio de Mello Franco, e o ministro John T. Paues, representantes officiaes dos dois paizes, e altos funccionarios do Itamaraty. No medalhão: o ministro Tulio M. Cestero, enviado extraordinario em missão especial da Republica Dominicana junto ao governo brasileiro, por motivo do concurso do Pharol de Colombo, ao lado do presidente Getulio Vargas, no palacio do Catette, quando foi recebido pelo chefe do governo provisorio, para entrega de credenciaes.

Na data de hoje, em todo o Brasil, commemora-se, festivamente, o 1.º anniversario da victoria do movimento revolucionario que empolgou o paiz de norte a sul, abrindo novos rumos á actividade politica e administrativa da Nação. Nesta pagina, ao alto, vêem-se o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e João Pessôa, o heroico presidente da pequenina Parahyba, que tombou, victima do seu nobre idéal de civismo, antes da Victoria; e, em baixo, os generaes Tasso Fragoso e Menna Barreto, e o almirante Izaias de Noronha, que constituiram a Junta Pacificadora do Districto Federal.

A DATA DA REVOLUÇÃO

Olegario Maciel

Juarez Tavora

Oswaldo Aranha

João Alberto

José Americo de Almeida

Izidoro Dias Lopes

João Neves da Fontoura

Leite de Castro

Francisco de Campos

Antonio Carlos

Afranio de Mello Franco

Baptista Luzardo

Francisco Morato

Pedro Ernesto

Arthur Bernardes

Adolpho Bergamini

Flores da Cunha

Borges de Medeiros

Assis Brasil

Miguel Costa

Lindolfo Collor

Wenceslau Braz

O chefe do governo provisorio recebeu uma expressiva manifestação de apreço, por parte dos academicos da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. O motivo dessa homenagem foi a officialização da Faculdade de Direito e a effectivação do dr. Belisario Penna na pasta da Educação e Saúde Publica. As nossas gravuras reproduzem o dr. Getulio Vargas ouvindo um discurso proferido por uma academica e os estudantes em frente ao palacio do Catette.

A sra. Antonietta Fleury de Barros, alumna da senhora Mathilde Bailly, cantou pela primeira vez, em publico, sabbado ultimo, no salão do Movimento Artistico Brasileiro, onde, acompanhada, ao piano, pela sra. Mathilde Tavares, executou com successo brilhante programma, sendo muito applaudida pela fina assistencia que enchia aquelle salão. O nosso clichê apresenta a talentosa cantora patricia ao lado de sua illustre mestra, por occasião do recital de sabbado.

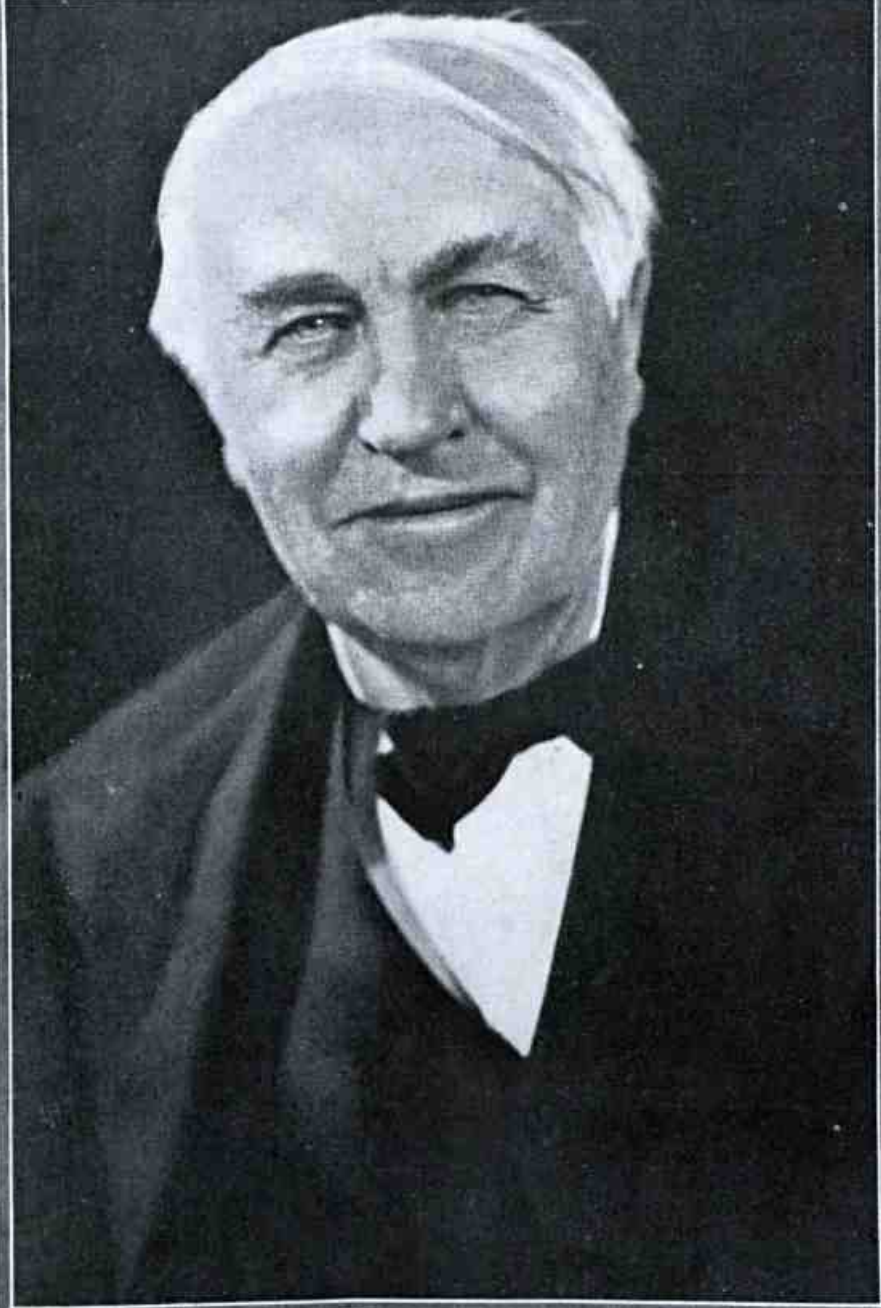
THOMAS EDISON

Meio século passado... O povo em festa
Espera cheio de temeridade
Um moço, alguém de condição modesta
Que falara em acender toda a cidade!

Bruxo! E aos olhos ansiosos uma aresta
De luz viva, depois a claridade
De um incêndio a queimar toda a floresta
Inundou para sempre a humanidade!

Tu, que viveste illuminando o mundo,
Foste apagando as luzes n'agonia
Dos rythmos finaes do coração!

Num gesto de respeito mais profundo
A humanidade em preces deveria
Mergulhar-se no chaos da escuridão!

MURILLO FONTES

THOMAS EDISON, a maior figura do século, o soberano inconteste da electricidade, a expressão maior do espirito norte-americano, o scientista mágico que povoou o mundo de belleza, de conforto e de poesia, dominando luz e som, espalhando pelo planeta as maravilhas creadas na forja incandescente do seu genio, alma nobre e elevada, que pairou sempre acima da chatice humana, no resplendor sideral dos seus maiores sonhos realizados.

Realizou-se domingo passado a cerimonia da primeira communhão de uma turma de pequenos alumnos do Collegio Aldridge, o grande e prestigioso estabelecimento de ensino da praia de Botafogo. A nossa gravura focaliza um grupo dos néo-commungantes, tomado na igreja da Candelaria, onde foi celebrado o lindo e tocante acto religioso, a que compareceu, além de mr. e mrs. W. L. Aldridge, directores daquelle instituto de educação, a exma. sra. Getulio Vargas, esposa do chefe do governo provisorio, que se achava acompanhada de seus filhinhos, alumnos do Collegio Aldridge.

Teve grande brilho a «Tarde do Maranhão», realizada no Bazar da Primavera, em beneficio da Casa do Estudante, sob o patrocinio do Centro Maranhense, do qual é presidente o nosso confrade Walfredo Machado. A gravura focaliza um aspecto dessa elegante reunião.

FILIGRANAS

Guaratinguetá. Segundo os indianistas, o nome vem do tupi: *guará*, garça; *tinga*, branca; *etá*, muita. Portanto: lugar de muitas garças brancas. E o brazão da cidade perpetua essa etymologia nas tres garças de prata do seu chefe ou parte superior.

D'Orligny, entretanto, baseado em Spix e Martins, diz que esse nome na lingua indigena significa: lugar de onde o sol volta para traz. De Guaraci, o sol. Porque o tropico do Capricornio corta as terras proximas e delle o sol regressa ao do Cancer...

Apesar dessa importancia astronomica, da autoridade de Spix, Martins e d'Orligny, a origem das garças brancas é mais poetica e os filhos de Guaratinguetá a preferiram, dando-lhe lugar de honra nas suas armas.

Grupo de alumnos do quarto anno preparatorio do Externato Santo Antonio Maria Zaccarias, tendo ao centro o dr. Victor Delamare, professor de geometria e trigonometria naquelle estabelecimento.

A FESTA DA SERINGA

Brilhante e animada foi a «Festa da Seringa», que se realizou sabbado ultimo, nos salões do Botafogo F. C. Dedicada á alta sociedade carioca, teve, como sempre, o concurso do corpo clinico da Assistencia Municipal. Houve danças e distribuição de brindes aos presentes, o que contribuiu para que a linda reunião tradicional decorresse, como decorreu, num ambiente de graça e elegancia. Ainda nessa occasião foi eleita a rainha da festa. A nossa pagina focaliza dois aspectos da «Festa da Seringa».

FILIGRANAS

O trem resfolegante, com um suspiro de allivio, parou naquella estação paulista onde os meninos vendem cestinhos de mexeriqueiras, ha uma torre de igreja entre eucalyptus e cujo nome no momento não me lembro.

Passei os olhos pela rua de casas commerciaes que defrontavam a estação e lá na platibanda de uma dellas esta taboleta:

Armazem Israelita.

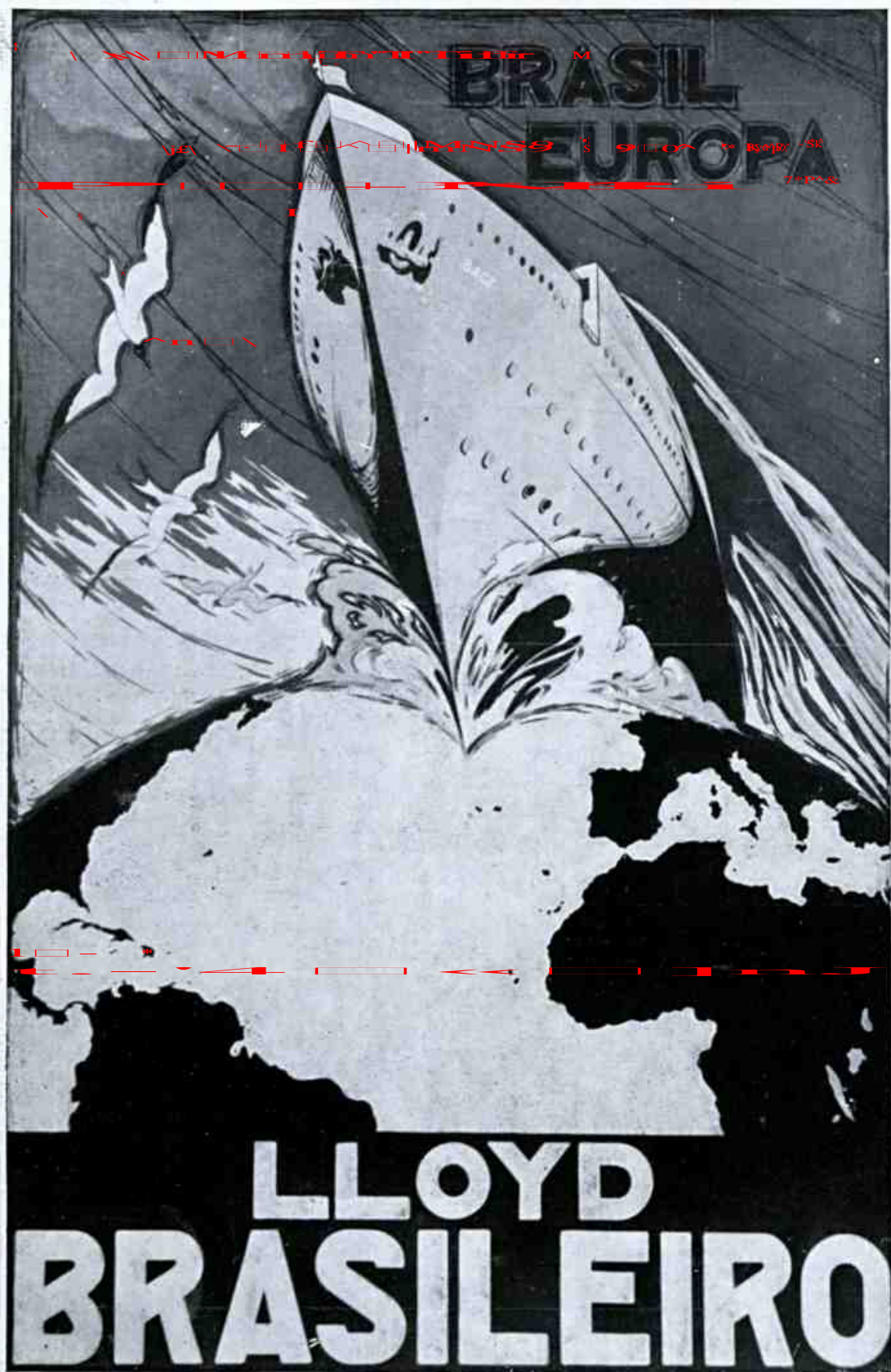
Bemdita terra! Bemdita gente! Bemdita epoca! a nossa, murmurei commigo mesmo. Quem conhece o que foi a perseguição ao judeu, no mundo e vê um delles publicar ao sol a sua origem, affirmal-a no letreiro de sua loja sem o menor receio, nem mesmo o de perder a freguezia é que pode murmurar com unceção: Bemdita terra! Bemdita gente! Bemdita epoca!

O embaixador Nascimento Feitosa offereceu em sua residencia, ha dias, um jantar em honra do núncio apostolico, monsenhor Aloisi Masella, que na gravura acima apparece entre as pessoas que tomaram parte nessa homenagem.

Inaugurou-se no cemiterio de São João Baptista o mausoléo do grande esculptor brasileiro Rodolpho Bernardelli, cujo desapparecimento ainda ha pouco o Brasil inteiro pranteou sinceramente. Falou durante a cerimonia o dr. James Darcy, que fixou, com arroubos de eloquencia, traços da vida e da obra do autor de «Santo Estevam» e «Christo e a Adultera». A photographia acima focaliza um aspecto da solennidade.

Membros illustres da colonia sul-riograndense domiciliada nesta capital promoveram segunda-feira ultima, no Jockey Club, um almoço em homenagem ao eminente arcebispo de Porto Alegre, d. João Becker, que ha dias se encontra entre nós, tendo vindo aqui tomar parte nas cerimonias commemorativas da inauguração da estatua de Christo Redemptor do Corcovado.

Mesa do commandante do «Atlantique», na grande festa realizada a bordo, por occasião da passagem da Linha, vendo-se, entre outros passageiros, de pé, o sr. Camille Maillard, architecto do grande navio, e o nosso companheiro Gustavo Barroso.

O dia de São Lucas, padroeiro da classe medica, foi, este anno, como sempre, festejado pela Sociedade Medica de São Lucas, que promoveu uma solenne missa, na Cathedral Metropolitana, com a assistencia de elevado numero de medicos catholicos e respectivas familias. Celebrou o Santo Sacrificio s. ex. revma. d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, que tambem falou, ao Evangelho, sobre o nobre sacerdocio da medicina e as suas affinidades com a religião catholica.

O Jury do concurso de cartazes de propaganda do Lloyd Brasileiro, recentemente realizado nesta capital sob o patrocinio da Associação dos Artistas Brasileiros, e por suggestão do director da publicidade da grande companhia nacional de navegação, conferiu o primeiro premio ao interessante trabalho apresentado pelo artista Gutierrez, que não só satisfez a todas as exigencias do certamen, mas ainda impressiona pelo conjuncto e pela concepção artística. Melhor, porém, do que as palavras, dirá o proprio cartaz premiado, que o cliché desta pagina reproduz, como uma suggestiva illustração da presente nota.

FON-FON no cinema

A debandada

Um film da Paramount interpretado por

RICHARD HARLEN

e

FAY WRAY

Era um amor rustico, mas vibrante.

NAS fazendas de criação de gado no Texas, a tristeza era geral. A construcção da nova estrada de ferro fôra suspensa por tempo indeterminado, deixando, assim, sem transportes os criadores de gado. Claro está que os prejuizos eram grandes e alguns fazendeiros chegavam até a abandonar as rezes nos campos de pastagem. Outros contentavam-se em vender suas propriedades por dez dollares em

«Não partas! Não partas!»

Defendia o seu thesouro.

ouro. Tudo estava desvalorizado e terrenos que valiam tres dollares por geira eram vendidos por tres centavos, o preço offerecido pelo ganancioso sr. Fletcher, acostumado aos bons negocios...

A guerra civil acabara ha pouco, e todo o Texas era theatro das operações de individuos como elle, que exploravam a situação dos pobres fazendeiros, que, agora, sem os contractos do exercito, se viam obrigados a sacrificar tudo o que tinham. Senhor já de avultados latifundios, Fletcher, entretanto, não conseguira ainda abocanhar a mais bella fazenda do Estado, de nome "Lagôa do Sol".

Taisie Lockhastt, que de seu pae herdara essa excellente propriedade, via-se agora á beira da ruina, muito embora possuidora de numerosos rebanhos. Nessa conjunctura, ella reúne os seus "cowboys" e avisa-os de que não mais lhes poderá pagar os seus salarios e que, portanto, só lhes resta uma solução: despedil-os.

Encabeçados por Jim Xobours, o capataz, os vaqueiros declaram a Taisie que de modo nenhum a abandonarão.

Visitando um banco na vizinha cidade de Austin, na esperança de obter prorogação de vencimento para um emprestimo que lhe fôra feito, Taisie alli encontra o seu companheiro de infancia, Dan McMasters. Grande como é a sua impressão ao vel-o, Taisie o trata com frieza, recordando-se de que, embora nascido alli no sul do paiz, Dan combateu na guerra civil ao lado das tropas do norte.

Dan acha-se no Texas em missão secreta do governo para investigar as accusações movidas aos especuladores de terras, e mais especialmente a Marvin Fletcher. Mas disso só sabe Asmos Corley, o presidente do Banco de Austin.

Certo dia, num botequim da villa, suscita-se uma discussão entre Jim Nabours, o capataz de Taisie, e Fletcher, o explorador da pobreza. Dan está presente e, vendo Jim puxar da sua garrucha contra Fletcher, desarma-o com um tiro no pulso, afim de evitar que elle pratique um assassinio, que o poderá perder para sempre.

Dan diz a Corley e Taisie que ha um bom mercado para o gado do Texas em Abilene, Kansas, cidade que a ferrovia de Washington alcança agora, depois de concluido o seu prolongamento, ha poucas semanas. Elle é de parecer que Taisie para alli envie o gado que precisa vender, mas avisa-a de que, para o gado chegar a Abilene, terá que vencer uma distancia de cerca de mil milhas, através uma região do paiz inteiramente desprotegida.

A resposta de Taisie deixa Dan desconcertado: ella propria acompanhará o gado a seu destino. Dan faz-lhe ver os perigos a que se arrisca a moça em semelhante empresa, mas nenhum dos argumentos do rapaz consegue demover Taisie da sua resolução. Então, como extremo recurso, Dan offerece-se para lhe servir de guia, não como um favor pessoal, mas sim mediante uma remuneração adequada, o que permitte a Taisie acceitar o offerecimento.

A caravana inicia a sua arriscada jornada. No seu encalço, milhas atraz, seguem Fletcher e os seus homens, que projectam atacar a gente de Taisie, logo que a caravana da "Lagôa do Sol" tenha sahido do Estado do Texas.

No decurso da longa viagem, privando mais de perto um com o outro, Taisie e Dan voltam á amizade antiga. Um dos "cow-boy" dá aviso da presença de Fletcher a pouca distancia, e logo Dan, ás escondidas de todos, parte para o acampamento do especulador. Segue-o, porém, Jim Nabours, que entrou a desconfiar da sinceridade de Dan, desde que este evitou que elle matasse Fletcher. A conversa que elle surprehende entre os dois homens, no correr da qual Dan diz a Fletcher que a gente da fazenda "Lagôa do Sol" nem sabe que elle persegue Taisie e os seus vaqueiros, ainda mais fortalece a convicção de Jim. Depressa de volta, elle declara a Taisie que agora não tem mais duvida de que Dan é um traidor.

Quando Dan volta, Jim dá ordens para que elle seja immediatamente linchado. Taisie não dá ouvidos ás explicações de Dan, e expulsa-o do acampamento, prohibindo, porém, que contra elle se pratique qualquer violencia.

Nessa situação, Dan só encontra um amigo, "Cinco Centavos", um rapazito mexicano, e é com elle que Dan combina o seu plano para sal-

(Conclúe na pag. 49)

Caminhavam cautelosamente.

Era uma esphinge!

O PROCESSO DE TILLY FERRANTES

(Es gibt eine Frau, die Dick niemals vergisst)

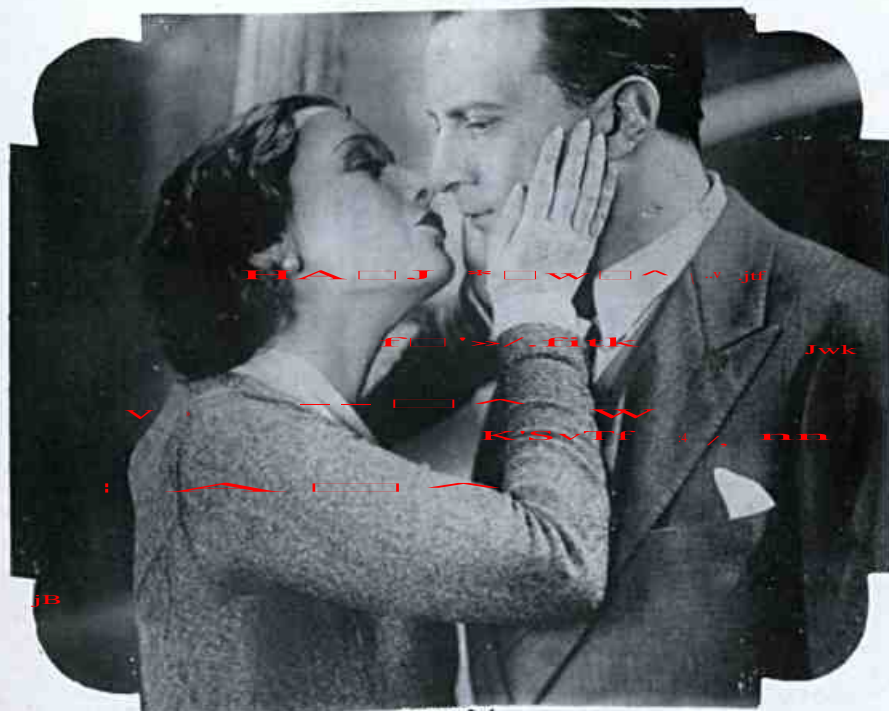
Com :

Tilly Ferrantes, LIL DAGOVER
Jorge Moeller, IVAN PETROVICH

No vasto salão do tribunal de uma conhecida capital, a actriz Tilly Ferrantes, sentada no banco dos réos e empallidecida pela emoção, ouve a leitura do libello que a aponta como responsavel por um crime de morte. A ré parece sentir, como pontas de fogo, os olhares cheios de odio da senhora Moeller, principal testemunha de accusação e progenitora da victima. E, embora se tenha confessado innocente desse crime, Tilly relata perante a justiça a historia de sua vida, entre phrases que, em busca de recordações, começaram t i t u b eantes para terminar fluentes e apaixonadas.

Fôra por occasião do espectaculo de despedida de uma companhia de operetas, em Berlim, que a "estrella" Tilly Ferrantes projectara uma viagem de automóvel com um certo conde, seu amiguinho. Mas um desentendido entre os amantes destroe esse lindo sonho de aventuras. Por esse motivo, Tilly regressa á sua "villa", desesperançada das venturas que esse passado poderia proporcionar-lhe.

Chegando a casa, a linda actriz encontra a sua collega, senhora Moeller, que fôra pedir-lhe uma pequena somma para poder ir visitar seu filho Jorge, que trabalhava como actor num theatro da provincia.

Tilly attende a esse pe-

Seducção!

elido e, entre lagrimas, sussurra ao ouvido da visitante: "Tu, ao menos, sabes a quem pertences, ao passo que eu..."

Como que desejosa de consolar Tilly, a senhora Moeller convida-a para ir comsigo em visita a Jorge e, só por essa noticia, Tilly afugenta de si a tristeza e recobra o animo da alegria. Na manhã seguinte, as duas mulheres partiam de trem para a cidade provinciana.

Não tardou que Jorge se inflammasse de paixão pela linda e encantadora "estrella" da ribalta, nem tão pouco custou a Tilly tomar-se de amores pelo esbelto e elegante joven, tão differente daquelle conde que, outrora, occupara o seu coração. Escoam-se deliciosamente duas semanas de felicidade, mas durante esse tempo ha um coração que sangra: um coração de mãe. A senhora Moeller presente que Tilly vae roubar-lhe o amor do filho...

Passados alguns mezes, Tilly volta a ser o ponto de convergência da vida da capital. Novas occorrendas apagam certas recordações e Tilly sente-se um pouco constrangida quando, de repente, um visitante inesperado, na pessôa de Jorge, surge naquelle ambiente elegante. A saudade da mulher querida levou esse moço á presença de Tilly, mas esta, agora, pensa differentemente: o amor que lhe dedicava, antigamente, afigura-se-lhe desagradável, pois que os modos pessoaes de Jorge têm para Tilly, nessa nova atmosphera, um aspecto impróprio e provinciano.

Sorriso que era um mysterio.

Ella quasi se envergonha delle; comtudo, tendo bom coração, tolera-o pelo profundo e sincero amor que Jorge lhe dedicava. Indirectamente, faz-lhe chegar ás mãos algum dinheiro e facilita-lhe um bom contracto. Jorge sente-se feliz e estuda com afinco o seu papel, como collaborador da fascinante actriz, sem notar o menor perigo para o seu amor.

Um dia, o titular surge novamente na vida de Tilly, que, entrementes, tendo aprendido os mysterios da vida, pede desculpas ao conde por tel-o, um dia, considerado um homem sem alma, porque o contacto diário com Jorge lhe ensinara a sentir que é mais importante ser-se conceituado e distincto do que impetuoso e apaixonado. E, dessa fôrma Tilly abraça aquella velha amizade.

Não tardou que Jorge soubesse do reatamento dessas relações e quando, certa vez, descobriu uma valiosa joia com que o conde presenteara Tilly, dá-se uma scena horrível entre elles. Durante a altercação, Tilly, ouvindo as offensas que o rapaz lhe atirava á face, revida-lhe no mesmo tom, taxando-o de um aproveitador da bondade e da fraqueza de uma mulher. Profundamente revoltado, Jorge retira-se e vae para a casa de sua mãe.

No dia seguinte, realizou-se a estréa da peça em que Tilly e Jorge serviam de protagonistas. A scena final exigia uma luta entre esses personagens e, ao terminar, mostrava Tilly atirando com um revolver sobre Jorge. Nunca a ribalta apresentou um trabalho tão natural e tão fiel como o que era executado naquelle momento... mas o re-

Olhar perverso!

(Conclue na pagina 48)

MORREU...

ELLA se foi com a ultima primavera. Havia ainda em cada roseira uma flôr a se despetalar como a encarnação das illusões que morrem...

O perfume que se transportava do jardim para o seu quarto, pela janella aberta ao luar, vinha perfumar-lhe o corpo immovel, que repousava serenamente sobre a alvura do leito macio.

Os olhos semi-cerrados eram uma esperança que se extinguira ao contacto da realidade.

Morreu... Vozes abafadas perpassavam no ar. Havia um tom de mysterio em cada physionomia. Todos tinham a impressão de querer occultar a grande tragedia.

O velho medico vinha de repousar a cabeça fatigada de esperança inutil...

Morreu... O silencio baixou na sala de moldes esquisitos. E, lá fóra, no silencio da rua, passou um bebado atirando improperios. Era uma nodoa negra sujando a brancura do luar.

* * *

O dia seguinte surgiu na tristeza de uma manhã de bruma.

Veiu a tarde. Homens esquisitos, trajando roupa preta, tiraram o corpinho que repousava sobre a alvura do leito para o fundo de uma cova immunda.

* * *

Morreu... Morreu sim, para a natureza; morreu para os homens que a conheceram. Morreu para o mundo, que não a verá nunca mais.

Morreu para todos. Só não morreu para mim. Ella vive ainda: no meu coração, o seu amor; na minha saudade, a sua lembrança.

Ella não morreu para mim, oh! isso eu juro!

EDWALDO CALMON

O processo de Tilly Ferrante

(Conclusão)

volver que, então, Tilly usou, estava carregado de balas legitimas.

Terminou assim a declaração da linda actriz, perante os jurados. Segue-se a inquirição das testemunhas. Ao chegar a sua vez, a senhora Moeller affirma que Tilly Ferrantes é a assassina de seu filho. O promotor publico, depois de desenvolver vários argumentos de natureza jurídica, provando a responsabilidade da ré, termina sua peroração pedindo a pena de morte.

Ha um silencio sepulchral no auditorio. Tilly perde os sentidos. De repente ouve-se um grito abafado. A mãe da victima levanta-se e pede para fazer uma ultima declaração. Attendida pelo presidente do tribunal, a desolada mãe declara que, realmente, Tilly matára Jorge, mas que este, no leito de morte, lhe confessára que fôra elle mesmo quem, ás escondidas, carregára a arma assassina. E, ao findar essa importantissima revelação, a martyrizada senhora diz que procurára guardar esse segredo, não podendo, comtudo, fazel-o, porque, era sua consciencia dolorida, se manifestára o peso do remorso.

A DEBANDADA

(Conclusão)

vamento da caravana e seus haveres: elle precederá os "cow-boys" de Taisie e quem abrirá caminho, lançando mão do recurso do fogo, se tanto fôr preciso. "Cinco Centavos", valendo-se das indicações do seu fiel amigo, alcança o magestoso Rio Vermelho, e, afinal, depois de uma perigosa travessia, os dois conseguem levar os rebanhos á outra margem do rio.

Os vaqueiros estão agora na região de Fomanche, onde os indios são pacificos. Fletcher quer, porém, que lhes seja attribuido o ataque á caravana, que elle vae emprehender. Vendo algumas mulheres indias a tomar banho, abate uma a tiros, certo de que a vingança dos indios abrangerá todos os homens brancos que porventura descubram. Dan surprehende a confabulação entre Fletcher e seus sequazes, e penetrando no acampamento dos homens de Taisie, envia "Cinco Centavos" ao forte, em busca da cavallaria, e avisa a moça de que se prepare para o ataque dos indios. Quando estes chegam, Dan faz do chalé branco de Taisie uma bandeira de paz e sae a parlamentar com os atacantes. Chegam as forças de cavallaria, e Dan, a quem o commandante do destacamento se dirige, "chamando-lhe "coronel", explica que o chefe indio não se recusa á paz, desde que lhe seja entregue o assassino da pobre india. O official faz ver a Dan que, nesta situação, a sua obrigação é consentir que os indios se apoderem de Fletcher. Acompanhado por alguns soldados e guias indios, Dan dirige-se á cabana onde Fletcher se refugiou com os seus homens. Os criminosos são subjugados depois de terrivel combate, e Fletcher, seguramente amarrado, é conduzido ao acampamento dos indios.

A caravana prosegue e alcança Abilene, onde lhe é feita uma festiva recepção. Com o auxilio de Dan, Jim consegue negociar por bom preço o gado da fazenda. Mas nem por isso se desanuvia o coração de Taisie, receosa de que Dan não lhe perdoe. Ella vae em busca do official, e este lhe mostra o telegramma que acaba de receber do Presidente da Republica, elogiando-o pelos actos que acaba de praticar e mandando-o apresentar-se em Washington. Taisie inveja-lhe a sorte, pois ver a capital do paiz — diz ella — foi sempre um dos seus sonhos, e Dan, abrindo-lhe os braços, annuncia-lhe que para elle vae ser uma alegria realizar esse sonho.

CAIXA DE SURPREZAS

A VINGANÇA DO "ELEPHANTE"

— A memoria e o caracter vingativo de um animal tão pacifico como o elephante foram postos em evidencia, ainda ha pouco, em Calcutá.

Telegramma da capital da India fala de um tragico accidente, occorrido em Vallore, perto de Madras. Certa tarde, uma creança hindú entretinha-se em picar com um ferro ponteagudo a tromba de um elephante domesticado, que se achava na sua jaula. O pachyderme supportou tudo sem fazer um só movimento, sem deixar escapar um só gesto de dor. No dia seguinte, porém, quando o elephante marchava á frente de uma procissão, magnificamente ataviado, succedeu o inesperado.

Compacta multidão estendia-se por ambos os lados da rua. Sempre á vanguarda do cortejo, o elephante caminhava lentamente quando, de repente, se deteve, indeciso, até que, por fim, como impulsionado por uma catapulta, avançou em direcção de um dos espectadores: era a creança hindú que o havia torturado na tarde anterior. Apanhando-a, violentamente, com a tromba ergueu-a no ar e, logo, com uma força brutal arrojou-a ao solo. E, emquanto a multidão, apavorada, se dispersava, a pequena victima morria a deitar sangue pela bocca, sem que ninguem lhe prestasse qualquer auxilio. Vingado, o pachyderme afastou-se, indo occupar novamente o seu logar no cortejo.

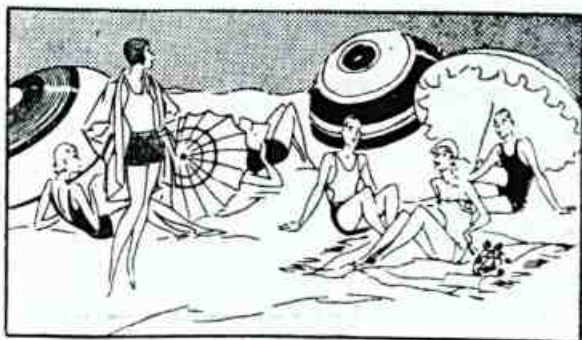
NÃO QUERIA SOBREVIVER-LHE...

— O barão Tippler, grande bebedor de cognac, afim de evitar que o seu creado de quarto fosse tentado a "provar" uma velha marca de 1815, escreveu em todas as garrafas, em vistosos caracteres, a palavra — Veneno.

Um dia, porém, apesar da precaução, pegou o velho serviçal bebendo cognac de uma das suas preciosas garrafas e gritou-lhe:

— Desgraçado!... Que fazes?... Isso é veneno!... Não sabes lêr?...

— Sim, senhor barão — respondeu o creado. Tinha visto, porém, v. ex. tomar tres calices, esta manhã; e, não podendo supportar a idéa de sobreviver-lo, resolvi beber tambem do mesmo veneno...

Um dos predicados do "maillot" Jantzen
é melhorar a
APPARENCIA
de quem o veste!
POR esse motivo é que os banhistas elegantes de Deauville, de Miami ou do Lido — onde se dieta a moda dos trajes de natação — usam os "maillots" Jantzen.
Usando-o V. S. allia a elegancia e a distincção aos seus exercicios. Todos os modelos Jantzen são tecidos em pura lã, por um processo especial. A'parte a elegancia do feitio e a modernissima variedade de côres e desenhos, ajustam-se perfeitamente ao corpo, não enrugam e seccam promptamente.
Os trajes Jantzen distinguem-se pela mergulhadora, em vermelho. Procure-os nas casas de primeira ordem. V. S. encontrará um tamanho adequado ao seu physico.
Jantzen
o "maillot" que facilita a natação
Envie-nos este coupon:
Agentes Geraes no Brasil:
NELSON & CIA.
Caixa — São Paulo
Queiram mandar-me, grátis, o indicador dos "maillots" Jantzen.
Nome
Endereço

O juiz — És um homem honrado, visto como devolves uma carteira achada na rua.
O homem honrado — Para que havia eu de ficar com ella, si estava vazia?...

PARA ATTENUAR AS DÔRES DIGESTIVAS

Para que o estomago possa preencher normalmente as suas funcções digestivas, o succo gastrico deve estar ligeiramente acido, porém se ha um excesso de acidez, estas funcções acham-se estorvadas e dá como resultado uma má digestão. A acidez provoca a fermentação dos alimentos não digeridos, que causa por sua vez as azias, as ardencias, os pesadumes, a flatulencia e as digestões dolorosas e difficeis. Assim pois se sente V. S. incommodados depois das suas refeições, tome Magnesia Bisurada. Este anti-acido neutraliza o excesso de acidez, evita a fermentação e os incommodos que ella provoca e facilita as funcções do estomago. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

:: O ANNEL ::

HAVIA vinte minutos que ella chorava desconsoladamente. E elle, apesar de seus esforços, não conseguia consolál-a... Suas palavras não encontraram éco naquelle croação... Ella estava desesperada...

Elle queria encontrar uma phrase que fizesse cessar seu pranto. Mas tudo era inutil... Afinal, murmurou:

— Comprehende-o, mulher... Eu não tenho culpa. São meus paes...

Seus paes não queriam aquelle casamento. Era essa a triste realidade, depois que elle déra sua palavra áquella encantadora loirinha, promettendo-lhe que a desposaria. E ainda havia mais (embora isso elle não o dissesse): que o esperava, na cidade onde residiam seus paes, outra noiva, escolhida por elles e disposta a pronunciar immediatamente o sim sacramental.

— Bem sabes que, si eu fosse senhor de meus actos... Mas não o sou...

Ao cabo de um momento, vendo que não cessavam de correr as lagrimas pelo rosto della, exclamou:

— Escuta, Suzana... Si nos casassemos contra a vontade de meus paes, elles deixariam de dar-me o dinheiro que me dão... Eu os conheço muito bem... Têm o coração de pedra...

E ficou silencioso, contemplando aquella praia onde passára horas tão felizes... Depois, ajuntou:

— As privações não me assustam por mim, mas por ti... Eu não poderia dar-te conforto, nem satisfazer a teus caprichos... nem comprar-te vestidos como os que vimos o outro dia na vitrine da casa de modas. Comprehendes? E' esse o motivo que me obriga a resignar-me e acatar a vontade paterna...

Ella respondeu:

— Comprehendo-o... Mas, é muito triste!...

E seus bellos olhos continuaram empannados de lagrimas...

A mãe de Suzana, com cara de vinagre, interveiu:

— Cavalheiro, um homem de meu tempo não se portaria desse modo...

Elle ficou olhando-a.

— Meu Deus! — pensou. — Si Suzana, algum dia, se parecesse com ella!...

Mas Suzana, então, era bem differente. Tinha dezesete annos, e, apesar de seu pranto, estava formosa...

Elle a contemplava enlevado...

De repente, notou que chegava a hora de tomar o trem.

— Que pena — dizia comsigo mesmo — que ella não tenha o milhão de dote que tem a outra!

E, para Suzana:

— Sinto a alma angustiada, Suzy, ao ter que deixar-te! Mas... preciso tomar o trem dentro de um quarto de hora... De maneira que... temos que despedir-nos...

Ella, tirando, com um gesto de abnegação e amor, um annel que trazia no dedo, murmurou:

— Toma Bob, este annel... Jura-me que o trarás

De Claudio Dazil

sempre commigo!... Elle te recordará nossas illusões e esta pobre Suzy que tanto te queria...

Lançando um suspiro, Bob respondeu:

Tel-o-ei sempre commigo... Escrever-te-ei frequentemente...

E separou-se bruscamente.

Ao chegar á estação, parava o trem. Teve o tempo justo de tomar o comboio, e, installando-se no vagão, contemplou a joia que jurára trazer sempre comsigo.

Na outra estação, já o esperava a outra noiva, com toda a familia... A moça ostentava um vestido riquissimo, dos que tanto agradavam a Suzana. Mas era feia, insignificantemente... Que differença entre ella e sua bonequinha loira! Mas era forçoso esquecer...

Esquecer... E a joia que tinha no dedo e que jurára trazer sempre comsigo?

O annel, em que brilhava uma esmeralda, parecia dizer:

"Não me esqueças... Não me esqueças"...

E Bob evocava a linda carinha de Suzy e seus olhos cheios de lagrimas... Quiz perder a joia para apagar a recordação de sua antiga noiva, e, ao mesmo tempo, não faltar a seu juramento. Mas sempre o annel tornava a apparecer. E não lhe era possivel esquecer Suzana! Elle não lhe havia escripto, como lhe promettêra, nem uma carta amistosa, banal... Que teria sido della?...

Um dia, desesperado de não poder suffocar o pensamento que o obsecava, ao passar pelo rio, lançou á agua a joia, suppondo que assim a esqueceria mais facilmente.

Tudo, porém, foi inutil. Sua noiva não podia, a despeito de seus vestidos de tres mil francos, comparar-se a Suzana. Afinal, se conformou, pensando no dote.

Chegou a época em que teve que se occupar dos preparativos do casamento. Uma manhã, recebeu uma carta, na qual reconheceu a letra de Suzana.

Quantas censuras não encerraria por não ter elle cumprido a promessa de escrever-lhe! Teria chorado esperando-a?... Talvez se despedisse delle por estar em perigo de vida... Ha mulheres a quem um amor contrariado custa a vida.

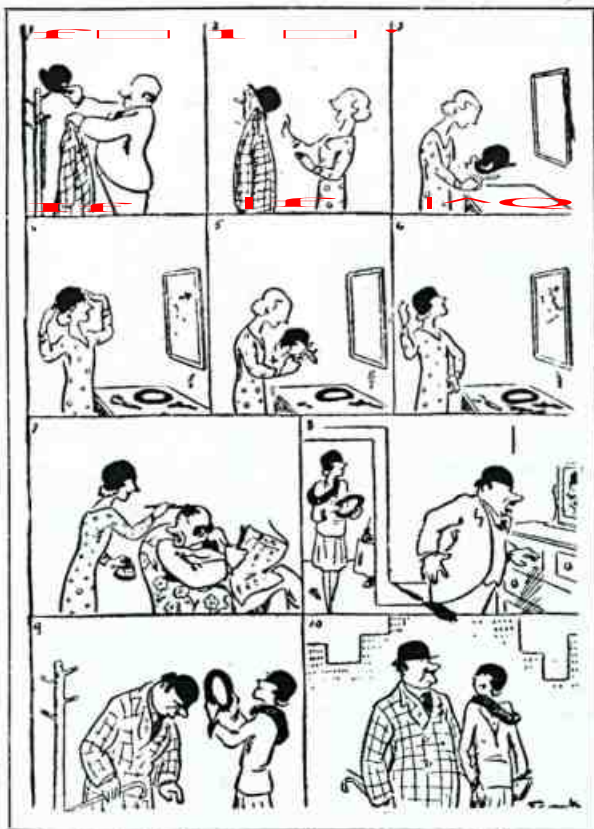
Immerso nessas reflexões, não abriria a carta. Mas o tempo passava... Tinha que ir buscar a noiva, e, por fim, se decidiu.

— Vou ver o que me diz a pobrezinha da Suzana — pensava, emquanto rasgava o enveloppe.

E a pobrezinha da Suzana dizia:

"Meu caro senhor:

"Como tenho relações muito formaes com Jorge Dupont, grande fabricante de sêdas, peço-lhe que me envie algumas cartas insignificantes que possúe assignadas por mim, e o annel que minha inexperiencia lhe entregou.

"Contando que seu cavalheirismo me remetterá, na volta do correio, quanto lhe peço, desde já lhe agradece sua affectuosissima amiga — Suzana."

Um chapéo bem aproveitado...

A MULHER QUE MORREU TRES VEZES

*A*PPARECERÁ ainda este mez a novella A mulher que morreu tres vezes, do escriptor Paulo de Magalhães, o festejado autor theatral cujas peças têm sido representadas com successo no paiz e no estrangeiro. A mulher que morreu tres vezes é uma obra realista sobre o vicio da cocaina no Rio de Janeiro, premiada no concurso de escriptores sul-americanos promovido recentemente por La Novela Internacional, da Argentina, onde foi publicada em hespanhol. Com a noticia do proximo apparecimento d'A mulher que morreu tres vezes, offerecemos aqui, aos nossos leitores, um capitulo inédito desse livro brasileiro, editado por A. Coelho Branco Filho.

" — O sol e o ar fresco da manhã hão de fazer-lhe bem.

Paulo dispoz-se logo. Vana, depois de irritada relutancia, accedeu. Ella teve logo uma idéa satanica de aproveitar aquella sahida para conseguir um pouco de cocaina. O seu cerebro excitado poz-se, febrilmente, a trabalhar para descobrir uma maneira de satisfazer o seu maior anseio do momento. Olhando para o apparelho telephonico, que descansava sobre a mesa do seu quarto, Vana teve uma idéa luminosa. A difficuldade residia agora em conseguir o telephonema. Pensou um pouco e resolveu. Chamou Paulo e disse: — "Estou com fome. Manda-me a enfermeira buscar um pouco de presunto na confeitaria proxima, emquanto ficas aqui commigo..." — Paulo não desconfiou e mandou a enfermeira cumprir o desejo de Vana. A mulher sahiu, recommendando, porém, que não deixasse Vana afastar-se do seu appartamento. Paulo ficou attento. Vana, sob o pretexto de vestir-se, fechou a porta do quarto. Paulo não desconfiou deste gesto, pois que no quarto nada havia a temer quanto á existencia de cocaina... Dentro do aposento, Vana correu logo para o telephone e communicou-se com J. Manso, o "vendedor da morte":

— Aqui é Vana Varescu.

— Quanto quer? — perguntou a voz aflautada do vendedor clandestino, já habituado aos pedidos daquella "freguezia".

— Estou vigiada, sr. Manso. Preciso, porém, de 6 frascos. Vou sahir de automovel com o Paulo. Esteja, immediatamente, com a encommenda, em frente á Casa de Fructas do Salgado, no Largo da Lapa. Farei parar alli o automovel a pretexto de comprar fruetas. Arranje, então, um meio de passar-me a "coisa".

— Não tenha cuidados. Dentro de cinco minutos lá estarei.

Vana apromptou-se rapidamente, e sahiu do quarto, dizendo:

— Sahiremos quando quizeres, Paulo.

— Mas não queres comer o presunto?

— Comerei quando voltarmos.

Sahiram. Na rua, Paulo chamou um automovel de praça e mandou seguir para o Leme.

Vana disse, dissimulando:

— Manda parar na Casa de Fruetas do Salgado. Tenho desejos de comer uma maçã. Paulo, sem desconfiar, deu a ordem ao "chauffeur". O automovel encostou junto ao passeio da Casa Salgado. Vana disse:

— Desce tu e escolhe meia duzia de maçãs bonitas. Tenho preguiça de descer.

Paulo Morrante desceu solérte e entrou na casa. Vana debruçou-se ansiosa na borda do automovel. J. Manso estava a poucos passos de distancia, olhando, disfarçadamente, para um letreiro qualquer. Aproximou-se vagaroso do automovel de Vana, passou pela calçada, bem junto a elle e, num gesto rapido, atirou um pequeno volume sobre a almofada, ao lado de Vana. Ninguem percebeu o seu gesto, tão rapido e tão disimulado elle foi. Caminhou mais uns passos e voltou, despreoccupadamente, assobiando, como quem está á espera de alguem. Ao passar de novo perto do automovel, estendeu ligeiramente a mão, como si tamborilasse sobre o forro da almofada do assento. Vana passou-lhe uma nota de banco. Era o pagamento da compra. Nesse momento, Paulo sahiu da Casa de Fruetas com um pequeno embrulho branco. Vana abriu-o e disse:

— Desculpa, Paulo. Mas eu tambem quero pêras. Volta a compral-as.

Paulo sorriu-se e reentrou na Casa do Salgado. Foi o tempo sufficiente para que Vana abrisse, tremula, um dos frascos recebidos e o derramasse quasi inteiro na palma da mão. Esfregou a mão assim cheia de cocaina nos labios e na gengiva, sorveu uma ma porção pelo nariz e ficou quieta, esperando a volta de Paulo, procurando dissimular a mais possivel a expressão de tontura que fazia-se-lhe afrouxarem os nervos numa lassidão morbida. O passeio foi realizado e Paulo Morrante nada percebeu nem desconfiou do que se passára durante o trajecto. Duas horas depois voltaram para casa. Vana vinha sorridente e feliz porque trazia occulta no seio a sua preciosa "carga" allivíadora..."

VII

Durante o dia todo, Vana, reconfortada, porque podia satisfazer ao vicio que a dominava e absorvia, ficou estudando a melhor maneira de oc-

De Paulo de Magalhães

cultar o seu precioso embrulho de cocaina.

Vana Varesqu passou assim o dia, preoccupada com o seu problema. A' noite, deitou-se para dormir. A enfermeira, como de habito, recostou-se num canapé ao lado do leito de Vana. Vana, fingindo dormir, reparou que a sua guardiã, cansada do dia de trabalho, dormia profundamente. Ella, então, tirou do seio o pequeno embrulho e collocou sobre a cama os frascos amarellos. Accendeu a pequena lampada da cabeceira que um "abat-jour" amortecia, e cortando em pequenos pedaços uma folha de papel fino, distribuia por elles porções de cocaina. Depois enrolou-os em fórma de cigarros, e escondeu-os nas malhas estreitas do cortinado do leito. Com esse fornecimento, que durou quatro dias, Vana sentiu-se bem disposta. O dr. Sarro, que a vinha ver todos os dias, sem desconfiar dos "trucs" da sua enferma, mostrava-se muito animado com a serenidade que lhe notava e com a ausência de crises nervosas. Chegou mesmo a dizer a Paulo:

— A nossa doente vae-se portando admiravelmente. Acceite a pequena dosagem que eu lhe ministro do toxico, sem pretexto e sem demonstrar soffreguidão. Aos poucos, está se deshabituando da cocaina. E o calmante substitutivo que tem ingerido, nestes dois ultimos dias, não tem sido mais que uma ligeira poção inoffensiva... Si as coisas continuarem assim, poderemos cantar victoria dentro em pouco.

Paulo perguntou:

— E quanto ella absorve actualmente de cocaina?

— Não chega a meia gramma por dia. Como vê, ha uma grande melhora.

Naquella tarde mesma em que conversavam os dois medicos na saleta da casa de Vana, acabava-se o "stock" de cocaina. Ella começava a sentir-se ansiosa e agitada. Havia tres horas não absorvia o toxico. Chamou Paulo e reclamou:

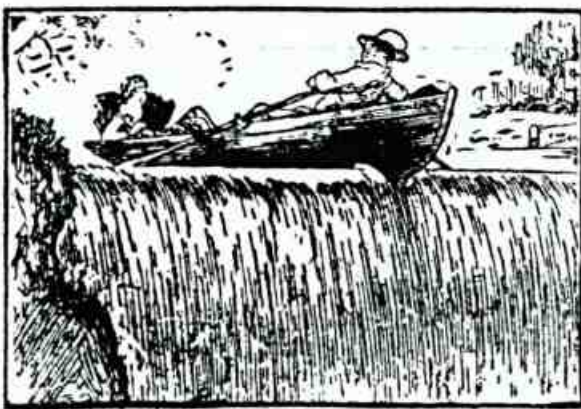
— Começo a sentir-me agitada. Quero uma dose!

Paulo Morrante procurou convencel-a:

— Mas, minha querida, tem um pouco de força de vontade. Justamente agora que estás com uma dosagem pequena! Com um pouco mais de sacrificio estarás curada.

Vana teve um sorriso ironico, que Paulo não percebeu, e disse, excitada:

— Não posso mais, ouviu? Quero uma dose! E já!

Paulo sahiu, cabisbaixo, sem nada responder. Vana, irritada, teve uma tremenda crise de nervos. Quebrou cadeiras e vidraças, rasgou-se toda, gritou, blasphemou tremendamente. Foi a mais forte das suas crises. Desvairada. Desconhecendo as pessôas que se lhe aproximavam e, avançando para ellas aggressivamente, dava a impressão de loucura definitiva. Paulo assustou-se e mandou chamar o dr. Sarro a toda a pressa. Quando o medico chegou encontrou-a ainda naquella superexcitação. Applicou-lhe uma injecção calmante. Vana serenou, pouco a pouco, para cahir afinal em grande prostação. O dr. Raul Sarro disse para Paulo:

— Estou preoccupado. Esta peora repentina no estado psycho-pathologico da enferma faz-me pensar. Não é logica nem era esperada. Além disto, durante a crise, notei-lhe symptomas alarmantes de desvario e desequilibrio, francamente, graves. Receio muito, agora, pelo grão de sanidade mental da enferma. Parece-me que o toxico, que ella absorveu, em tão grandes doses e durante tanto tempo, actuou, directamente, sobre o cerebro e, notadamente, sobre os centros nervosos, enfraquecendo-os muito. Precisamos, pois, attentar mais que nunca para este aspecto grave do estado de d. Vana Varescu. Quanto á cura do seu habito nefasto, não desanimo. Ella está absorvendo apenas 35 centigrammas. Continuemos a diminuir, gradativamente, a dosagem. Por outro lado, vou atacar o mal que hoje vislumbrei com uma medicamentação apropriada.

Falava assim o dr. Sarro, quando bateram á porta do quarto. Era a dona da casa de pensão. Tinha alguma coisa a dizer a Paulo Morrante. Paulo attendeu-a.

— Doutor — começou a mulher — eu sinto dizer-lhe, mas não é possivel consentir que a senhora Vana Varescu continúe nesta casa. Todos os hospedes estão reclamando contra os disturbios diarios que ella provoca. Eu peço ao senhor que a faça mudar daqui com a maior brevidade."

O principiante (*muito satisfeito*) — Veja, Mariazinha, como estou progredindo! Com uma só remada, andamos, pelo menos, tres metros..., e creio que com esta, agora, iremos ainda mais longe...

Notas de Arte

ANTONIETTA FLEURY DE BARROS. — Audição de canto dedicada á Imprensa, a Professores e Criticos da Arte, realizou no Photo-Studio Nicolas, na tarde de 17 de Outubro, a Sra. Antonietta Fleury de Barros, discipula da Sra. Mathilde Bailly. Se pela instrucção dos alumnos, póde julgar-se do valor dos mestres, está de parabéns a Sra. Mathilde Bailly, porque a Sra. Antonietta Fleury de Barros mostrou estar sendo formada em bôa escola de canto e — não, ter simplesmente bôa voz. Desde os numeros iniciaes — *Rose chérie* e *Je crains de lui parler la nuit*, de Grétry, ao extra — *Toada pr'a você*, de Lourenzo Fernandez, soube captivar a attenção do auditorio, não só pela natureza da voz, que, sem ser notavel, é bastante agradavel, mas sobretudo pela nitidez da dicção e pelo encanto da expressão: o que tudo revela estudos, e estudos bem dirigidos. *Adelaide*, de Beethoven foi um dos numeros em que mais sobresairam as qualidades technicas e estheticas da joven estreante.

Pianista que fez os acompanhamentos, a Professora Heloisa Tavares participou com justiça dos applausos recebidos pela cantora.

XENIA PROCHOROWA. — Na constellação de pianistas que costumam fulgurar no palco do Municipal, é uma das admiráveis estrellas a Sra. Xenia Prochorowa. Não temos autoridade technica em astronomia musical para classificar-lhe a grandeza, mas, se nos parece seria exagero localizál-a entre as primeiras, achamos tambem ser injustiça collocál-a entre as ultimas: nem alpha nem omega. Foi a impressão que tivemos ouvindo-lhe o recital de 15 de Outubro, á noite, no T. M., onde se apresentou tocando: I) *Fantasia e fuga em sol menor*, de Bach—Liszt; *32 Variações*, de Beethoven; II) *Balada em fá menor*, 6 *Prelúdios* e *Scherzo em dó sustenido menor*, de Chopin; III) *Elegia* e *Momento musical*, de Rachmaninoff; *Liebeslied*, de Kreisler-Rachmaninoff; 5 *Estudos* e 2 *Poemas*, de Scriabine (1ª audição), além do extra, com que finalizou a audição.

A pianista russa não impressiona immediatamente — porque se lhe percebe o nervosismo quando começa a tocar. Só depois de estar familiarizada com o ambiente, toma pose de si mesma e então toca, demonstrando logo a sua qualidade primacial, a nitidez, a clareza, a quasi irreprehensivel technica. Ao par desse mais notável predicado, quando cessa o nervosismo inicial, sabe tambem imprimir força communicativa ás suas interpretações. Gostamos de ouvil-a em algumas *Variações* de Bethoven, mais ainda nos *Prelúdios* de Chopin e nos *Estudos* de Scriabine, sobretudo no *Pr. em mi bemol maior*, no *Pr. em si bemol menor*, no *Est. em si menor* e no *Est. em si bemol menor*, o que tudo foi alvo de intensos applausos. Mas onde se nos revelou todo o valor da illustre pianista foi no *Scherzo*, que interpretou com notável brilho de execução e de expressão.

O auditorio, que não era pequeno, dada a natureza e a época da audição, mostrou-se emocionado com o talento da pianista, brindando-a com palmas e flores.

AUDIÇÃO DE DISCÍPULAS DA PROF. DE CANTO HILDA BRIZI. — Foi cheio de curiosidade e com a mais sympathica espectativa que penetrámos o Municipal em a noite de 16 de Outubro para ouvir as alumnas da Prof. Hilda Brizi, acompanhadas ao piano pelo applaudido pianista João de Sousa Lima. Mas, embora sem autoridade technica de verdadeiro critico, e só com a sinceridade de chronista, que regista as suas e as impressões do publico, devemos confessar que não correspondeu ao que se esperava, a tão preconizada audição. Se quasi todas as alumnas revelaram possuir vózes dignas de ser bem cultivadas, poucas demonstraram que effectivamente as cultivaram. Além da desafinação que predominou nos córos, avultaram defeitos de impostação e de dicção. Em mais de uma, notou-se a vóz de garganta e a vóz forçada. De sorte que não sabemos explicar como é que com material tão bom, como nos pareceram quasi todas as vozes, póde a mestra fazer tão frágeis construcções, se é verdade que das mãos da Sra. Hilda Brizi sahiu a grande artista Gabriela Besanzoni...

Apesar dessas restricções, justo é destacar as alumnas que nos pareceram superar ou atenuar os defeitos e provocaram merecidos applausos. Em ordem crescente, segundo o tempo de estudo — que nos parece estar marcado na successão mencionada no programma — indicamos a Srta. Lygia Trompowski, que cantou *Ninna-Nanna*, de Tirindelli e *Ballada Medievale*, de Lúcia; a Srta. Alilta Bastos em *L'éclat de rire*, de Auber; a Srta. Maria Pernambuco, no racconto da "Cavallaria Rusticana", de Mascagni — *Voi lo sapete, ó mamma*; a Sra. Mary Brophi na aria da "Aida", de Verdi — *Ritorna Vincitor*; a Sra. Ida Ferreira, na romança da "Gioconda", de Ponchielli — *A te questo rosário*; a Sra. Adriana Besanzoni na aria de "Adriana Lecouvreur", de Cilea — *Io son l'umile ancella*. Em plano superior, destacamos ainda a Srta. Yolanda França, que cantou uma aria da "Norma", de Bellini — *Sgombra é la sacra selva* e outra de *O Profeta*, de Meyerbeer — *Ah, mio figlio!* (?) — pela belleza e raridade da sua voz de meio soprano, senão de contralto, e a Sra. Violetta Coelho Netto de Freitas, que se revelou capaz de tornar-se bella artista da scena lyrica, ultimando convenientemente o seu curso, dados os predicados vocaes e dramaticos patenteados na interpretação de uma aria de Elvira, da op. "Ernani", principalmente no racconto de Leonor — *Tacea la notte placida*, da op. "Trovador".

Como nos falte competencia para aconselhar, limitamo-nos a fazer nossas as palavras de uma grande mestra, que podem servir de lemma a todos os que se dedicam ao ensino ou apprendizagem da arte do canto: *o que faz o grande artista* — escreve Mme. Meyerheim, antiga professora do Conservatorio de Milão — *é justamente uma bella voz, bem impostada, acompanhada de bella dicção. Sem esta, não só não se póde ser um grande artista, como tambem não se é absolutamente artista*. Foi a falta absoluta ou relativa destas duas qualidades — bôa impostação e bella dicção — que notamos na maior parte das alumnas da Sra. Hilda Brizi. Não fôra isso, outros defeitos passariam despercebidos, levados a conta de faltas occasionaes, facilmente sanáveis. Oxalá um novo recital seja a exhibição, não só de bellas vozes, como tambem de vozes bellamente educadas.

OSCAR D'ALVA

SEARA ALHEIA

Manancial — Saberá alguem de onde vem o somno que passa, voando, pelos olhos das creanças? Sim. Dizem que habita o mundo das fadas e que é colhido no recato das flores que ellas dão a beijar ás creanças.

Saberá alguem de onde vem o sorriso que se desflora nos labios das creanças adormecidas? Sim. Dizem que no somno de uma manhã de outomno, fresca de orvalho, os raios pallidos da lua nova, doirando o contorno de uma nuvem que se ia, fizeram o sorriso que brinca nos labios das creanças adormecidas.

Saberá alguem onde esteve escondida por tanto tempo a doce e suave frescura que floresce na carne macia e tenra das creanças? Sim. Quando a mãe dellas era moça, enchia seu coração de um terno e mysterioso silencio de amor e essa doce e suave frescura foi reflorescer, mais suave e mais docemente, na carnesinha macia das creanças. — Rabindranat Tagore.

O passado — A vida das nações, como a dos homens, é um rico thesouro de experiencia: se bem empregado, conduz ao progresso social; se mal applicado, não passa de sonhos, de illusões e de erros.

Como os homens, as nações se purificam e fortalecem pelo soffrimento, pelas provações. Os capitulos mais gloriosos da sua historia são, em geral, aquelles que referem as dores em meio das quaes o seu caracter se formou e desenvolveu. O amor á liberdade e o sentimento patriotico poderão ter feito muito; mas o soffrimento e as provações dignamente supportadas sempre terão feito mais que tudo. — Samuel Smiles.

Á felicidade — Aristoteles — disse Smiles — fez nota, muito opportunamente, que a felicidade é uma especie de energia. E as observações diarias mostram que a felicidade e a saúde são incompativeis com a indolencia, com a preguiça, e, mais ainda, com a frivolidade que se exhibe ao vento da moda e se diverte á custa dos passatempos de um momento.

A maior parte dos homens têem innumeras, infinitas occasiões para procurar e assegurar sua felicidade. O tempo é a principal dellas todas.

Momentos livres, aproveitados de maneira fecunda, podem produzir magnificos resultados.

Seria assombroso o que se poderia fazer empregando os momentos perdidos nas horas de ocio...

E os homens ainda se queixam por que não... são felizes!

A IDÉA

ERA já tarde...

Ao longe, no fundo da janella, a madrugada vinha se annunciando... Silencio...

O fluido abstracto da quietude parecia envolver todas as coisas...

Sentada á minha mesa de trabalho, o olhar perdido, seismava...

Em que?

Nella...

Procurava-a, havia algumas horas, numa ansia febril. O corpo fatigado fez com que eu largasse a penna, deixando pender os braços numa attitude de desanimo. Mas o cerebro não conseguia a tregoa; ao contrario, excitava-se cada vez mais e o pensamento engolfava-se, insano, nas dobras de uma confusão tremenda, penetrando mais e mais no profundo do meu eu, causando-me quasi uma dôr physica, e, por mais que me quizesse livrar dessa concentração, sentia-me presa, arrastada pela torrente phantastica, que se desenrolava dentro de mim... E continuava a procural-a, a perseguil-a, numa ansia louca...

Levantei-me. Machinalmente, fui á janella. Lá fóra, a immobilidade das casas, dos postes, do asphalto... Apenas a brisa, acariciando-me suavemente, manifestava o universo...

Lassamente tornei ao logar primitivo, e deixei-me cahir na poltrona, exhausta, desesperada...

Mas, de repente, o meu olhar pousou ali; era o tinteiro... E... não sei como, inexplicavelmente vi sahir de dentro delle um vulto, qualquer coisa, cuja fórma ainda não percebia. Vinha, a principio, lentamente... Depois urescia, tomava fórma... Era uma fórma fina, esbelta, grácil.

Senti, á medida que ella apparecia, e se apurava, que o meu cerebro se acalmava. A agitação que me tinha possuido ia-se fundindo num balsamo de doce tranquillidade...

Era ella, a Idéa!

CATHARINA MILKA BARATZ

Rabiscos...

EU sou, talvez, o viajor humilde, pequenino, maltrapilho, que passou na noite clara, illuminada, em que tantas luzes faiscavam, brilhavam...

O nomada humilde que por instantes parou ante a mansão illuminada de sua alma e contemplou a felicidade imperando absoluta...

O peregrino cançado que veiu buscar novo alento para a caminhada rude, admirando o sorriso feliz, de quem na vida passa em eterna primavera...

E o viajor pequenino, ante a ventura dessa alma eleita tendo um coração joven que a comprehende e quer, pediu ao Deus supremo pela continuação desse sorriso, pela eternidade desse amor.

E se foi, na sua rude escalada pelas longas vias sinuosas, humilde, maltrapilho, deixando a felicidade... levando a felicidade...

A. BELTRAM SOUSA

O TROCO

O Mario Nunes, aquelle rapaz de bigode frisado que me fôra apresentado no Casino Beira Mar, foi quem me relatou esta proeza do Luis Nunes, aquelle moço loiro, alto, espadaúdo, que se não fartou de dançar com a filha do Salazar, respeitabilissimo elemento do nosso alto commercio, na festa de caridade da senhora Salyro Barreto.

O Mario e o Luis, além de conterraneos, cursaram as mesmas aulas, sendo que o segundo, mais velho, viéra, em primeiro logar para a metropole, emquanto o primeiro terminava certas letranças que lhe autorizassem a ingressão no exame vestibular para a escola de esculapios, onde hoje honra a classe estudantina.

Annos se passaram. O Luis, levado pelo borborinho das grandes fortunas esbanjadas nos grandes centros, transferira a escola para o Assyrio e Congresso dos Tenentes, onde terminou o cyclo luminoso do esperdiçamento dos vastos haveres de seu pae, e o outro, pestanas queimadas á luz mortiça de uma vela, em reles agua furtada de terceiro andar da rua da Lapa, ainda estuda, afim de terminar o curso de medicina.

Assim, vivendo em meios oppostos, jamais pensou o Mario encontrar o Luis, quando, uma tarde em que, apressado, se dirigia para o hospital, de onde é interno, se lhe deparou o Luis que, todo solicito, o convidou para tomar uma cerveja. O Mario tinha no bolso uma unica cedula de vinte mil reis, da Caixa de Estabilização, porém, por delicadeza, recusou a homenagem do conterrâneo. "Quem convida, paga", philosophou o Mario e, ante a insistencia do Luis, entrou com elle no bar.

Sentados, o *garçon* os serviu. E lembraram os tempos idos, falaram dos folguedos juvenis, das armadilhas aos passarinhos, da mestra, das peças com os collegas, e assim esvaziaram a garrafa. O tempo se passava. O Mario perdêra a entrada no hospital e o Luis nem se coçava numa attitude esperançosa de quem queria pagar a despesa. O *garçon*, por tres vezes, viéra enxugar a mesa e o Luis parecia não desconfiar.

O relogio marcou as seis horas. Os fócos electricos pingaram reticencias luminosas no quadro negro da noite. O Mario resolveu perder a amizade á cedula, chamou o *garçon* e deu os vinte mil reis para tirar a despesa e o Luis nem protestou. Trazido o troco na salva, levanta-se o Luis, e diz:

— Ah! Isso não! Nunca! Quem convidou fui eu, e é a mim que compete pagar. Prefiro te ficar devendo os vinte mil reis, mas sou eu quem paga...

E metteu o troco no bolso...

ADONAI DE MEDEIROS

REGENERAÇÃO

Reclinada mollemente sobre uma "chaise-longue" de authentico couro da Rússia, Julieta Viveiros dava a idéa graciosa de uma gaia Angorá preguiçosa e linda, que se deleitasse no fôfo de custosas almofadas.

Nas mãos macias e de unhas longas como os felinos e lustrosas de verniz, uma carta lilaz servia-lhe de leque improvisado, e um cigarro fumegando perfumava o ambiente.

Não havia meia hora lhe chegára ás mãos aquella epistola de amor, acompanhada de um ramo de violetas viçosas. E ella recebera indifferentemente offerta tão gentil, habituada aos muitos mimos, declarações e propostas amorosas que lhe chegavam, em grande monta, diariamente.

Era actriz. O cartaz de papel berrante ou de luzes coloridas onde brilhasse o seu nome glorioso e decantado, chamava todas as attenções e obscurecia por completo o resto do elenco.

Quando a sua figura radiante de belleza e mocidade surgia sobre as taboas do palco, onde o jacto multicôr dos holophotes a fazia ainda mais resplandescente, uma chuva quasi interminavel de palmas ecoava nos quatro cantos do salão imponente, literalmente cheio.

Seu nome era uma attracção irresistivel e, por isso, os empresarios, conseios do successo e di renda fabulosa que lhes advinham de tão formosa quão seductora creatura, não lhe regateavam contractos grandemente vantajosos, o que a tornou em pouco tempo possuidora de regular fortuna, augmentada consideravel-

voluptuosamente arredondados, hombros de linhas harmoniosas, de onde o pescoço emergia torneado, sustentando uma cabeça hellenica ornada de fartos cabellos côr de oiro fulvo, bocca sensualmente rasgada e

mente com os presentes faustosos que lhe enchiam o cofresinho e os moveis caros.

Era alva, de neve, estatura mediana, mãos pequenas, pés de moderna Salomé, olhos côr do cio em tardes estivaes, talhe esbelto, cintura fina e graciosa, quadris rubra como uma romã madura, onde os sorrisos

bailavam deixando ver duas filas magnificas de dentes claros e mimosos como collares de perolas orientaes. A voz argentea e fresca completavam-lhe os dotes physicos, admiravelmente proporcionados.

A seus pés de fada tentadora, se rojavam homens de toda categoria

social: poetas decantados, ministros de Estado, industriaes de nome universalmente conhecido, banqueiros e millionarios, que lhe satisfaziam os caprichos em versos immorredoiros, ou lhe compravam, a peso de diamantes, os sorrisos mentirosos. Sugava de cada um a parte mais proveitosa, sem piedade do cerebro ou compaixão dos capitaes que a sua vaidade consumia. Egoista na accepção maxima do termo. O homem que se emmaranhasse na sua teia maravilhosa, jamais conseguiria safar-se, a não ser com o coração em pedaços e a bolsa irremediavelmente vazia. Depois que ella arrancava o ultimo sentimento e a ultima moeda, — vampiro insaciavel de corações e oiro, — o suicidio ou a miseria infallivel se apossava do infeliz que dormira sob as sêdas caras da sua alcova diabolica e irresistivelmente perfumada. A sua sombra era perniciosa e fatal como a da mancenilha.

Naquella tarde — coisa estranha! — somente lhe chegaram aquella carta lilaz e um simples ramo de violetas! E, de mais a mais, completamente desconhecidas! Uma paixão que se revelava em linhas tremulas sem o incentivo poderoso de um "Chanel" ou de um "Caron", e um punhado de flores sem os atavios dos envolucros suggestivos. Tudo simples, quasi tôsco.

Abrira novamente a mensagem amorosa e

CONSELHOS

Procura o amôr guardar do homem, na vida,
que adormece, comtigo, no teu leito,
de uma maneira muito bem fingida,
si, de facto, não o amas, no teu peito.

Como o artista, de gloria inattingida,
elle deve scismar do teu defeito,
não podendo, porém, de alma ferida,
comtigo conversar a meu respeito.

Tambem, por mim, não te apaixones, nunca,
pois, o amôr, quando é forte, sempre junca,
de espinho e cardos, o lençol do chão.

Eu devo ser, na tua intimidade,
um motivo de simples variedade,
para os teus olhos e o teu coração.

Gil Duarte

De Gilberto Veiga

Passeára os olhos azues sobre os caracteres vacillantemente traçados:

"Senhora.

Não vos venho offerecer thesouros, que não possúo. As flores que vos mando são o apreço da minha admiração e do violento sentimento que a vossa figura impressionantemente graciosa me cavou no espirito. O unico fito destas linhas é implorar-vos, apenas, um sorriso. Mas um sorriso que seja para mim, exclusivamente para mim. Não peço muito, bem vêdes: uma unica moeda, subtrahida de um cofre cheio, não empobrece o seu possuidor. A vossa bocca, que se abre fresca como uma camelia, numa attribuição de felicidade e de encantamento em fórma de gorgeio, bem poderá, si quizerdes, tornar feliz, sem prejuizo vosso, um homem que amarga a vida como um leproso.

A resposta destas linhas procurarei com o homem que tem a ventura de guardar, como uma sentinella da belleza, a entrada do vosso ninho de amor e sonho. — Paulo."

— Interessante, não ha negal-o! Um sorriso... Mal sabe esse ingenuo que os meus sorrisos queimam como o ferro em braza e cavam uma desventura para sempre. Emfim, elle o quer, assim o seja. A mim, que importa mais um ou menos um?

Erguera-se vagarosamente e, serpenteando dentro de um "peignoir" riquissimo, aproximou-se de uma mesinha de ébano, tomou entre os dedos delgados uma caneta de oiro e, numa folha branca de papel de linho, escreveu o assentimento da entrevista, marcando-a para o dia immediato, das tres ás quatro horas da tarde. Premiu em seguida o botão electrico de uma campainha, a cujo estridulo se apresentou um "garçon" de uniforme azul cheio de botões doirados e galões vistosos. Entregou-lhe a carta, recommendando fosse ella dada a um homem que diria chamar-se Paulo e que a deveria procurar na portaria.

Ordens dadas, ordens cumpridas. Tudo correu á medida dos desejos da remettente formosa e do destinatario ansioso.

Tem phases interessantes e curiosas o coração!

O rapaz, que tão ardentemente aguardava a resposta donde dimanaria a sua felicidade como si de um filtro magico, ou a sua desgraça longa como si uma ampulheta a escoasse morosamente, ao recebel-a, sentiu uma oppressão enorme, num mixto de tristeza e alegria, de prazer e dôr, como si ella fosse, simultaneamente, portadora de futuros contentamentos e de agoureiras e irremediaveis desventuras. Assim, a carta laconica e branca lhe acariciava a pelle e lhe mordia as mãos tremulas, irrequietas.

* * *

Faltavam cinco minutos para as quinze horas marcadas, quando Paulo entregou o seu cartão de visita ao porteiro da dama esculptural. Foi recebido immediatamente.

No corredor que o conduzia a um "bodoir" pequeno e luxuoso, os seus passos morriam abafados no tapete persa, de alto preço.

Como uma serpente venenosa e diabolica que conhece o valor de suas presas e a suggestão do seu horror, Julieta, senhora dos effeitos infalliveis dos seus encantos magicos e contornos seductores, esperava a sua nova victima com um traje summario e entontecedor, provocante e lascivamente estirada sobre a pelle real de um tigre de Bengala, braços e seios nús, e uma rosa rubra machucada nos dentes de marfim, confundindo pe-

(Cont. na pag. seguinte)

CHIMERA

Na solidão: refúgio de infelizes,
A cathedral do dia se esboróa.
E o poente, á superficie da lagôa,
Desenha um rendilhado de matizes...

Ronrona o moinho em frente: a voz ecôa...
E do rodizio ao valle, entre as raizes
Do arvorêdo, aos balanços e deslizes,
Brilhando, a lympha de crystal cachôa.

A varzea, em flôr, a sandalo trescala...
Na transcendencia dessa tarde-opala,
Parece que anda algum destino erral...

Sou eu — ó sorte de infinita mágoa! —
Que vou, em sonho, os olhos razos d'agua,
Jogando a alma, aos farrapos, pelo azul!

RUY CÔRTES

O ESQUECIMENTO INUTIL

OCTAVIO Balassis desceu do trem ás tres da tarde. Dirigiu-se ao hotel, fez sua toilette e sahiu para a rua, afim de percorrer a cidade, que deixára havia quatro annos para ir dirigir, no estrangeiro, a succursal do banco de seu primo Leopoldo Levinot, homem rico, autoritario, que o tratava sempre como a um subalterno.

Foi ao banco de Levinot, onde immediatamente, e com benevolencia, o recebeu seu primo, que o felicitou pelo acerto com que desempenhára seu cargo no estrangeiro e lhe confirmou que o chamavam á capital para confiar-lhe a direcção do pessoal e dar-lhe uma porcentagem nos lucros de seus negocios. A alegria do sr. Balassis foi enorme e elle agradeceu a seu primo com tal effusão, que o sr. Levinot abandonou sua frialdade habitual para tratar Balassis como a um collega.

— E agora, que já falamos de negocios — disse Balassis — permitte-me que te felicite de viva voz por teu casamento.

— Agradeço-te — respondeu Levinot — tanto mais quanto sou muito feliz. Encontrei uma mulher bonita, intelligente, distincta, que me ama e a quem eu amo...

Balassis ficou espantado de tanto enthusiasmo e comprehendeu que o primo estava apaixonado por sua mulher.

— Casaste ha uns dezoito mezes? — perguntou Octavio, para dizer alguma coisa.

— Sim. Conheci minha mulher em casa das Baluzier, um salão um pouco misturado. Mas alli a vi severa, distante, vestida com sóbria elegancia; uma joven cuja belleza, cheia de distincção, me impressionou. Informei-me discretamente. Chamava-se Marcelina Helonin. Era viuva, sem fortuna. Conversámos. Tive, apesar de sua reserva, a revelação de uma alma incomparavel, cuja pureza resistira ás impurezas da vida. Sympathizámos um com o outro, e a sympathia se transformou em amor. Esta é a historia de meu casamento, querido Octavio. Desde então, cada dia comprehendi melhor o valor do thesouro que conquistei. Mas tu mesmo julgarás, porque esta noite verás minha mulher. Preveni-a de que irias jantar comnosco, em nossa casa. Não digas que não!

Não era essa a intenção de Octavio Balassis. A amabilidade de seu primo o captivava. "Como se tornou amavel! — pensou. — A felicidade transformou-o. Comtanto que agrade a sua mulher..."

— Querida Marcelina, apresento-

REGENERAÇÃO

(Conclusão)

talas e carne, aroma e halito, lendo ou fingindo ler, uma revista polychromica.

Paulo surgira, modesto e nervoso, na porta ornada de crystaes sumptuosos. Ao contemplar quasi desnuda e admiravel, cheia de seducções e de peccados, a mulher dos seus sonhos, teve um pasmo formidavel: seus pés receavam avançar, e a lingua, a quem o cerebro embotado negava animar, inertizara como si o sangue lhe fugisse de todo o corpo.

Ella voltou-se e, com uma voz muito doce e terna, convidou-o a approximar-se, offerecendo-lhe um tamborete de pão-santo, ao pé de si. Um sorriso breve brincou nos labios finos e sensuaes da actriz afamada e gloriosa, encorajando o rapaz entorpecido.

* * *

A tarde acabava de agonizar, esmagada pela escuridão que descia devagarinho, quando Paulo retomou a sahida, abandonando a tepidez daquelle ninho. Ia, rua em fóra, abalroando aqui e acolá um transeunte apressado, vendo em cada "vitrine", em cada mulher, em tudo e em todos, pedaços dispersos da sua amada, recordações esfuziantes e doidas que lhe dilatavam as narinas e as pupillas, impregnando-lhe o olfato de um perfume que transtornava o cerebro, sentindo-se dominado por uma sensação agradavel, que lhe percorria a pelle em fremitos sensuaes.

Julieta, como não tinha espectaculo áquella noite, deixára-se ficar pensando em aventura tão bizarra quão fóra do commum: nem joias, nem versos, nem vestidos caros: palavras repassadas de profundo amor e respeito, que ella esmagára entre as dobras do damasco comprommettedor, matando o platonismo que aquella alma bôa lhe tributára, grande, fervoroso e immaculado.

Seus nervos e seu cerebro, excitados, procuravam recompôr as maneiras distinctas do rapaz que lhe pedira sorriso como premio de felicidade nos seus mais intimos detalhes. Achava-o, agora, differente de todos os homens que lhe compravam, numa disputa tremenda, os affectos e os amores fingidos. E cerrando docemente os cilios longos, fez uma confidencia e uma consulta ao seu coração e á sua consciencia, como si o arrependimento lhe houvesse tocado os orgãos da sensibilidade:

De Frederic Boutet

te meu primo Octavio Balassis, de quem já te falei.

O senhor Balassis inclinou-se deante de uma formosa mulher, de fórmas esbeltas e cheias em seu vestido perfeito: de rosto puro, regular, maquillado com arte e discreção.

— Cavalheiro, muito prazer em vel-o! — disse a senhora Levinot. "Onde já vi eu essa mulher?..." — perguntava a si mesmo o senhor Balassis.

Durante o jantar, elle repetiu varias vezes a mesma pergunta. Estava certo de ter visto a senhora Levinot em outra parte... Onde? Procurava recordar-se. Mas não o conseguiu. De vez em quando, olhava a senhora Levinot, furtivamente. Uma ou duas vezes seus olhares se encontraram. De repente, no terceiro encontro de olhares, elle estremeceu. Agora se lembrava... Mas não era possivel! E ao mesmo tempo que estremecia, ao se recordar, leu nos olhos da linda mulher que ella comprehendia que elle a reconhecia.

Não sabia de seu espanto. Conhecêra a senhora Levinot vinte annos atraz... Recordava o atelier do esculptor Chandier, um mundo de artistas bohemios, e, entre elles, a amante de Chandier e de todos... Era modelo, e sua leviandade era notoria... Chandier, num accesso de ciume, ao conhecer suas traições, pretendeu matál-a com um compasso. Mas apenas a feriu numa das mãos. Os olhos de Balassis fixaram-se na senhora Levinot. Distinguiu, meio occulta sob um relogio-pulseira, uma imperceptivel linha rosa que riscava a pelle delicada. Ao mesmo tempo, percebeu que a joven notára seu olhar.

Passaram ao salão de fumar. A situação parecia terrivel ao senhor Balassis. Devia revelar a Levinot o engodo de que fôra victima por parte daquella mulher indigna?

O telephone chamou Levinot, e a senhora Levinot e Octavio ficaram sós.

— O senhor não ama as artes? — disse ella, de repente. — Não foi collecionador de quadros, de esculpturas?...

— Nunca, madame — respondeu o senhor Balassis. — Não tive tempo. Mas, coisa curiosa!, soube, ha alguns annos, que um cavalheiro que tinha o meu nome e (coisa ainda mais curiosa!) se parecia muito commigo frequentou os studios de Montmartre...

— Já sei — disse a senhora Levinot — que o senhor é um homem serio e capaz...

Não tinham mais nada a dizer. Além disso, Leopoldo Levinot, que acabára de telephonar, entrava, magestoso, no salão...

Se elle quizesse! Mas, não! Não iria propôr-lhe uma infâmia. Ella, que trocava o corpo pelo oiro vil! "Os olhos são os espelhos da alma". E os delle revelaram um caracter rutilo e forte. Mas, si ella abandonasse tudo para ser delle, tornando-se virtuosa e pura, que infamia haveria na união perante Deus e a lei? Tambem Magdalena peccou e nem por isso deixou de merecer o perdão do Suave Rabino da Galiléa. E ella não era mais culpada que as outras. O Destino apenas fez do seu corpo uma amphora de seducções e de peccados, deixando-a ainda, como uma affronta ao vicio e á embriaguez dos sentidos, exposta sobre o tablado de um palco a milhares de olhos cupidos, sensuaes e atrevidos."

* * *

Decorreram trinta dias suaves e bons para os dois apaixonados. Julieta recebia, em seu "bungalow" elegante — outrora colmeia de enxame continuo — apenas, o homem que se acercára da sua mocidade e do seu fausto, impellido unicamente pela natureza e pelo ardor espontâneo do seu sangue novo, com o qual, em longas palestras, quando o sol declinava bordando de oiro a fimbria do poente, ou, de mãos dadas e olhos nos olhos, no pequeno «hall», em noites constelladas, onde a lua se diluia em ondas leitosas de caricias, permaneciam mudos e sonhadores, antevendo, no seu futuro, dias risonhos e felizes, cheios da tagarelice de um bebê rosado e lindo.

E assim, numa harmonia absoluta de pensamentos e de genios, resolveram casar-se.

Os jornaes, certa manhã, bisbilhoteiros e loquazes, em letras gordas, annunciavam, revolucionando a arte theatral e o vasto publico da afamada artista:

"A celebre actriz Julieta Viveiros — celebre pelos seus dotes physicos e voz de sereia encantada — acaba de renunciar ás glorias do palco pela pacatez do lar. Seu consorcio realizar-se-á ao meio dia, na capella de sua residencia, verdadeira maravilha de arte e gosto."

E, hoje, dá prazer assistir ao enlevo e carinho do joven par em excursões matinaes, a pé, ao longo das praias brancas, beijadas pelo sol e radiante de felicidade, cabeças quasi unidas, onde a ternura mansa e o amor sincero e lindo teceram uma grinalda maravilhosa de harmonia, baluarte intransponivel e forte erguido contra a desventura.

O "GLORIA SCOTT"

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

(Continuação do numero anterior)

— O homem, continuou Trevor, foi tomado por meu pae ao seu serviço, como jardineiro; depois, como este trabalho lhe não agradasse, passou a despenseiro. Dentro em breve se tornou insupportavel, pondo e dispondo de tudo a seu bel-prazer. Como as criadas se queixavam da sua linguagem grosseira e continua embriaguez, meu pae augmentou-lhes os ordenados para as indemnizal. Não contente com isto, o animal apossou-se do barco e da melhor espingarda de meu pae, para se entreter em caçadas. E tudo com um ar ironico e piscadellas de olho tão insolentes, que se não fosse elle ser um velho, ter-lhe-ia batido vinte vezes. Asseguro-te, Holmes, que muitas vezes precisei ter mão em mim para o não esbofetear; hoje penso que talvez fizesse mal em me conter. Emfim, para encurtarmos razões, o patife ia-se tornando cada vez mais insupportavel; até que um dia respondeu insolentemente a meu pae na minha presença. Não resisti então. Agarrei-o pelos hombros e pul-o fóra do quarto. Fez-se livido, e ao sahir deitou-me um olhar de odio, um destes olhares que são mais expressivos do que todas as palavras. Ignoro o que em seguida se passou entre elle e meu pobre pae; o que é certo é que meu pae me veiu pedir para apresentar as minhas desculpas a Hudson. Recusei-me, é claro, e censurei-o por permittir a esse miseravel semelhantes liberdades com elle e com as pessôas da casa.

— Ah! filho, respondeu elle. Tudo isso é bom de dizer. Não imaginas a situação em que estou. Mas has de sabel-o, juro-te, aconteça o que acontecer. Não julgues muito severamente ao teu pobre e velho pae!

Estava muito commovido, e foi fechar-se, o resto do dia, no escriptorio onde, através da janella, o vi escrever agitadamente. Naquella mesma noite julguei que tinha chegado emfim a hora de nos vermos livres do patife, porque elle proprio nos communicou que tencionava deixar-nos. Quando acabavamos de nos sentar á mesa, entrou na sala de jantar, e deu-nos parte do seu projecto, numa voz grossa e avinhada.

— Já estou farto do Norfolk, disse elle. Vou visitar Beddoes, em Hampshire. Supponho que terá tambem um grande prazer em ver-me.

— Espero ao menos que partirá sem nenhum resentimento, Hudson? disse-lhe meu pae, num tom humilde que me poz fóra de mim.

— Não pediu ainda desculpa, resmungou elle, deitando-me um olhar furioso.

— Victor, disse meu pae, voltando-se para mim, de certo reconhecerás que trataste este pobre homem um pouco rudemente.

— Pelo contrario. Acho que tanto o meu pae como eu demos prova de uma excepcional paciencia.

— Acha então isso? retorquiu Hudson. Pois bem! Veremos. E sahiu do quarto, bamboleando-se.

Meia hora depois partia, deixando meu pae num estado de nervos indescriptivel. Desde essa occasião todas as noites eu o sentia andar no quarto de um lado para o outro. Quando elle já começava a estar um pouco mais calmo, um ultimo golpe veiu deital-o abaixo.

— E por que fórma? perguntei ansiosamente.

— Pela fórma mais extravagante que possas imaginar. Chegou hontem, dirigida ao meu pae, uma carta vinda de Fordingbridge. Leu-a, apertou a cabeça entre as mãos, e começou a correr em roda pelo quarto, como louco. Quando por fim consegui sental-o no sofá, notei que tinha a bocca contrahida e os olhos espantados. Comprehendi que ia ter um ataque. O dr. Fordham, chamado á toda pressa, ajudou-me a deital-o, mas não poude sustar os progressos da paralysia. O desgraçado nunca mais deu signal de reanimar-se, e estou com receio de que já o não encontremos vivo.

— Mas isso é horrivel, Trevor! exclamei eu. Que podia então dizer a carta para produzir esse effeito fulminante?

— Nada. E' um verdadeiro enigma. A carta é absurda e não tem sentido algum... Ah! meu Deus!... Era justamente o que eu temia!

Acabavamos de chegar junto de casa, e vi que todos os stores estavam descidos. Corremos para a porta, e um sujeito vestido de preto veiu ao nosso encontro.

— Quando se deu a catastrophe, doutor? perguntou o meu amigo, em voz sumida.

— Logo depois da sua partida.

— E chegou a readquirir a razão?

— Sim, momentos antes de morrer.

— Pronunciou algumas palavras que me fossem dirigidas?

— Disse simplesmente que os papeis estavam na gaveta do fundo da secretária japoneza.

Trevor foi com o doutor ao quarto do morto, e eu fiquei sosinho em baixo, meditando sobre os singulares acontecimentos que elle me relatára. Pouco a pouco invadiu-me uma tristeza, como nunca sentira até então. Qual seria o passado desse Trevor, que fôra umas vezes jogador de box, outras viajante e outras mineiro? Como tinha elle cahido nas mãos desse maritimo de aspecto suspeito? Porque motivo uma simples allusão ás iniciaes que trazia no braço o tinha feito desmaiar? Por que é que a carta de Fordingbridge o tinha aterrado a ponto de lhe provocar a morte?

Lembrei-me então que Fordingbridge era do Hampshire, e que o tal Beddoes, que o Hudson tinha ido visitar, provavelmente para o arreliar, morava naquelle mesmo condado.

A carta fôra provavelmente escripta para annunciar que o segredo desses dois homens fôra revelado; ou então provinha de Beddoes, que advertia o seu cumplice de que a revelação estava imminente. Até aqui tudo ficava perfeitamente claro.

E comtudo o meu amigo disséra-me que a carta era incoherente e disparatada! E' que não a tinha comprehendido. Provavelmente aquella linguagem confusa escondia uma dessas chaves enigmaticas que dão ao sentido das palavras um engenhoso disfarce.

— Preciso vêr a carta, pensava eu commigo. Estou convencido de que hei de decifrar o enigma.

Ainda durante uma hora, ás escuras, procurei resolver o problema. Por fim uma creada que chorava veiu trazer-me uma luz, e atraz della entrou Trevor, pallido, mas com o rosto calmo. Trazia na mão precisamente estes papeis que está vendo sobre os meus joelhos. Assentou-se deante de mim, collocou a lampada na borda da mesa, e apresentou-me uma folha de papel acinzentado, onde estavam escriptas as linhas seguintes: "A matta da caça em Londres está para ser descoberta. O caçador Hudson, segundo creio, já mandou fornecimento; disse ter remettido tudo. Se faisão foge, ao menos salva e guarda tua faisôa com vida". Creio bem que a minha cara, quando li estas linhas, não exprimia uma estupefacção menor do que a sua ha pouco. Reli-as com muita attenção, e convenci-me de que tinha adivinhado, quando suppuzera que aquellas phrases irrisorias tinham um sentido occulto. Nestas palavras: "faisão foge" e "tua faisôa", haveria uma significação convencionada? Se assim era, a significação só poderia descobrir-se por meio da chave.

Eu suppunha ir pelo bom caminho: a presença da palavra "Hudson" indicava bem qual era o autor da carta. Esta provinha de Beddoes e não do maritimo. Tentei ler ás avessas: mas: "vida com faisôa" não dava resultado animador. Tentei lêr então supprimindo uma palavra em cada duas; mas nem "o da em está", nem "segredo caça Londres" faziam sentido. De repente descobri a chave: tomando uma palavra de cada tres, a partir da primeira, achei um sentido capaz de levar ao desespero o velho Trevor.

O aviso era conciso e claro:

"A caça está descoberta. Hudson já disse tudo; foge, salva tua vida".

Victor Trevor escondeu a cabeça nas mãos claras.

— É de certo isso! exclamou. É peor do que a morte. Porque é a deshonra ao mesmo tempo. Mas que querem dizer estas palavras "caçador" e "faisôa"?

— Isso não tem nenhuma significação na carta; mas poderia significar para nós muito se não tivessemos outra maneira de descobrir o autor. Repara que elle começou por escrever:

"A caça está descoberta", etc. Precisava depois, para pôr em execução a cifra estabelecida, ligar cada uma destas palavras por meio de duas outras que occupassem o espaço deixado em branco. Empregou naturalmente as primeiras palavras que lhe vieram á idéa. Ora, servindo-se elle de tantos termos de caça, leva-nos a crêr que estamos na presença de um apaixonado caçador ou de um creador de aves. Que sabes tu desse Beddoes?

— Lembro-me realmente agora que elle convidava meu pae todos os outomnos, para ir caçar nas suas propriedades.

— Então não ha duvida que foi Beddoes quem escreveu essas palavras. Só falta agora descobrir o segredo que póde ligar dois homens ricos e respeitados a esse Hudson, a ponto de os collocar á mercê do patife.

— Ah! meu bom amigo, receio bem que isso seja um mysterio em que o crime e a deshonra andem envolvidos! Mas não tenho segredos para ti, e vou mostrar-te a confissão que meu pae escreveu, logo que Hudson se tornou perigoso. Encontrei este papel no movel japonez, como o doutor tinha dito. Aqui o tens; lê alto; eu por mim não tenho forças nem coragem para o fazer.

Estes mesmos documentos que lhe vou agora ler, meu caro Watson, são os que eu nessa noite li a Trevor.

Vem encimados com o titulo de: "Notas sobre a viagem do navio "Gloria Scott" desde a sua partida de Falmouth a 8 de outubro de 1855 até á sua perda a 75° e 20' de latitude norte e 25° e 14' de longitude oeste, a 6 de novembro".

As notas estão escriptas em fórma de carta:

(Continúa na pagina seguinte)

"Meu adorado filho.

"Agora que nada me póde já salvar desta deshonra que me envenena os ultimos annos de vida, tenho o dever de te declarar toda a verdade.

"Quero dizer-te que o meu desespero não é causado nem pelo terror de cahir nas garras da lei, nem tão pouco pelo receio de perder a consideração dos que me conheceram.

"Só me acabrunha a certeza de que has de ter de chorar por minha causa, tu, meu filho, a quem tanto amei, e a quem nunca dei motivo para me negares o teu respeito. Mas se hei de ter que supportar o golpe que me ameaça, antes quero que por mim proprio saibas a que ponto fui culpado.

"Se não se dér a catastrophe — e é isso o que mais peço a Deus — e se esta carta te fôr parar ás mãos, então supplico-te, pelo que ha de mais sagrado para ti, pela memória de tua mãe, pela affeição que nos une, que queimes este papel antes de acabares de o lêr e não penses mais no que vou agora dizer-te.

"Portanto, si algum dia vieres a lêr o que estou escrevendo, signal é de que eu fui denunciado, expulso de minha casa, ou então, o que é mais provavel, que, por causa da minha doença de coração, a morte para sempre me paralysou á fala. Em qualquer dos casos, a hora da dissimulação passou. Tudo o que vou escrever é a verdade pura, juro! Que Deus tenha piedade de mim!

"O meu nome, meu querido filho, não é Trevor. Chamo-me James Armitage. Já pódes comprehender agora a razão do abalo que senti quando o teu amigo me dirigiu palavras das quaes parecia poder deduzir-se que elle descobriria o meu segredo.

"Foi pois com o nome de Armitage que entrei como empregado numa casa bancaria de Londres, e com este mesmo nome trangredi as leis do meu paiz e fui condemnado á pena de deportação.

"Não sejas muito severo commigo, meu filho querido. Tinha que pagar uma divida de honra, e gastei nisso dinheiro que não me pertencia, convencido de que poderia repôl-o antes de terem dado pela sua falta. Mas a má sorte perseguia-me. Não pude arranjar a tempo a somma que necessitava, e um inesperado exame das minhas contas fez com que o desfalque se descobrisse.

"Poderia ter sido tratado com mais indulgencia; mas, ha trinta annos, as leis eram mais rigorosas do que actualmente; e aos trinta e tres annos vi-me preso como ladrão e encerrado, com mais trinta e sete condemnados, no porão do navio "Gloria Scott", que ia para a Australia.

"Passava-se isto em 1855 quando a guerra da Criméa estava no auge. Os navios ordinariamente empregados do transporte dos condemnados eram mobilizados para o Mar Negro, e o governo via-se reduzido a ter que lançar mão de navios menores e menos proprios para transportar os degredados.

"O "Gloria Scott" fôra empregado na China no commercio do chá; era um navio velho, e as novas embarcações de vela tinham-no supplantado. Era um barco de 500 toneladas e, além dos trinta e oito degredados, levava vinte e seis homens de equipagem, dezoito soldados, um capitão, tres contra-mestres, um medico, um capellão e quatro guardas dos condemnados; ao todo perto de cem pessoas, ao sahirmos de Falmouth.

"Os tabiques que separavam as novas cellas dos degredados, em vez de serem de espessa madeira de carvalho, como costuma ser nos navios que fazem aquelle serviço, eram delgados e frageis.

"O degredado que vinha logo atraz de mim era um dos que eu tinha notado mais particularmente, no cáes, quando embarcamos — um rapaz imberbe, de tez clara, nariz fino e comprido, e maxillas muito fortes. Caminhava de cabeça erguida e a passo firme, dando nas vistas sobretudo pela sua grande estatura. Estou certo de que nenhum de nós lhe chegaria com a cabeça á altura dos hombros. Não teria menos de seis pés e meio. Despertava curiosidade aquelle rosto cheio de energia e resolução, no meio de tantas caras tristes e abatidas.

"Este companheiro que a sorte me deparava, foi como que um pharol que eu avistasse no meio de uma tempestade de neve. Fiquei satisfeitissimo por ter um tal vizinho, e o meu contentamento subiu de ponto quando no silencio da noite ouvi muito proximo de mim um sussurro, e vim ao conhecimento de que o meu vizinho conseguira fazer um buraco no tabique que nos separava.

" — Olá, camarada, disse-me elle, como se chama, e por que razão está aqui?

"Respondi-lhe a verdade, e perguntei-lhe, por minha vez, quem era elle.

" — Chamo-me Jack Pendergast, e por Deus lhe affirmo que ha de abençoar o meu nome antes de nos separarmos.

"Eu lembrava-me de ter ouvido falar naquelle nome, porque a sentença que condemnára o meu vizinho fôra publicada pouco tempo antes de eu ser preso, e o processo tinha feito bastante barulho em todo o paiz. Pendergast pertencia a uma bôa familia e era homem de grande habilidade; mas extorquira fortes sommas aos principaes commerciantes de Londres, por meio de fraudes engenhosissimas.

— "Ah! Ah! lembra-se então do meu processo? — disse-me elle com certo orgulho.

— "Ora! perfeitamente!

— "E tambem de uma particularidade?

— "Qual?

— "Attribuiram-me um roubo de perto de duzentos e cincoenta mil libras?

(Continúa no proximo numero)

PREÇOS
DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ..... 25$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA
FON-FON e SELECTA
S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do Correio 1443.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

SUPERETTE RCA Victor

Superette RCA Victor: — equipado com 8 Radiotrons, alto-falante conico-dynamico, regulador de volume.
O seu preço é modico.

Superette é o primeiro radio Super-Heterodyno em um movel miniatura, com uma reproducção igual a das radios mais possantes. Reune em si as duas maiores virtudes da RCA Victor: a mão de obra impeccavel e a perfeição acustica.

O Superette offerece as mesmas vantagens que um apparelho muito maior em preço e em tamanho, e satisfaz o mais exigente amador de Radio.

PEÇA-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO, EM SUA CASA.
VENDAS EM 10 PRESTAÇÕES, OU NO CHRISTOPH CLUB COM SORTEIOS.

A' venda nas boas casas do ramo ou na Casa Christoph, Ouvidor, 98 — A Melodia, Gonçalves Dias, 40 — Casa Arthur Napoleão, Av. R. Branco, 122 — no Rio de Janeiro, — e na Casa Christoph, S. Bento, 35 — Casa Beethoven, Rua Direita, 25, em São Paulo.

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY